Para BH

Gustavo Barroso
(João do Norte)

TERRA DE SOL

(Natureza e costumes do norte)

6ª. edição

(Comemorativa do cinqüentenário)

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Instituto de Pesquisas Econômicas

Imprensa Universitária do Ceará
1962

468/65
918.1
B277t6
CAD. ACERVO: 77227
R 1390593 6
10/07/08
PERGAMUM
BCH/UFC
PERGAMUM
BCH-UFC

A

Coelho Neto

e

Eurico Cruz (*)

(*) Até a 2ª edição a obra era também dedicada a Félix Pacheco.

"Terra de Sol", de Gustavo Barroso, escrito em 1912, é um livro que não passa. Têm as suas páginas a vitalidade dos escritos autênticos, fiéis sobretudo à realidade que os inspirou.

O Tema central do livro é a terra nordestina e de modo especial o sertão cearense. Não retrata apenas a terra mas também a sua gente, com as tradições, os costumes e as crenças, e principalmente o drama climático que a aflige e marca, periódica e indelèvelmente, com o estigma do sofrimento: o fenômeno das sêcas e o séquito de espisódios dolorosos e funestas conseqüências.

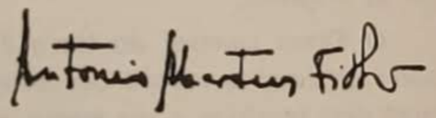
No quadro realístico que o livro oferece dêsse torrão da Pátria, a que pertencemos e de que nos orgulhamos, o autor insere os tipos humanos mais característicos do meio, e apresenta-nos êsses tipos em personagens que desvendam aos nossos olhos, graças ao talento de quem os concebeu e descreve, tôdas as suas alegrias e lutas e a índole cearense, empreendedora e ousada e ao mesmo tempo submissa à inexorabilidade do destino.

Trabalho de arte por si mesmo, dadas a espontaneidade no estilo e graças no narrar e relacionar os fatos, esta obra também se ocupa de arte, dando-nos em feliz apreciação o que há de peculiar na arte própria da terra, desde a arquitetura às manifestações simples da música e da poesia populares.

Tem, portanto, muito mérito o livro que a Universidade do Ceará lança em sua sexta edição, depois de meti-

culoso trabalho de revisão, anotação e adaptação à ortografia atual. Na opinião de muitos é o melhor trabalho da pena fecunda e brilhante de Gustavo Barroso, que deixou o seu pensamento expresso em imensa bagagem literária, cujo valor o fêz membro da Academia Brasileira de Letras e, incontestàvelmente, um ponto alto no cenário dos escritores nacionais.

A presente edição de "Terra de Sol" é comemorativa do cinqüentenário de seu aparecimento e constitui homenagem da Universidade do Ceará ao grande cearense que foi Gustavo Barroso.



TERRA DE SOL — 50 ANOS

Se é certo que "só um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo", (1) como escreveu Eça de Queirós, num prefácio em que se valeu de todo o sortilégio de sua inteligência meridional e de tôda a fôrça de sua cultura literária e humanística, é verdade conseqüente que a glória de um escritor pode se irradiar e manter no crédito de um livro apenas, mesmo quando o autor dêste livro tenha realizado uma obra excepcionalmente espaçosa e densa, que abrange perto de uma centena de títulos nos mais diferentes gêneros ou espécies — o romance, a novela, o conto, a história, o ensaio, a crítica, a sociologia, o folclore, a biografia, a finança, a política.

É evidente. Dentro dêste raciocínio pode ser colocado Terra de Sol, *de Gustavo Barroso. Livro publicado há cinqüenta anos, quando o autor ainda não contava 24 de nascido, obra por muitos aspectos imatura, serviria, no entanto, de fonte, de sugestão ou de índice, a tôda a numerosa produção regionalista dêsse escritor admiràvelmente dotado "do alto sensualismo da inteligência, da inquietação de descobrir e saber, da avidez de imaginar e criar". (2) E nesse pressuposto há de se admitir seja* Terra de Sol *não certamente a obra, numa significação de*

1. Prefácio dos "Azulejos" do Conde de Arnoso, *in Notas Contemporâneas*, 4a. ed., Pôrto, Chardron, 1923, pág. 142.
2. Gustavo Barroso. "José Maria de Heredia", *in Revista da Academia Brasileira de Letras*. Vol. 52, ns. 177-180. Set.-dez., 1936.

valor científico ou literário absoluto, porém o livro, *num sentido de originalidade temática e de lucidez realizadora.*

Livro, síntese, portanto, êsse, pois que generosamente concebido ao contato com o homem, o meio e as cousas do sertão, com tudo o que constitui o sertanejo e a sua motivação psicológica, a sua razão de ser, a sua tradição, a sua economia e o seu destino. Nêle, em suas páginas, no material que lhe serviu de tema, na sua extraordinária potencialidade de concepção e expressão, como que o autor assentaria as bases de todo um panorama regionalista que seria, com o tempo, desdobrado numa série de monografias, de ensaios, de novelas, de contos. Uma riqueza temática que inclui ampla área de conhecimento científico, humano e estético: a sociologia — Heróis e Bandidos, Almas de Lama e de Aço, *em que estuda as causas étnicas, morais, econômicas e políticas do banditismo e do misticismo nordestinos; o folclore —* Ao Som da Viola, O Sertão e o Mundo, *obras reveladoras de novos aspectos dos estudos iniciados com Sílvio Romero, Melo Morais e outros pesquisadores e interpretadores dos fenômenos relacionados com a psicologia coletiva, a antropologia cultural e matérias correlatas em que o assunto se contém; a ficção —* Praias e Várzeas, Mula sem Cabeça, Alma Sertaneja, Mapirunga; *e ainda a crônica, o ensaio, a crítica, a memória em que encontramos uma página como "Cavalo-Marinho" (3) de um admirável colorido, de uma espontânea e autêntica evocação regionalista.*

De qualquer modo, o que admira, o que espanta mesmo, em Terra de Sol, *é a sua atualidade ecológica, é o que traduz em verdade o caráter do ambiente e dos costumes sertanejos — talvez não, em sentido geral, nordestinos, porém especificamente cearenses. O assunto, por sua natureza cotidiana, muitas vêzes nos parece por demais singelo e sem propriedade científica ou interêsse de sistema. Contudo, se colocado em adequada moldura histórica, logo o apanhamos em sua perfeita identidade de ambiente e de vida e, conseqüentemente, susceptível de recolhido e analisado. E em Gustavo Barroso essa observação e essa análise adquire significação nova, por muitos aspectos — uma descoberta do evidente, daquilo que todos viam mas não percebiam nem sentiam na sua verdade essencial. Será, portanto, uma comovedora surprêsa para o observador desatento a de constatar que coisas tão simples como aquelas que existiam em sua volta se poderiam constituir assunto de livro, se poderiam transformar em poesia e ciência. Um livro êsse cujo tema é a história, o ambiente e a vida que tinha bem ao alcance de seus olhos e de seu entendimento — a terra, o homem e os animais: o sol, as noites, os ventos, as águas, as sêcas, os descampados, as serranias, as catingas, os roçados, os pastos, as casas, os cercados, os caminhos, as grotas, as penedias, os riachos; o sertanejo estabelecido, desdobrado em fazendeiro, em vaqueiro, em comboieiro, em tangerino, em roceiro; o sertanejo nômade, revestido de fama e de legenda, o cantador, o cangaceiro, o curandeiro; o boi, o cavalo, o cachorro, os bichos silvestres, as avoantes — as criaturas tôdas de sua intimidade, fácil lhe será, por aquela obra, não só identificá-las mas ainda reconhecê-las nos seus fiéis retratos. Retratos que as mais das vêzes são apenas esboços, breves traços na tela árida do sertão nordestino, mas que permanecem, pela firmeza das tintas que os gravaram, indeléveis na sua legitimidade e na sua natureza essencial.*

Argumente-se embora que desde então o caráter social e ecológico do Nordeste sofreu profundas modificações. As paisagens do sertão, ontem reboantes de aboio, de tropel de cavalo nas catingas pedregosas, de sons de viola nos desafios e descantes, de pipocar de rifles nos combates e nas emboscadas, é hoje uma monotonia de

3. *Coração de Menino,* Getúlio M. Costa — Edit., Rio, 1939, pág. 155

sirenas e de crepitar de motores. Mas os caminhões e os jipes rolantes pelas estradas mal aplainadas através de croas e carrascais, as fábricas de beneficiar algodão e as bombas de irrigar embalde tentam desfigurar a índole de um povo que foi plasmada como que a fogo, ao arrepio de generalizados antagonismos.

Capistrano de Abreu denominou a certo período da vida do sertão, aquêle do alcance dos estudos de Gustavo Barroso — visto que o feudalismo rural nordestino ainda é um fenômeno recente —, de "civilização do couro", pois em tôdas as necessidades e empreendimentos do homem sertanejo o couro estava presente como uma fatalidade social e econômica: desde o rêlho para laçar o boi e o cabresto para amarrar o cavalo, até a tiradeira, a sela e as rédeas para arreá-los; desde as malas e os surrões para o acondicionamento e transporte das mercadorias e dos gêneros, até o assento dos tamboretes e o lastro das camas onde as crianças nasciam. E essa morfologia do couro, mais a sua aspereza e resistência como que penetraram a alma do sertanejo dando-lhe feição agreste, rijeza e característica nos hábitos.

Ainda hoje, passados tantos anos, quando os caminhões alargaram as veredas por onde outrora transitavam as boiadas e os comboios, onde o perigo espreitava por trás das tronqueiras na bôca dos bacamartes e dos rifles, ainda hoje a paisagem típica do sertão cheira a alpendre, curral e chapéu de couro.

E não é só no homem, na sua arte primitiva, nas suas lendas, na sua linguagem, na sua economia, nas suas peculiaridades sociais e domésticas, que está a atualidade de Terra de Sol. *O cachorro é ainda o mesmo, de raça indefinível, magro e arqueado, às vêzes ladrão, comumente de uma fidelidade comovedora não obstante a fome que o persegue sempre, inteligentíssimo e útil — cachorro mesmo, que cão é o diabo. O cavalo é o mesmo animal esguio, sóbrio, pequeno, de cauda e de crinas longas, resistente e dócil de rédeas, às vêzes galopeiro, às vêzes baralhador e estradeiro, às vêzes choutão e campeiro, tal como se encontra no livro. A côr, a pelagem do gado bovino, igualmente à do cavalo, tem a mesma denominação que lhe recolheu o autor para os registros zoocorográficos da obra. O gado, enquanto à raça, está muito misturado ao zebu, ao holandês, ao jérsei, porém o meio lhe afeiçoou a índole e o aspecto às contingências de alimentação, de clima e de trato, que é tudo ao modo rotineiro de terras abertas, de fazendas sem fronteiras, de sêco e de verde, de ferro, de sinal, de sôlta, de pega e de feira, como era dantes.*

E quanto às avoantes, continuam a descer aos milhares, sem que ninguém saiba de onde chegam, úteis e ao mesmo tempo daninhas, paradoxais de fartura e devastação, devorando searas e pastagens, esvaziando açudes e cobrindo de ovos o chão rude das catingas, atraindo multidões — bichos de tôda espécie, gente de todos os recantos — esfaimadas de seu saboroso repasto. Por isso continuam elas a ser caçadas a tiro, a bodoques, a armadilhas, sem nenhuma temperança ou medida.

Aliás, esta pequena página, o capítulo das avoantes, o IV da segunda parte do livro, dá bem a idéia de como é forte a capacidade de observação em Gustavo Barroso. O assunto, muito bem condensado nestas poucas páginas, está todo inteiro e de modo como ninguém até hoje disse melhor.

A obra, está fora de dúvida, foi tôda escrita à base de bem feitas observações e com um contingente mínimo de orientação científica. À época em que foi redigida, certamente seriam parcos os conhecimentos do autor em assuntos de sociologia, de antropologia, de economia, de antropogeografia e das disciplinas e ciências de que o livro está repleto como material e fonte de conhecimento. Tudo o que aqui se contém, a própria história, de que havia no escritor a irresistível vocação, dá idéia de em-

pírico, de colhido do natural, como efetivamente foi, sem o repasse dos laboratórios de análise para os efeitos de classificação.

O material recolhido em Terra de Sol *daria hoje, devidamente ponderado e analisado, à luz de métodos sociológicos modernos e de outros meios correlatos de investigação e estudo, desde a economia à genética, desde a ecologia à demopsicologia, um vasto ensaio de interpretação cultural e bio-social do Ceará — do Ceará como talvez a região mais tìpicamente nordestina, isto é, aquela que pelas suas peculiaridades humanas, geográficas e históricas melhor representa o Nordeste.*

Êste aspecto, entretanto, não preocupou o autor. Como que havia nêle o interêsse de conservar o seu livro em estado de pureza, tal como o retirou da vida cearense, da natureza do Ceará, simples e verídico na sua linguagem, nos seus tipos humanos, nos seus costumes, nas suas lendas, no seu martírio e na sua poesia. Deixou-o, desde a 2ª ed., por assim dizer, tal qual era. (4) Conservou

4. As modificações introduzidas pelo autor nas diversas edições subseqüentes à 2a. não são de molde a lhe alterar o texto. Não passam afinal de simples corrigendas. Na 2a. edição (Benjamin de Aguila-Editor, Rio, 1913) lhe faria, entretan- to, alterações sensíveis, notadamente no que se relaciona com a pelagem do gado — do boi, do cavalo — e profundamente recompôs suas notas quanto ao capítulo "A Arte", enrique- cendo-o com preciosas achegas. Daí para diante apenas reti- ficou erros mais contundentes. Corrigiu algumas raras im- propriedades de linguagem, porém não cuidou de atualizar sua ortografia, êle, membro da Academia Brasileira de Le- tras e co-autor de um dicionário. Quanto à história comete- ria alguns deslizes, como êsse de atribuir o comando da ba- talha de Santa Rosa, na qual Tristão Gonçalves foi trucidado (out. de 1824), ao general Pierre Labatut (que sòmente es- taria no Ceará em 1832, no comando das tropas legalistas contra a rebelião de Pinto Madeira) em lugar de Manuel Antônio de Amorim (o Cel. Amorim); êrro que sòmente seria corrigido na 5a. ed. (Livraria São José, Rio, 1956), pág. 134. Êste ainda, entre outros: daria nome de Menezes ao fidalgo aventureiro Duarte Coelho, o que seria retificado na 3a. ed (Livraria Francisco Alves, Rio, 1930), pág. 142. Ao referir, num trecho não constante da 1ª. ed. (Benjamin de Aguila — Editor, Rio, 1912) que "as poesias amorosas do

no texto a palavra Norte *em lugar de* Nordeste *como é denominada hoje a região compreendida no polígono das sêcas. (5)*

Muita coisa teria êle de retificar e excluir no seu estudo de 1912, no seu livro de estréia, na sua obra de mocidade. Nesta obra que, não obstante, lhe daria fama para o resto da vida, que lhe abriria as portas dos silogeus, que lhe possibilitaria a familiaridade dos mestres e a integração nas altas esferas da sociedade e do pensamento brasileiros.

O que importa, no fim de contas, é saber-se que o livro, após 50 anos de seu aparecimento, está vivo, sinal de que foi elaborado à inspiração de matéria original e verdadeira. Uma obra inteiramente retirada da vida, não dos livros ou decalcada em observações e experiências alheias. Desde a linguagem, forte, inesperada, enriquecida de expressões matutas, de têrmos correntes no falar sertanejo sòmente hoje registrados nos léxicos (6) — o que certamente terá causado estranheza no seio de uma mentalidade sobrecarregada de lusismos e de parnasianismos como era a do tempo —, até as descrições do meio e a apresentação dos animais e das criaturas humanas, tudo nesta obra sugere legitimidade, define experiência, afirma vocação por parte de quem a concebeu e realizou.

BRAGA MONTENEGRO

sertão, as suas glosas e motes, têm sabor *quinhentista*" (2a. ed., pág. 247), logo modifica a época — *seiscentista* (3a. ed., pág. 246). Também a partir da 3a. ed. retiraria da dedicatória o nome de Félix Pacheco, que até então encimava a lista completada com Coelho Neto e Eurico Cruz.

5. Ao final da 5a. ed. o autor inseriu a seguinte nota: "No tempo em que foi escrito e publicado êste livro, 1911-1912, ainda não estava em uso corrente o têrmo Nordestino, hoje empregado para designar os habitantes da região das sêcas outrora denominados simplesmente nortistas."

6. Na presente edição foram retiradas do texto numerosas notas de pé de página elucidativas da significação de têrmos e alocuções regionais, já agora correntes na fala e na escrita e que em sua quase totalidade constam dos dicionários.

O MEIO

I — SÊCA E INVERNO (A TERRA) — II — A ENTREGA (A PECUÁRIA) — III — O ROÇADO (A AGRICULTURA)

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Instituto de Pesquisas Econômicas

I

Quem das brancas praias do Ceará demanda o interior das terras nota que todo o terreno sobe, muito sensìvelmente, da orilha do Atlântico para o sertão. E quando se avistar uma argila vermelha ao invés da alva areia dos tabuleiros que margeiam a costa e o olhar não mais vir o cajueiro e o cauaçu, nem as crêspas moitas viçosas de murici, guajiru, guabiraba e murta oferecerem seus frutos ao descaso dos transeuntes; quando o pau-branco se esgalhar entre cerrados de rompe-gibão, troncos altos de catandubas elegantes, e ao olhar se estenderem vastas catingas de juremas raquíticas, ensombrando touceiras de coroa-de-frade; quando cortarem o terreno largas lajes de granito e xistos argilosos, quartzitados, se esbarrondarem nas ribanceiras, por entre lascas de calcário endurecido, lenta e silenciosamente se transformando em mármore — aí começa o sertão.

O olhar se alonga, do cimo de qualquer monte, pela vasta planura, onde as serras avultam, dispersas na incoerência de remotas transformações geológicas, e a flora é uniforme, sem pormenorizações, com graduações ligeiras, leves modificações edáficas do solo que mal se distinguem. No sopé das serras a vegetação driádica, mais seivosa e mais rica, mistura-se em tufos emergentes, nos indistintos e incaracterísticos limites de sua zona, com a flora das catingas que cobrem o

sertão; e, marginando os rios, se estiram vinte, trinta léguas de carnaubais. Duas estações, quase sempre mentirosas e irregulares, existem nessa região: a sêca, que vai de junho a dezembro, e o inverno, que vai de janeiro a junho. Naquela se vive dos recursos que esta deixou. Liga-as, portanto, a mais estreita e íntima interdependência.

Procurarei dar uma idéia do que sejam essas duas estações no sertão e frisar o seu extraordinário contraste.

Morrem docemente os últimos dias de junho. Nunca mais chove. A concha do céu é dum azul inclemente que ofusca, profundo e impenetrável como a imensidade, sem uma nódoa branquicenta de cirros, muito limpo, muito nu, muito alto. O sol, rutilante, só, sem uma nuvem, flameja joeirando centelhas nas micas dos pedregais. Dias e dias não sopra a mais pequena aragem: não braceja um galho, e pesa um silêncio de túmulo por sôbre a vastidão das cousas.

Quando o vento sopra, cai em rajadas fortes, ardentes, gemendo e murmurando nas catingas sem fôlhas, varrendo a terra nua de gramíneas, as clareiras achanadas, escarnando-as, levando a areia, para depositá-la no alto sertão, nas chapadas do centro, deixando a emergir do solo raspado, desnudo, estrias de folhelhos endurecidos, pontas rijas de granitos.

Todo o sertão é duma grande tristeza, na côr, no silêncio, no aspecto; e essa tristeza em tudo se infiltra e impregna tudo: um galho que range de encontro a outro lembra um gemer de moribundo; o estalar crepitante dos gravetos pisados por qualquer animal parece um soturno falar de avantesmas; um canto de pássaro, um alto pio de ave de rapina, um guincho de

pixuna, tudo é triste e tudo é melancólico. Qualquer som que quebra o silêncio parece mais triste que o próprio silêncio.

Da terra côr de oca, avermelhada, da argila granitada de grossa sílica, dos granitos rompendo a terra em pontas que se adunam e denteiam desajeitadas, esparsas, às vêzes rubras, outras branquicentas, outras sujas, tôrvas, quase sempre inclinadas para resistirem à erosão das águas, desprende-se um bafo de quentura armazenada; e o barro de louça, o tijuco, o massapê cinzento das várzeas, já todo estriado, abre-se, fende-se, lasca-se, escancela-se ao calor. Nos meses de inverno, o gado deixou-lhe na moleza visguenta a fôrma profunda dos cascos. Veio o sol. Os moldes ficaram endurecidos, cozidos à canícula; os bordos rijos espetam e cortam; só a planta rude e cascuda do sertanejo pisa insensível por ali em fora.

Nas várzeas extensas que perlongam os rios, onde as carnaubeiras guardam a memória do seu sofrimento nas grandes sêcas passadas em cada cintura do caule atrofiado à falta de seiva, o carnaubal, abandonado dos frutos e dos pássaros, sussurra dolorido, saudoso; entristece, murcha, acinzenta-se, como se o sol e o vento o empoeirassem. E a folhagem dos arvoredos vai amarelecendo aos poucos. As fôlhas dos marmeleiros agrestes do carrascal para logo pendem, avermelham e caem, juncando dias e dias o solo nu, como descoradas manchas de sangue, até que um dia a brisa da tarde as leva e espalha em turbilhões pelo ar, como grandes asas palpitantes de borboletas mortas. Depois as árvores vão-se destoucando e se vão despindo: e por todo o começo de agôsto o olhar experiente e observador vai notando que dia a dia se desnuda mais uma árvore. Ontem foi o pau-branco que ensombrava o canto do curral; hoje, a umarizeira que beijava o telhado da casa; amanhã, a ingàzeira esgalhada que dominava o

terreiro; depois, a catanduba alta da capoeira próxima; depois, os sabiás do cercado, os jucás da varjota, os mulungus da baixa, os angicos, as juremas, as umburanas; e por fim tôdas, tôdas, tôdas... Começa o letargo dessa vegetação interessante, xerófita ao tempo da sêca, higrófita no inverno, morta e ressequida na aparência, enquanto que, silenciosa e latente, a seiva fermenta nos seus fortes órgãos de repouso e hibernação.

Ao princípio ainda a vegetação das croas ou terrenos de aluvião nos cotovelos bruscos dos rios, a das catingas enormes resistem, enquanto que a dos carrascos logo se fanou e morreu, estorcendo-se os galhos negros, sem fôlhas, como destramados sarmentos de vide numa grande cêpa abandonada.

Poucas árvores ficam eternamente verdes e orgulhosamente ostentam sua fôrça extraordinária e sua vitalidade imperecível, num doloroso contraste com a miséria que as cerca. São a oiticica, o juàzeiro e a canafístula. (xerófitas)

Os cardos, o mandacaru, o xiquexique, o facheiro não morrem; filhos da pedra e do areal, não sentem o efeito das sêcas. O matuto atira-os aos braçados em fogueiras e, quando o fogo já lhes queimou os duros espinhos, limpa-os para o gado comer. Os jumentos comem-nos com voracidade. O próprio homem, quando a miséria é grande, assa-os às brasas e devora-lhes o miolo branco, salobro, fôfo.

A natureza compungida tem o desolado aspecto da desgraça e se recolhe no grande silêncio do sertão combusto, sòmente quebrado pelo som de picaretas que escavam a terra, perfurando poços, ao longe, na luta terrível do homem pela água, que avaramente se esconde nas baixas camadas do subsolo, além de piçarras desagregadas, de arenitos, fugindo à aproximação do sertanejo sequioso em veios esquivos que fluem entre rochas e serpeiam em condutos envesgados.

Por vêzes, uma rês horrìvelmente magra arrasta o passo tardo, vagaroso, apartando aos tropeços os garranchos do mato sêco, chagada, o cabelo a cair, suja, muito triste, imagem viva da fome a buscar alimento, estátua animada da sêde a procurar água, resfolegando de cansaço e fraqueza, arquejando ao calor, os olhos vítreos pregados ao solo e mugindo, dolorosamente mugindo.

O pasto sêco, porém substancioso e nutritivo, acama-se nos limpos, nos prados, nas capoeiras, e dura muito tempo alimentando o gado. Mas, às vêzes, por infelicidade, nesses meses de sêca cai uma chuva inesperada, extemporânea, molha o pasto e fá-lo apodrecer, muito embora o sol lhe seque as primeiras camadas. É enorme, então, o prejuízo. O panasco, o mimoso, o milhã, tôdas as gramíneas, quando a sêca demasiadamente se prolonga, de muito ressequidas e fanadas, desprendem-se do solo; varre-as, então, o vento, quando sopra rijo, escarnando o chão, carregando a argila para longe, deixando à mostra a ossada granítica da terra. Mas num cantinho, numa frincha do terreno, numa grêta da rocha ficam as sementes miúdas, invisíveis, com o seu poder de longa germinalidade, na muda paciência dos inanimados, esperando que a chuva ensope a boa mãe das plantas, para brotarem de novo.

Não é quase sempre, como se pensa, a falta total de chuva que faz a miséria dos sertões do Norte. É antes a sua inconstância e a sua extemporaneidade, acrescidas das circunstâncias delas próprias decorrentes. Mostro alguns exemplos: um indivíduo planta um roçado de milho; êste cresce e apendoa; é-lhe necessária uma chuva que o livre da lagarta. Não chove. A lagarta devora a plantação. Num terreno dum antigo roçado, planta algodão; êste cresce e flora; são-lhe precisos uns tantos dias de sol para que se desatem e branquejem os capuchos. Contra tôdas as regras, previsões e expe-

riências, num dia de sol ardente cai uma chuva súbita, brutal e queima todo o algodão. O pasto está encanado e prestes a sementar; falta uma hora de chuva. Não chove. O pasto morre. Depois de morto, a chuva cai.

Tanto assim é que, quase sempre, numa parte do sertão há, depois do inverno, muito pasto e nenhuma água — as chuvas finas e constantes criaram o capim, mas não encheram poços e açudes; noutras há muita água e nenhum pasto — as chuvas fortes e pesadas encheram os reservatórios e mataram a pastagem. Até neste último caso, o matuto diz que a chuva lavou o pasto, enfraquecendo-o.

Muito tempo dura o pasto sêco, como reserva de alimento, quer em capoeiras, quer em cercados adrede feitos, se o não fizer apodrecer uma chuva súbita, fora de tempo, se um comboieiro descuidoso ou um passageiro indiferente não atirar uma ponta de cigarro acesa, um morrão fumegante do cachimbo no meio do capinzal.

Então crepita e estala uma touceira de capim. A chama cresce, devora-a, passa a outra, cresce mais e mais. Um balde de água, um sapatear de pés fortes apagariam aquêle nascer de incêndio. Mas ninguém viu e ninguém sabe. Sôbre aquêle clarão incipiente sòmente se arqueia a indiferença do céu e aos seus pés estende-se sòmente o plaino vasto do sertão.

Surgem labaredas do solo, erguem-se alto em convulsões epilépticas no ar, alanceiam rubramente o espaço, lambem os troncos lisos e direitos das carnaubeiras, tostando-os, tisnando-os, enegrecendo-os. Aumentam. Correm por sôbre o capinzal com incrível velocidade. Atiram-se aos capões de mato sêco, esgalhado, garranchento, como vagas, num turbilhão coruscante

de labaredas que se enroscam, estortegando, de brasas que voam, de faíscas que cintilam, de galhos que se estorcem debatendo-se, que fagulham, gemem, estalam e bradam!

Passa no ar um hálito abrasado, e o vento açoita, silvante, rijo, a torrente de fogo, curvando, acamando as línguas rubras, como outrora acamava os tufos de panasco, levando pelo espaço o rumor crepitante da queimada.

E o incêndio temeroso, doudejante, ensangüentado, galopa, voa e vai queimando, queimando...

As altas chamas enoveladas afastam-se, choframse, investem furentes, rabeiam baralhando-se, destramam-se lambendo as folhagens encarquilhadas e os troncos resinosos que estrondeiam e atroam, fumarando...

Enquanto lambe os carrascais e devasta as várzeas, é simplesmente terrível; mas, quando ganha as catingas ressequidas e imensas, tem a grandeza trágica das cousas formidáveis.

Um sertanejo, passando descuidoso no viso dum cêrro distante, andando a espreitar a caça, rara e esquiva, nos roçados desertos, ou cochilando de calor à sombra do alpendre, sente o bafejo ardente da queimada, ouve a crepitação longínqua do matagal sêco, vê a labareda altear-se e o fumo que se eleva, rubro e sangrento em baixo, quase negro, pesadamente turbilhonando, depois, já esbranquicento mais em cima, por fim diluindo-se no céu claro com a transparência suave das névoas esgarçadas. Solta o alarma: estruge pelo sertão, pausado, rouco, sinistro, o som dos búzios da praia; ecoa nas quebradas o toque roufenho das buzinas de chifre.

Correm vaqueiros, donos de fazenda, agregados, jornaleiros, todos de foice, de enxada, de machado — e lá se vão atalhar o fogo, combatê-lo, dominá-lo, deci-

didos e audazes. O flagelo é comum; a salvação será para todos: ninguém hesita.

E começa a luta do homem contra a chama. As enxadas se abatem, os machados rebrilham com tons flamíneos nos gumes brunidos. Faz-se um aceiro. Rasga-se no mato forte, espinhento, um largo trilho, bem limpo de ervas e gravetos O fogo chega ali, queima ferozmente os últimos ervanços secos, enrodilha-se nos últimos arbustos; depois fenece, abranda e morre num crepitar final de galhos resinosos, num derradeiro borbulhar de fogachos rubros. Está salva uma grande zona, seus matos, pastagens, cêrcas e edificações. Mas acontece, e não raramente, que na precipitação o aceiro é mal limpo e o fogo transpõe o empecilho pelo leve fio duma haste de capim; ou, então, o vento é forte e as fagulhas vão levar o incêndio mais adiante, além do aceiro — como se fôssem o pólen da destruição.

Ninguém desanima. A serenidade admirável do sertanejo não se turva. A luta recomeça mais encarniçada e mais terrível.

Quase sempre saem vencedores aquêles homens enérgicos, brônzeos, que a sorrir e a gracejar, de ferros em punho, perolados de suor, coloridos os rostos rudes de reflexos vermelhos, cortam caules, talham ramos, decepam galhos, degolam arbustos, falquejam troncos, abatem árvores, titânicamente. Se, porém, de exaustos e impotentes renunciam à resistência, o fogo lavra pelo sertão em fora, dias e dias, até morrer exaurido à margem dum largo rio sêco — aceiro natural, ou num descampado já comburido pela estiagem, que nada mais tem para dar de pasto ao incêndio: e a terra desolada alonga-se estéril e negra, calcinada pela chama voraz e inquieta da queimada e pela chama imutável, silenciosa, intangível do sol impiedoso, caindo do alto, da cúpula de aço do céu, com a inexorabilidade dum anátema. Durante o fogo as cêrcas das pastagens e plan-

tações caem reduzidas a carvão, os gados fracos correm espavoridos; há cabanas que se incendeiam, animais bravios que fogem — rapôsas de pêlos eriçados, cascavéis silvantes aos botes, gatos bravos de olhos em fogo, caxinguelês arrepiados, a pular.

Depois da queimada, tôda a zona onde o fogo lavrou é um imenso coivaral, um vasto plaino coberto de cinza, com toros negros que emergem, dum feitio de animais estranhos: os troncos retorcidos, com ramos que rompem esgalhando-se, semelham hidras; os toros decepados, atochados, curtos, parecem feros e desconhecidos bichos acocorados, à espreita, e os galhos mortos se estiram, como grandes serpes negras, carbonizadas, as escamas a se desprenderem. O vento ergue redemoinhos de cinza e detritos leves, duma finura de poeira, que esvoaçam, toldam a luz ardente do sol, espiralam, dançam em farândola, depois se dissolvem no ar.

É quando os cães famintos, os carcarás, as acauãs e os gaviões de tôda a espécie se achegam a procurar animalejos assados no imenso braseiro. À noite, pé ante pé, aproximam-se as rapôsas, com o mesmo fim. E, na escuridão, os olhos fosforescem, quando elas uivam em doidos saltos e macabras correrias.

Muito tempo decorrerá antes que a chuva dos invernos faça brotar folhinhas tenras daquele chão calcinado e mais de meio-século para que o luar derrame lágrimas de prata ao longo dos troncos lustrosos de novos carnaubais! E talvez nunca mais isto aconteça: ali fiquem eternas a agrura e a desolação.

Passa-se o mês de agôsto, passa-se setembro, e outubro se passa. Não chove. Nunca mais chove. Em outubro, nos anos bons, caem umas chuvas finas, que

UNIVERSIDADE DO CEARÁ

no litoral se chamam — chuvas de caju, e no sertão — chuvas de rama; mas isto é falho e não passa quase sempre duma trêfega esperança.

Na natureza não desabrocha um sorriso; o céu não derrama uma lágrima; o sol refulge sempre; e a copa verde dum juàzeiro ao longe, perdida nas catingas esqueléticas, tem um tom de raridade e de heroísmo. O sertão fica sêco, nu, inóspito, quase negro; estende-se em ondulações desnudas, apontoadas de mirrados capões. O céu é árido, sem manchas — como se fôra varrido por um vento de maldição. A lama dos brejos e dos alagadiços, ressequida, crestada, torna-se uma areia encaroçada, escura e grossa, que se esbarronda e se esfarinha ao pisar. O chão combusto, quase negro, duma grande melancolia e duma grande esterilidade, como que se concentra de dor. E sob a eterna e inexorável vibração da luz não rasteja no solo uma gramínea, nem geme nos arvoredos uma só fôlha. Os esqueletos das árvores parece que se estorcem de sofrimento e, nas estratificações do subsolo, deve ser horrorosa a tortura das raízes sequiosas, enroscando-se de avidez e desespêro, os pêlos absorventes num arrepio faminto... Na barranca dos açudes, raros coqueiros caducos agonizam, bracejando as frondes murchas.

O gado demora nos felizes rincões, onde ainda existem uns restos de sêcas pastagens acamadas nas abas das serrotas, que são como grandes manchas alouradas ou cinzentas, pormenorizando-se no uniforme matiz pardacento da terra.

É quando o sertão fica prêto, no singelo dizer do matuto. Então o fazendeiro que possui cercados, com reservas de pasto, nêles vai botando ás reses que começam a enfraquecer pela má alimentação.

Às vêzes, em julho, a água começa a faltar. Os açudes mal cheios pelo inverno, quase sempre escasso, logo secam; o mesmo já tem acontecido aos poços dos rios e às ipueiras dos matos. O gado só tem, então, para beber, certas cacimbas que por umas tantas condições geológicas de suprimento de água custam a secar ou não secam nunca. Há cacimbas que jamais deixaram de ter água, não só nas estações sêcas de todos os anos, como nas verdadeiras crises climáticas. Essas ficam logo afamadas pelo sertão inteiro, e o povo diz:

— "Na cacimba grande da igreja de S. Francisco de Canindé até na sêca de setenta e sete se tirou água!"

— "A cacimba do Mergulhão é farta: deu água até na sêca dos três oito!" (1)

Acontece, por exemplo, que numa fazenda só há pasto em tal parte e água em tal outra, distantes uma, duas, três léguas. Ora, o gado que, durante o dia, comeu no lugar onde tem pasto é obrigado a andar, de tarde, duas léguas para beber no lugar onde tem água; de noite, caminha outro tanto para voltar à pastagem. Isto aos poucos o enfraquece. A necessidade de beber água é muito mais forte na sêca do que no inverno, não só por causa do calor, mas também porque o capim ressequido não contém a mínima parcela de umidade. E que imensa tortura não é a do gado alimentado deficientemente, rompendo o mato sêco a apartar espinhais, andando por veredas ínvias, pedrentas, num calor acabrunhante, para beber uma água infamemente salobra, com uns longes de sal de ferro, avermelhada algumas vêzes, leitosa outras, às vêzes tôda palhetada de caparrosa esverdinhada, luzente, com estrias dum brilho fôsco de estanho!

É horrível essa quadra no sertão: e ao pôr do sol, um pôr de sol sem trinados de pássaros, sem ciciar de

(1) — 1888.

ramas à brisa, a alma se recolhe numa grande saudade, quando os periquitos passam em bandos, grasnando, rumo das praias — últimas fileiras do êxodo da passarada. À noite, tarde, o sertanejo acorda ao urrar faminto duma rês junto à casa da fazenda; e, quando ela, cansada, muge baixo num estertoramento, ouve o saudoso piar longínquo dum bando de marrecas que emigram para mais doces paragens, voando pelo negrume sem fim do céu, como que perdidas em grande isolamento. Êle escuta e murmura acabrunhado, deixando adivinhar lágrimas no dolorido da voz, embora acalcanhe, reagindo, o seu acovardamento: "Lá vão as marrecas para o Maranhão!"

A lua surge, espia por trás dos agudos píncaros das altas serras o sertão que dorme envolto em trevas; depois ascende e clareia-o todo: os esqueletos das catingas perfilam-se hirtos e negros, destacados na brancura láctea da luz, que se espraia, rasando o recôsto bombeado das colinas e as várzeas sem fim, dando à paisagem um aspecto tumular de natureza morta...

Às vêzes não falta a água, mas falta o pasto, tendo as mesquinhas chuvas do inverno sòmente criado bamburrais e tiriricas. Outras, o "mal triste", o "mal do rengo", os carrapatos parasitários salteiam o gado. Doutras ainda, no fim do inverno o mata-pasto invadiu ferozmente as pastagens, amaninhando-as, ou o tingui nasceu, a granel, por entre o capinzal.

O tingui é uma malpiguiácea e o terror dos criadores. As reses famintas comem-no e se envenenam. Se a intoxicação não fôr completa e a rês não correr ou cansar, pode escapar; mas, se der o menor chouto, morre.

Enfim, um dia o gado começa a cair de fome, de sêde e de fadiga. É a época mais terrível: é quando o nortista mostra a sua energia inflexível, quando mais se acrisolam suas faculdades combativas, e mais se enrija, e mais se robustece sua titânica virilidade. Um minuto de fraqueza, um momento de desânimo, um instante de desencorajamento — e o sertão esmagá-lo-á. Mas êle não se abranda e nem se verga. Só, contra a impassibilidade da natureza, luta, luta sempre. Alguns desertam as fileiras; mas os que ficam continuam o combate.

E daí, não seja, talvez, paradoxo o dizer — que a sêca é um fator de progresso, porque forma e molda uma raça de fortes.

Quem primeiro cai no descampado escaldante das várzeas é o "gado de curral". Gado de curral chama o matuto às vacas de leite. É o gado mais fraco e mais necessário à fazenda. O "gado de solta", bois, novilhos, touros e garrotes, custa a cair; é áspero, semibravio e de uma resistência a tôda prova. Quando cai é sinal de que a sêca é medonha, o isorde (2), como diz o sertanejo — terrível e a mortandade espantosa.

Em se sabendo que uma vaca caiu, vai-se "levantá-la a pau" — o que pode parecer selvageria. Levantar a pau é erguer a rês doente por meio de grossas varas, passadas por sob o ventre, que seis ou oito homens vão levantando, com cuidado, pegando-as às pontas. Posta assim a enfraquecida vaca de pé, põem-na na "rêde"...

A rêde é um tôsco aparelho primitivo — uma espécie de jirau, onde se coloca a rês de modo que fique com

(2) — Corrutela de desordem.

os pés no chão, as pernas pendidas naturalmente e a barriga descansando num estrado de madeiras, todo forrado de junco e capim sêco. Às vêzes substituem o estrado por um largo pano de estôpa forte. Desta maneira a vaca não cai e não se fere, mais se enfraquecendo em baldadas tentativas para erguer-se, como faria, se ficasse tombada no solo nu, concentrado e tôrvo. A rêde é sempre à sombra de um juàzeiro, onde ela fica quieta, muda, magra, ossos furando a pele chagada, leprenta, côr de cinza, encontros feridos, com postemas roxas onde negrejam moscardos buliçosos.

Dão-lhe água, ramas murchas, caroço de algodão à bôca. Nem fôrças tem para se abanar com a cauda e o seu olhar amortecido, glauco, inexpressivo, fita o céu azul num grande desalento, como se mudamente interrogasse por que sofre... E, cousa interessante! meses depois, quando o inverno volta e ela, tendo escapado, é tirada da rêde, não sabe mais andar para a frente e cômicamente começa a andar de costas. É necessário que uma pessoa a enxote, para que, de novo, ande direito.

Muitas vêzes uma fazenda tem quinze vacas na rêde! A tarefa paciente e lenta de lhes dar comida e água leva muito tempo e ocupa muitas pessoas. E outras caem. A água continua a faltar. Outras continuam a cair. Não há tempo nem meios para acudir a tôdas. Ficam umas no chão; e ali morrem de fome e sêde sob o látego impiedoso da luz, línguas ásperas pendidas, membros lassos num grande desfalecimento, quase sem convulsões — uma ou outra mais semelhante a um estremeção, de quando a quando — gemendo com um gemer fraco, soturno, estertorante, que demora no ar como um longo, repousado lamento.

Não há nada mais triste e comovente do que essa quadra da vida horrível dos sertões. Se nos meses de inverno chove, tudo vai bem: volta a fartura a dar

novas fôrças contra a miséria, torna a abundância a preparar o espírito e o corpo para a necessidade, os meses de abastança larga a fazerem esquecer os de fome e sêde que passaram. Mas, se nesses meses, assim ansiosamente esperados, não cai do céu vasto e mudo a doce esmola duma gôta de água — é a sêca pròpriamente dita, a crise, a miséria, a fome, a sêde, o desabar dum acastelamento de esperanças, o afundar-se dum mundo de desejos. Então, muito sertanejo derrotado abandona a terra e vai para a miragem fabulosa do Amazonas, desdobrar contra a ínvia selvatiqueza daquela natureza de portentos as energias que a luta lhe armazenara, desde criança, na alma corajosa.

O último recurso da luta contra a sêca é a cacimba. A cacimba é profundamente cavada no solo, tôda cercada em tôrno para que, das ribanceiras, os animais não tombem; a entrada é cavada em ladeira de suave declividade, para que o gado já fraco, ao ir beber, não escorregue e caia de quando em quando, ferindo-se e cansando-se. A água é sempre feia, sempre suja e sempre má. Uma cêrca leve divide-a quase ao meio, tendo ao pé das estacas, estendida, uma longa carnaúba, de maneira que o gado sòmente pode beber num pequeno espaço de dois ou três palmos, o que o impede de sujar a água e de toldá-la. Onde o gado bebe chama-se bebedouro e à carnaúba, "pau de bebedouro". À proporção que a água vai faltando, vai-se recuando a carnaúba — e quanto mais freqüente fôr êsse recuo, mais feroz lavra a sêca, mais ardente anda o sol a chupar com criminosa avidez as últimas gôtas de água.

Às vêzes o sertanejo diz:

— "Na fazenda de fulano ainda está bom: muda-se o pau do bebedouro de três em três dias!"

Ou então:

— "Na Pedra Negra a sêca está danada: muda-se o pau do bebedouro de manhã e de tarde!"

A água ameaça faltar. Põe-se um moleque, armado de vara ou chicote, à porteira da cacimba. A rês bebe uma certa quantidade e sai. Se quer voltar para beber mais, não pode. O moleque não consente. A água vai em rações, como a bordo, quando a bolacha falta, ela escasseia e a calmaria estende as velas sem vida ao longo dos mastros altos.

Nesse período de miséria, um fato pinta a franca largueza do sertanejo: êle jamais enxota ou fecha a porteira de sua cacimba ao gado da vizinhança, porque o mesmo a vizinhança faz com o seu.

Um dia — dia amargo e horrível — a cacimba da fazenda seca inteiramente. É preciso cavá-la mais. Cava-se, aprofunda-se; e a rocha rechina aos pontaços penetrantes do alvião. Às vêzes novamente se encontra água. Outras, a picareta dá numa piçarra, calcário mole, semidecomposto, que demora o serviço. Passa-se a camada da piçarra. Já a escavação é profunda, e a gente lê nas estratificações do terreno, nuas, descobertas, umas sinuosas, bruscas, bifurcando-se, outras retas, direitas, duras, tôda a formação daquele solo, onde os folhelhos endurecidos rompem camadas fortes de arenitos, os granitos furam a crosta em pontas rudes, o gnaisse cinde-se em lajes denteadas, as micas alumiam em palhetas e os cretáceos alternam com quartzitos e xistos argilosos. A água brota, mas uma água impregnada de sais de ferro, de sulfatos, de caparrosa, em tal quantidade que as mucosas se engelham, que o gado cheira, urra lentamente e não bebe. Muitas vêzes é água boa. O gado sorve-a alegremente. Mas dentro de dois, três dias faz-se a decomposição química

dos suprimentos subterrâneos e ela torna-se intragável, ferruginosa, repelente. E o gado, que já a experimentara, demora à beira da cacimba, cheira-a, lambe as bordas lamacentas com incredulidade; depois urra com a cabeça no ar, os olhos úmidos luzentes e fios de baba amarelada escorrendo dos cantos hiantes da larga bôca.

Diz o sertanejo que a cacimba "salgou".

Abre-se outra. O matuto sempre prefere os leitos dos rios, porque nêles a grande quantidade de rochas porosas do subsolo mais ou menos retém a água infiltrada. Quando não se acha água, anda-se a tentear desvãos de serrotas, a procurar baixios alagadiços, vazantes de açudes. Muitas vêzes nunca se encontra. Muda-se, então, o gado para outra ribeira, onde o inverno tenha sido melhor e maiores, portanto, sejam os recursos; para o litoral até. E, nessas "retiradas", os caminhos ficam semeados de ossadas que os urubus limpam e o sol depois embranquece... Nos tabuleiros alegres do litoral, o barbatimão venenoso, entremeado às moitas de ramas cheirosas, espera também o gado infeliz, no silêncio dos vegetais covardes.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Instituto de Pesquisas Econômicas

A luta pela água é uma cousa horrorosa. Nada mais silencioso e mais formidável! Luta de vida e de morte, luta do homem contra a rocha, das energias dum coração contra as energias da natureza inteira! Nada é mais selvático do que cavar, sob a abrasadora canícula da sêca, uma cacimba a picareta e a pá. Além da cacimba do gado, tem-se que cuidar da cacimba para a gente, menor e de água também melhor, que às vêzes fica a léguas de casa. Quando ela seca também, o matuto bebe a mesma água que o gado, com caparro-

PERGAMUM
BCH/UFC
R1390593

sa, com detritos, com lama, com urina de boi e fezes de guaxinim.

Hoje em dia, no sertão inteiro se constroem açudes, pequenos e grandes, de alvenaria e de barro socado. Cada fazendeiro faz o seu, conforme pode. É já um lenitivo às agruras dos flagelos; mas a devastação das matas continua pela queima dos roçados e pelo fazimento de vastas capoeiras para a criação de cabras e plantações de maniçoba, aumentando as causas da diminuição do espaço de tempo nos ciclos periódicos das crises climáticas, que cada vez voltam mais breves.

Cercam sempre a vazante do açude e nela plantam um pastozinho magro, para o cavalo de sela ou outro animal de estimação. Como o solo é sempre um pouco mais úmido, o pasto conserva-se verde algum tempo.

A sêca campeia na plenitude de sua fôrça; nem uma fôlha, embora sêca, enfeita a ossada de um arbusto; nem um fiapo ressequido de malvácea teimosa ou um brôto resistente de gramínea rastejam no solo. De longe em longe, numa covoada de serra, um talhado de granito micaxistoso faísca duramente ao sol. A inclemência azul do céu, espanado de nuvens, se arqueia numa monotonia tumular... A terra tem um tom encardido, adoentado, salpitando de nódoas negras... O gado passa com lentidão, rente à cêrca do açude: põe a bronca cabeça por cima, fita, fita cobiçosamente aquelas mesquinhas nódoas verdes, e de triste e esfomeado urra que faz pena.

Quando por todo o mês de janeiro não chove e entra o de fevereiro sem chover — é a quadra dos horrores indescritíveis, a época dos sofrimentos inenarráveis, o tempo da miséria, da fome, da sêde, da morte — enfim a sêca na mais completa e perfeita acepção desta palavra.

Começa a morrer o gado e começa a emigrar a gente. E os urubus lentos e negros, que dantes apareciam um a um, como pequenas nódoas pretas no arqueado profundo do céu, já esvoaçam em bandos, espavorindo os gados moribundos, toldando o azul, e crocitam agoureiramente, pousados nas cêrcas dos currais.

Nessa época, os matutos que emigram, caminhando a pé pelas poeirentas e êrmas estradas, em demanda do litoral, a morrer de fome, escavam o solo áspero à cata de batatas selvagens e de raízes moles. Pilam e lavam o venenoso fruto da mucunã; comem-no, e vão inchando na lenta intoxicação do bárbaro alimento. Alguns, no estonteamento da imensa fome, no doentio descaso dos esfaimados, paliam a sua tortura comendo uma batata inculta, sem nome, que existe no sertão, ainda não estudada botânicamente, cujos efeitos tóxicos sôbre os órgãos do sistema nervoso da vida de relação são violentos e rápidos, cegando, ensurdecendo, emudecendo.

* * *

Do meado de dezembro em diante, o sertanejo começa a olhar o céu, a "namorar as nuvens", diz êle, a se encher de esperanças na presença dos estratos avermelhados que afogam o sol e atulham o poente, dos grandes cúmulos brancos que surgem de manhã, ao nascente, como broncos zimbórios de fantásticas catedrais, esfarripando-se nos bordos a pouco e pouco, em cirros tênues, adelgaçados, que o vento espalha, marchetando o azul claro do zênite...

Enfim um dia o céu amanhece tôrvo, arripiado e escuro, tão pesado que parece esmagar os vultos enormes das grandes serras, no horizonte; às vêzes envol-

vendo-os numa neblina tênue, que lhes esfuma e esbate os contornos, e por onde se côa a luz do sol numa palidez de círio. Corre um vento úmido, frio, pelo sertão, sibilando nos galhos mortos que se chocam com um som ósseo, sussurrando nas acinzentadas frondes murchas dos carnaubais numa doçura vagarosa e lassa de acalanto infantil. O gado muge e sorve lentamente a umidade do ar. Aparecem os sertanejos, homens, mulheres, crianças, no terreiro das casas. Trepam os jornaleiros, deixando o trabalho, à barranca dos açudes, à crista dos outeiros. Os braços se movem, apontam as nuvens negras, os nimbos esfrangalhados que se arrastam com preguiça, solenes, majestosos, como grandes águias sonolentas. Comentam a possibilidade da chuva em desusada alegria.

Por trás do viso irregular e áspero de uma serra, desenhando-lhe instantânea e ràpidamente o rude perfil negro, o dorso arqueado, rugoso, as corcovas de granito tôrvo, talhadas a pique em abruptos pendores, abre-se o vermelho bocejo de um relâmpago. Segundos depois, reboa o trovão majestosamente retumbando, a rolar com fragor estrupidante pelas serranias, repetido pelo eco até se perder de todo na última gradação perceptível do som. E a chuva cai sob o açoite do vento, rabanando, pesada, forte, em bátegas brutais.

O gado magro, deitado na calma das malhadas, sonolento, tristonho, faminto, ergue-se com esfôrço e corre aos tropeços, trambecando, com urros de alegria. Relincham os cavalos esgalgados de sêde, pelo campo, a galope, caudas empinadas e tremular como os estandartes de cabelo das tribos marroquinas. E as vacas doentes nas "rêdes", os grandes olhos murchos gotejando lágrimas, gemem de tristeza — porque não podem urrar sôltas de alegria.

Escorrem lágrimas na rudeza cinzenta dos granitos. Descem das serras riachitos prateados, alumiando em filêtes caprichosos. Cada sulco de velhas erosões no descambar dos altos é uma torrente; cada rêgo das estradas, um regato; cada depressão, uma ipueira. A terra vai-se molhando e argamassando; dela se evola um hálito quente, rescendendo a umidade, trescalando a môfo. A areia grossa e sombria dos alagadiços liga-se, empapa-se; e os rebordos afiados das pegadas de gado no barro das várzeas amolecem aos poucos. Chove um dia inteiro; às vêzes chove sem intermitências dois, três e mais. Ouve-se ao longe um marulho gigantesco, um ulular de ressaca, um rugir, um como escachoar de imensa roda de água, que se vai aproximando ràpidamente. Todo o mundo corre para os cerros próximos ao listão de areia do rio sêco. Os animais abandonam as várzeas que o margeiam. É o rio que "desce"!

Lá vem a água a roncar, sertão abaixo. Na frente, na "cabeça" acachoada, turbilhonam madeiros, garranchos, arbustos, troncos que se abarreiram de encontro às pedras do leito, ribanceiras a se diluírem sustidas por entretecimentos de raízes de uma solidez de taipa, estacas pontudas de cêrcas, longos "paus de bebedouro", cadáveres de animais; tudo entre grossos flocos de espuma suja, borbulhas barrentas, ondas, cachões, redemoinhos torvelinhando de encontro a balseiros enormes que param instantes, resistindo à correnteza; correndo numa velocidade espantosa, adquirida no descer dos mananciais das serras e aumentada pela grande declividade do terreno; indo rebentar em grossas vagas moles nos troncos das carnaúbas, salpicando-os de espuma. Esbarrondam-se as barreiras íngremes, resvaladias; diluem-se as croas de aluvião: e a cheia passa. Horas após, um estendal líquido, amansado e baço cobre as várzeas beijando os troncos dos carnaubais, afogando as altas e enrodilhadas moitas de mofumbo. Depois, a água vai baixando de nível, sensìvelmente, a olhos vistos; quatro horas mais tarde o

rio está no seu leito normal; à noite é um fio pêco que se arrasta com preguiça; e ao outro dia, de manhã, corta, ficando sòmente os poços fúlgidos e lisos a mosquearem o leito enlameado. Se as chuvas continuam, mantém-se a correr; se as chuvas param, pára também. A velocidade da correnteza, a natureza do terreno em rampa para o mar, a escassez da chuva com estiagens intermédias fazem-no assim. Quando o inverno é bom, dá duas, três, quatro e mais cheias, porém não corre constantemente. Não há um só rio perene; nenhum que corra durante todo o inverno por maior que seja. As cheias são súbitas; as vazantes mais súbitas ainda. O sertanejo jamais disse — o rio correu; diz — "o rio desceu".

Vai-se de viagem. Sùbitamente o rio, que está "pelos matos" de cheio, corta o caminho. Pára-se à margem surprêso e contrariado. E o cargueiro diz com singeleza e segurança:

— "Moço, desapeie aqui na sombra. O sol tá alto: pode ser meio-dia. De tarde a gente passa."

E, efetivamente, à tarde se passará com água ao peito do cavalo e ao outro dia passar-se-ia a pé enxuto.

Nessas cheias o nível do rio extravasado do leito chega a alturas inacreditáveis. Uma vez, indo por uma várzea com um amigo, êste acostou o cavalo a uma cêrca, onde uma carnaúba se erguia direita e alta para o céu, levantou-se nos estribos e pousou a mão espalmada, estendendo o braço num golpe de foice que ferira o tronco lá acima. Era uma marca. Disse-me depois:

— "Aqui chegou a água do rio o ano passado."

Dias depois das chuvas, de todos os galhos negros e ressequidos, num súbito desabrochamento — como um

milagre dos céus — brotam folhinhas verdes, medrosas, transparentes ao sol. É a "rama". O gado atira-se a ela gulosa, faminta e àvidamente. O capim só nasce depois. Daí dizer o matuto quando o inverno vai bem: "o gado já come no chão", o que quer dizer que o gado já deixou de comer a rama das árvores e então devora o capim que surge do solo.

O capim, quando tìmidamente nasce, cobrindo o chão de um leve tapête verde-claro, chama-se "babugem". Dia a dia cresce numa fôrça prodigiosa de vitalidade e seiva. Nascida a babugem, todos os animais do sertão, que vorazmente a comem, são atacados de uma espécie de disenteria, pela mudança de alimento e pela sua qualidade. Alguns, ainda fracos da sêca, morrem. São as últimas vítimas.

As vacas, ainda magras, mas com o olhar farto e os ventres cheios, mugem alegremente no pátio das fazendas. O sertão reflorido muda de fisionomia. Fica verde, todo verde, de um verde lindo, novo e forte, que alegra a vista, e o orvalho borrifa pela madrugada clara. O bugi cresce velozmente sob as árvores, ao pé das cêrcas altas; as tiriricas sorriem ao sol, emergindo ainda tenras, à margem dos desfreqüentados caminhos, dentre crespos tufos de beldroega pequena; o milhã, o mimoso, o panasco, o junco, o quebra-panela curvam-se à brisa perfumada da manhã na vastidão das várzeas, onde os quandus (3) já se enfeitam com os festões verdes e as flôres amarelas do melão-de-são-caetano.

Da ponta dos galhos, entre a folhagem, pendem velhos ninhos, abandonados na sêca, que os sebites curiosamente espiam e visitam com mêdo. Os tapêtes de relva se estendem e alongam, matizados de chananas brancas. As trepadeiras grimpam nos troncos verdes, enfestoando-os. O sertão, pobre de flôres, se arreia de

(3) — Carnaúbas pequenas, novas.

quantas a avara natureza lhe deu. Nos prados, escondidas nos ervanços, diminutas, mesquinhas flôres de um branco-cinza vivem sem beijos da luz, morrem sem lágrimas do orvalho. À sombra das cêrcas das capoeiras, nascem flôres azuis, pequenas, de um feitio de môsca. Nos carcavões de mofumbo, espanejam-se jitiranas roxas, de um roxo religioso de túnica de santo. Nas ribanceiras, desatam os botõezinhos tristes, raquíticas florinhas amarelas, sem nome, sem odor e sem beleza. Pobres flôres! O sertão adusto e selvagem não pode compreender a amenidade da sua doçura; quando as fôlhas caem, não têm mais abrigo contra o sol e, depois de mortas, ficam esquecidas no leito sêco dos ribeiros, sem água para lhes fazer o entêrro ao suave sabor da correnteza débil!...

Borbulham córregos no recesso verde das catingas. Escorrem grotas, cantando pelo escalvado dos cerros. As ipueiras cheias cobrem-se duma pasta densa de fôlhas aquáticas muito miudinhas. Nas croas empantanadas mais se emaranham os cipoais. A erva brota até das fendas dos diques toscos de pegmatito, nas covoadas e nos mocòzais das serras. E o gado já não mais vem estacionar no pátio da fazenda, com olhos onde brilhe uma curiosidade faminta, ou malhar perto das cacimbas, tanta água demora pelos matos. Dizem os sertanejos: "onde êle come, bebe". Nédio e sadio, vai beber por vêzes pendurado à barranca dos açudes e mergulha no frescor do líquido empastado de água-pés a cabeça bronca, com palpitações de narinas no mergulho e berros de prazer ao levantá-la, sacudindo as gôtas e fitando o céu.

Tudo está alegre, seivoso, vivo. A terra como que ressurgiu de suas próprias cinzas, miraculosamente. E essa ressurreição tem um que de prodígio: — relembra um dêsses admiráveis e doces milagres de outras eras, quando andavam no mundo os santos emissários dos

deuses: e os mortos ressurgiam erguendo com as descarnadas mãos as tampas de mármore dos sarcófagos, e as estátuas moviam-se das estelas, pausadamente, e os trigais alouravam as espigas numa noite, e a água límpida da fonte se tornava em vinho escuro de Emaús. Dias antes a sêca comburia o sertão. Veio a chuva, tudo se transformou. Hoje, no céu se amontoam nuvens escuras e a água umedece a terra. À margem das lagoas, à proporção que desmaia a barra de sangue do sol no poente, os juncos sussurram, conversando com a água quêda e límpa, onde os girinos das rãs nadam velozmente, — contando-lhe talvez tôda a longa amargura de sua sêde, tôda a demorada e constante saudade de sua vizinhança e de seu carinho; e ela lhes paga a singela confidência com o doce e fertilizante contato de seus úmidos lábios. Entre as serrotas, em esverdeadas estagnações, nos atoleiros perigosos, borbulhando espumas, os sapos coaxam soturnamente.

Tudo sorri: a selva, o prado, a várzea, aos beijos do sol; o regato ao reflexo trêmulo e enrugado dos caniços, os arvoredos ao rocio inconstante que passa, o céu azul à carícia dourada da luz.

Já os próprios ruídos da selva têm outro tom e significam outras cousas. O bracejar dos velhos coqueiros na barranca dos açudes denota a alegria das raízes fartas, e o ranger dos galhos nas catingas espêssas não relembram mais a alma das árvores chorando as misérias da terra e sim o coração da floresta que murmura os prazeres da abundância. E os urubus lentos e negros, tonteando em vôos espiralados, lançam o faminto olhar ao arcabouço branco das reses que a sêca prostrou...

Os pássaros que foram acossados pela sêca voltaram como por encanto: saltam nas moitas, poisam nos

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Instituto de ...

carnaubais, andam em revoadas alegres; gorjeiam, chalram, trinam, chilreiam, ruflam as asinhas, eriçam as penas do pescoço débil e percorrem com grande alegria tôda a gama dos sons num admirável perolar de cadências. Só o suspiro da juriti, remoto e demorado, é eternamente triste e eternamente saudoso.

As nambus piam nos roçados de milho, escarafuhando à cata de insetos as palhas sêcas, estralejantes. Os periquitos que voltaram das praias devastam as plantações. As marrecas nadam aos bandos nos açudes e nos lagos.

As lagoas calmas, límpidas, suaves, sem um ricto na epiderme clara, sem uma ruga no roçar de asas da viração, azulando o reflexo verde-negro das montanhas, são como grandes espelhos esquecidos sôbre a imensa verdura dos prados, onde as nuvens que passam se miram com preguiça .. Nas suas margens andam pernaltas de tôda a espécie, avoejam pássaros de tôda a sorte. Corta o espaço, às vêzes, nostálgico, silencioso, branco, um vôo alto de garça .. Muito cedo, ao romper do dia, as arapongas soltam o estrídulo grito metálico e, nos pedregais, catando cobras, as acauãs berram com estridor. No ar palpitam as asas policrômicas das borboletas inquietas.

É o tempo em que o vaqueiro veste o terno de couro e vai, diàriamente, em procura das vacas amojadas para trazê-las ao curro, com o bezerrinho mais tenro do que um anho, trotando ao lado desajeitadamente, — alegre como quem abriu os olhos e logo viu, na inocência da primeira idade, pelo prisma róseo da abundância e da fartura, tôdas as maravilhas do mundo: a terra que se estende banhada de luz, e o céu que se arqueia todo cheio de sol!

Vicejam as plantações feitas em dezembro e janeiro com as primeiras chuvadas. Os currais enchem-se de vacas leiteiras que acordam a urrar pela manhã cedo.

Ao pôr do sol, o vaqueiro chama-as do pasto, sentado nos paus da porteira, aboiando num tom dolente e longo, que se eleva no alto, ecoa nos pedregais e se funde cheio de doce saudade, esmaecendo na grande melancolia da tarde. Ao escurecer, os bois reboleiros repousam ruminando em tôrno da casa. Pela manhã, sôltas do chiqueiro, as cabras ganham as pastagens, berrando às crias, enquanto os pais-de-chiqueiro bufam coçando-se às cêrcas ou aos pulos e cornadas; as ovelhas passam juntinhas, cerradas, branquejando ao sol por entre as ervas verdes e altas, os olhos nos burregos, prestes a defenderem-nos do carcará traiçoeiro que lhes fura os olhos e arranca a língua, da rapôsa arteira que os préia

É o tempo da abundância e da alegria.

Depois, ao findar de junho, ferram-se os bezerros, soltam-se as vacas. O vento principia a erguer turbilhões de pó e fôlhas sêcas ricocheteantes. Começa novamente a estação sêca. O gado vai-se aproximando das casas e cacimbas. Poços, ipueiras e açudes rebalsaldos secam. Circulam notícias de ribeiras onde a sêca já entrou, de outras que ainda estão fartas. Apanham-se as últimas vagens de feijão, quebram-se as derradeiras espigas de milho. Volta o tempo das amarguras, e os sertanejos humildes e crentes, à noite, no altar singelo da fazenda, rezam de olhos nas luzes que clareiam os santos, pedindo a Deus e a S. José — advogado das chuvas — que o inverno torne em dezembro, que não falte em janeiro, para alegrar de novo a face triste do sertão

II

O gado no sertão é criado à lei da natureza, sôlto pelo mato em fora, sem o menor processo de pecuária inteligente.

A porção de gado que um vaqueiro tem sob sua jurisdição, sob sua guarda, chama-se uma "entrega".

Em junho, soltam-se os garrotes, que se vão criar pelos matos, dependendo da sua vontade procurar alimentos, de sua destreza ou felicidade escapar às onças. Estão ferrados, assinalados, castrados, serradas as pontas dos chifres, — é quanto basta. As terras não têm cêrcas, nem valados, nem divisões de espécie alguma. O gado de uma fazenda vive de envolta com o das outras e vice-versa. À tarde, na cacimba, o vaqueiro vê o gado quase todo, conhece-o um por um, sabe de sua origem, destrinça a árvore genealógica de uma rês num momento; nota que a rês fulana e a rês sicrana bebem na cacimba tal, que a beltrana come em tal pasto; vê, então, quem falta à revista mais de dois dias seguidos e toma providências. Andando diàriamente pelos matos, sabe das que têm feridas e bicheiras, das que andam enfermiças, adoentadas, tontas de tingui Campeia-as, tange-as para o curral, cura-as. Quando não sabe notícias, os outros lhas dão.

Muitas vêzes, uma rês matreira e espevitada vara os sertões, vai parar às dezenas de léguas de distância. Um, dois anos depois, chegam notícias. O vaqueiro vai buscá-la. E, lá, na fazenda onde ela se acoutara, entregam-na com as crias que teve, já marcadas nas orelhas com o sinal da fazenda de onde fugira. Assim se entende a honradez no sertão.

Encontrando os vaqueiros reses bravias, barbatões sem ferro e sem sinal, e conseguindo pegá-las, não as tomam para si, ferram-nas para o santo padroeiro de sua freguesia. Se desconhecem o ferro de uma rês ou, como dizem, "não tendo presente ferro que com aquêle dê encontro", guardam-no de memória, para dar amostra na próxima reunião dos vaqueiros da redondeza. É obrigação moral de todo vaqueiro dar notícias das reses que encontra; e essa mutualidade de informações mantém cada um em dia com o que vai pelo gado da ribeira.

Cada fazenda tem seus currais, grandes cercados de pau a pique, divididos, e com porteiras para se passar de um para o outro. Num se recolhem as vacas à tarde, para mungi-las pela manhã; noutro se ferram, assinalam e capam as reses. Qualquer destas operações é chamada um "benefício", sendo o curral — "curral de benefício". Os bezerros são ferrados, deitados no chão, sustidos pelas patas por dois homens. As reses maiores são laçadas pelos chifres com uma forte corda de rêlho cru, ensebada, escorregadia, passada pelo vinco dum poste — o mourão. Puxam-na de um lado, e o animal vai encostar a cabeça ao mourão com um gemido surdo. A marca de ferro incandescida, rubra, chia-lhe fumegante no dorso. Dois talhos instantâneos de amolada faca assinalam-lhe as orelhas. Um golpe ligeiro, rápido, certo, decepa-lhe os órgãos viris O serrote range nas pontas agudas das armas acerradas. Dois, três sertanejos fazem esta série de

operações num momento. A rês finca as patas no solo como a suster-se de um grande pêso, quase nunca escouceia, dá um rugido lento, doloroso, lasso, de uma grande dor paciente, enquanto as lágrimas quentes, grossas como punhos, rolam dos grandes olhos tristes, mornos, de uma grande doçura e de uma grande bondade...

Um pouco de estrume esfarinhado é o remédio que se põe para estancar o fio de sangue que escorre pelas coxas e goteja vagaroso, pingando no chão pesados borrões rubros. Depois, durante algum tempo, o vaqueiro vigia as reses beneficiadas porque a varejeira, com tôda a certeza, porá suas larvas naquela chaga. Criando bicheira, se fôr pegada, o remédio é uma lavagem de creolina ou um pouco de mercúrio em pó. Sendo difícil encontrá-la ou metê-la no curral, recorre-se ao curandeiro, que, com uma simples benzedura, voltado para o lugar onde ela demora, faz cair todos os tapurus. O vaqueiro, às vêzes, também sabe de "rezas fortes" e cura o animal, andando pelo rasto que deixou e rezando, soturno e baixo, num longo murmúrio e num recolhimento de crente: "Males que comeis, a Deus não louvais! Permita, meu Deus, que todos caiais! De um em um, de dois em dois, de três em três, de quatro em quatro, de cinco em cinco, de seis em seis, de sete em sete, de oito em oito, de nove em nove, de dez em dez, que não tenham pés!"

As pisaduras das selas curam-se com sebo quente.

Afirmam e juram os sertanejos que não há "bicho" que resista à "cura pelo rasto" e à benzedura do feiticeiro, nem há meizinha melhor Raramente tentam qualquer esfôrço contra os carrapatos e as doenças do

gado — o mal triste, o rengo. Com uma grande calma fatalista de árabes rosnam: "Quem pode ir contra os castigos que Deus Nosso Senhor manda!"

As vacas amojadas dão à luz no abandono, pelos matos, e só depois do parto vai o vaqueiro buscá-las para o curral.

O gado dorme ao relento, quer chova quer não chova, jamais soube o que foi a sombra de um telheiro, o que é o aconchego de um estábulo. A natureza o educa semibravio, rude e forte, com tôdas as qualidades de resistência à grande miséria impiedosa das longas estiagens.

Da mesma maneira são criados cavalos, jumentos e burros, carneiros, cabras e porcos. O sertanejo só denomina "gado" ao gado bovino; aos cavalos, burros e jumentos chama "animais"; ao ovino e caprino, "miunças" ou "criação". "Criação" também diz dos galináceos. Os porcos só são enchiqueirados para a ceva, a engorda; vivem ordinàriamente a se espojar afocinhando a lama das ipueiras, no inverno; a correr famintos e magros na sêca, pelos agrestes e carrascos, cerdas duras, arrepiadas, olhos vivos, com a ferocidade de javardos e a crueza de queixadas. Dizem os sertanejos que êles andam amontados. Amontar-se é tornar-se selvagem, vivendo no mato. Enfim, a diferença da vida comum dos animais no sertão para a vida bravia não é muito grande.

Em certas ocasiões, no inverno, a fim de fazer a apartação dos gados misturados, reúne-se a vaqueirama tôda de uma ribeira. Escolhe-se um campo, um tabuleiro, um vasto prado, próprio às proezas da estardiota sertaneja. É um dia de festa, como o adjunto para os seareiros. Todos se apresentam em seus mais

folgados e melhores "cavalos de campo", arreios fortes, véstias pespontadas de branco. É a vaquejada.

Os vaqueiros tocam todo o gado daquela redondeza para aquêle lugar. É um belo espetáculo: centenas de vaqueiros fortes, desempenados, vestidos de couro de capoeiro da cabeça aos pés, cavalgando num baralhamento entre nuvens densas de poeira; milhares de reses mugindo, "batendo os chifres", medrosas, espantadiças, corcoveando, escoucinhando-se numa barafunda de movimentos e sons que, de quando em quando, domina o urro potente e pausado de um novilho fusco, balanceando o cupim lustroso do pescoço.

Começa a apartação, a divisão do gado em lotes conforme os donos. Trocam-se notícias de animais sumidos, roteiros de gados tresmalhados, alborcam-se boiotes e novilhas, barganham-se cavalos. Quando uma rês arranca assustadiça do meio da boiada e vara campo em fora, pronta a amocambar-se nos matos, partem-lhe quase sempre dois vaqueiros no piso: um cerca-a de lado, fazendo esteira, e outro procura pelo outro lado, tarrafeando, "fazer mão na bassoura" — pegar-lhe o rabo, "fazer piauí", dar a mucica e o "quedaço".

Há todo um *argot* na vaquejada. "Fazer piauí" é dar um certo jeito ao rabo já seguro da mão a fim de derrubar a rês — dar-lhe o "quedaço" ou "tombo", o que se consegue com um forte puxão — a mucica, fazendo-lhe perder o equilíbrio das patas traseiras. Êste é o processo de pegar todo e qualquer bovino em qualquer parte. Caído êle, o vaqueiro apeia-se ligeiramente e passa-lhe a surrupeia, entrave de rêlho que o impede de correr, põe-lhe a "mascára" (4) sôbre os olhos e tange-o para o curral.

(4) — Placa de couro que se prende ante os olhos da rês. O matuto pronuncia a palavra como está acentuada. Também é conhecida pelo nome de "careta".

Quando a rês, "açoitada pelos ares", dá o "tombo", tôda a vaqueirama estruge entusiasmada, numa alegria infantil de gente simples e primitiva: "Viva o vaqueiro!" Se o vaqueiro erra o golpe, volta ao meio dos outros, descoroçoado, a cabeça baixa sob os "ecos" da assuada estrepitosa: "Cabra frouxo! Moleirão! Empalemado! Come longe!"

Há vaqueiros terríveis que jamais deixam de enrolar a rês arrancada. Os outros resmungam: "Aquêle danado bota sempre no saco!" E êles orgulhosos, cheios de roço, com bravatas no olhar e no gesto, rosnam que "nunca pegaram na saia que não vissem o tombo!"

Dividido todo o gado, a um sinal do cabeça de campo, os vaqueiros de cada fazenda tocam os gados de suas entregas. Um vai à frente, aboiando. É o "guia". Cercando o gado, quase na frente, seguem os "cabeceiras"; ao meio, os "esteiras"; mais atrás, os "costaneiras", e por fim, na retaguarda, os do "couce". E, assim, ao lento e tristonho aboiar do guia, ecoando ao longe nas penedias das devesas, rompe a cabisbaixa boiada pelo caminho tortuoso e poento, rumando à fazenda próxima, cerrada, resfolegante, com um passo pesado, em cadência, que esmaga os tufos de ervanços e ressoa soturno nas grandes lajes de sienito bruto que calçam por vêzes trechos da estrada, faiscando ao duro tropear dos cascos bipartidos...

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Instituto de Pesquisas Econômicas

A toada plangente do aboiar, dizem os vaqueiros, tem a propriedade de humanizar o gado, tornando-o triste e cismarento. Às vêzes até lhe escorrem dos grandes olhos baixos grossas lágrimas vagarosas...

Como na Idade Média havia justas, no sertão há vaquejadas de luxo, cujo fim é a ostentação da fôrça e

da destreza, e não a útil apartação dos gados para se saber do estado e do aumento das entregas. Nelas a festa é feita com ordem e fartura, regada de boa aguardente, com lautos jantares de leitões alourados na grelha, quartos de carneiro guisados, grandes postas de carne de vaca cozida com jerimum. Paga as despesas de uma dessas raras festas a bôlsa provida de abastado fazendeiro, na alegria ruidosa de um batizado, de um aniversário ou de um casamento feliz.

Os vaqueiros são divididos aos pares. As reses arrancam açuladas propositalmente. A assistência é numerosa, — gente de tôda a parte, vizinhos, parentes, amigos, homens, mulheres, meninos; todos abrigados à sombra das árvores, no recôsto das escarpas, sôbre as gramíneas macias, como em palanque de gala de antigos torneios.

Concorrem à reunião "cabras marrueiros" — rudes topadores de bravios touros, costumeiros a "portarem-se nas rédeas" (5), no embate rijo de alimárias ferozes que "fazem parede, entupindo no fundo" (6), arrancam "tapitis" (7) com mucicas de gigante, "escornam marruás de cupim" (8), "puxam" (9) e dão tombo em novilhos picarros, em brabos, não agüentam paleios de cabeças de campo, e ao menor arranco de vaca manhosa cravam as ferramentas no vazio do cavalo, deitam-se sôbre o ginete bordado e se "escancham no mucubu da macaca" (10), "açoitando-a pelos ares" com um berro retumbante de vitória

(5) — Segurarem, agüentarem o cavalo.
(6) — Correm ao lado, juntinho da anca da rês.
(7) — Caudas.
(8) — Fazem cair por sôbre os chifres os touros velhos.
(9) — Puxam pelo rabo.
(10) — Correm junto ao rabo da vaca.

Às vêzes acontecem desastres nessas justas de vaqueiros: um cavalo atira o cavaleiro com o espinhaço na aresta de um penedo; um galho baixo, traiçoeiro, no entrar da catinga, apesar da grossa aba dobrada do chapéu de couro, espatifa o crânio de um marrueiro valente, em desabrida carreira; dois cavalos que topam peito a peito, num encontro, à disparada, e emborcam para o chão, a golfar espuma sangrenta da bôca, arrastando os cavaleiros, rebentando-lhes na queda, na ponta aguda dos seixos, o tórax robusto, partindo-lhes o braço, a perna, a cabeça, às vêzes matando-os logo num escoucinhar raivoso de imensa dor

A vaquejada tem um cunho selvagem: a morte de um vaqueiro ou uma rês que quebra as patas com a violência do tombo e escabuja sôbre o panasco, entre a poeira, aos urros, aos urros...

Quando "sucede uma desgraça", a vaquejada pára, morre o riso em todos os lábios e a alegria se apaga de todos os rostos. Voltam para as fazendas. Montados nos seus "cavalos de campo", olhos vermelhos, os parentes da vítima vão em silêncio, sustido o desfalecimento do corpo a curvar-se amolecido na rigidez da rude armadura de couro de capoeiro côr de tijolo.

O morto às vêzes é o filho único de um velho vaqueiro, de um veterano das catingas, de um herói encanecido na luta contra os horrores das sêcas, mostrando na face avelhentada rugas profundas à semelhança de erosões em socalcos de argila. Ninguém o procura consolar na grande mudez de sua dor. Êle marcha só, rígido, ereto: e de quando a quando uma lágrima grossa lhe rola pela face ruguenta, numa lentidão de gôta de orvalho que escorre pelo tronco de uma aroeira secular...

III

De novembro a dezembro, na doce esperança de um bom inverno, brocam-se os roçados. E quando raia o dia de Ano-Bom, começam as "experiências" pelas quais o sertanejo ignorante pretende saber se choverá ou não. A primeira experiência é esta: a contar do dia 1º., cada dia é considerado um mês do ano: 1º. é janeiro, 2 fevereiro e assim por diante, até 6 que é junho, último mês da estação chuvosa. Conforme chover naqueles dias, choverá naqueles meses.

A 13 de dezembro faz-se a experiência de Santa Luzia. Dizem que é a mais verdadeira. Divide-se um pedaço de papel qualquer, a lápis ou tinta, em seis partes. Em cada uma se escreve o nome do mês a que deve corresponder e nela se põe uma pedrinha de sal. Depois, deixa-se o papel exposto ao sereno a noite tôda. Conforme se derreterem as pedrinhas de sal, maior ou menor será a abundância de chuva.

Por fim, quando o inverno começa escasso, irregular, avaro, cheio de negaças, indeciso, e o veranico de fevereiro tortura o gado enfraquecido, matando a lavoura com a praga da lagarta, a derradeira esperança é que a 19 de março, dia de S. José, dois dias antes do equinócio, o inverno se regularize e farte a adusta terra ressequida e negra.

Tôda e qualquer plantação no Norte chama-se "roçado".

Demarca-se o terreno em que se quer plantar, medindo-o por "passos". Comumente um roçado tem de cem a duzentos passos em quadro, porquanto o sertanejo não possui grandes recursos, nem arrisca tôda a sua reserva de sementes, sabendo que não conta com a chuva e que precisará replantar o legume; de resto, nem todo o terreno do sertão se presta à lavoura; muitas zonas são ùnicamente próprias à criação, refratário ao amanho o solo de calcário primitivo, todo cheio de sílex, sedimentos micaxistosos, quartzos rolados na profundeza de um metro. As lombadas dos cerros são preferidas para algodão, os ariscos para mandioca, as baixas planas para milho e os encharcados para arroz.

Demarcado o terreno, aceira-se o mato em quadro com cuidado e vagar. Entram, então, naquele quadro seis, oito homens, de foice em punho. Começa a broca, que é o cortar dos galhos e dos ramos grossos. Após a broca, vem a derruba. Entra o machado em cena, rebrilhante, feroz, impiedoso, rangendo ao entalar-se nos troncos fortes, de onde ressaltam hastilhas ainda úmidas de seiva, lascas de córtex pontudas e finas. A mata geme, e — como guerreiros que tombam chapeados de ferro aos golpes dos montantes — as árvores vão caindo com fragor. Por fim, nenhuma árvore, nenhum arbusto ficam de pé. E ainda, incansáveis e encarniçados, os sertanejos golpeiam e mutilam os troncos e galhos já mortos pelo chão, dividindo-os em curtos toros e finas taliscas.

Passam-se muitos dias. O sol seca o arvoredo derrubado. Quando as fôlhas tomam uma côr avermelhada e se engelham arripiadas ao calor, queima-se o roçado Fazem-se grandes e rudes archotes de palha de carnaúba ou de ramagens, e com êles ateia-se fogo aos quatro cantos. As labaredas aparecem, tremem medrosas

ao primeiro sôpro da brisa, vão crescendo e alastram-se baralhadamente em línguas rasteiras, coleantes. E por entre as primeiras chamas, como energúmenos, saltam os roceiros, de fachos em punho, acendendo os mais altos montões de galhos, as rumas de folhiços, as touceiras de capim amarelo, cuidando em que não encrue, isto é, que não queime sòmente aqui e ali, por falta de vento que atice o fogo ou por não estar ainda o mato bem sêco. Logo que o vento abranda, esmorece em sopros, estafado, gritam uns para os outros, para os meninos, que sempre, curiosamente, vêm olhar a queima:

— "Assobia! Assobia, menino!"

É crença geral que um certo assobio demorado e longo tem a singular propriedade de chamar o vento. O sertanejo debulha uma porção de milho, depois passa-o de uma vasilha para outra, deixando-o cair do alto, a fim de fazer voar as cascas tênues. Põe um pequeno ao lado, encarregado de assobiar ao vento, açulando-o. Muitas vêzes êle mesmo o faz.

Queimado o mato, ainda sobram grossos troncos que o fogo não pôde destruir, outros que, ainda verdoengos, não se queimaram. Fazem-se então as coivaras ou fogueiras parciais.

Enfim, caem as primeiras chuvas. A cinza molhada aduba a terra. Destoca-se o terreno e planta-se. Antes de plantar, porém, com os grossos galhos escapos do fogo faz-se a cêrca. Se ela é de ripas entrançadas, à semelhança de tôsco cêsto, chama-se de "quebra-dedo"; se de longas varas descansando em suportes da forma de X, de "tesoura".

Pronto o roçado, preparada a sementeira, o sertanejo finca fronteando a cêrca alta vara rematada por uma caveira de boi ou por um simples chifre. Diz êle que é para livrar do mau-olhado dos invejosos e de outros feitiços que dão esterilidade à terra.

É, indubitàvelmente, um último resquício de velhos cultos e velhas superstições da humanidade, da crença em poderosos talismãs que atraem sôbre os vegetais e animais a abundância e a vida; derradeira reminiscência do culto da fecundidade que fêz os antigos colocarem em todos os lugares onde ela era apetecida amuletos extravagantes e obscenos, isolados, apensos a animais, ou sob a forma mais culta de Términos, Hortanos e Hermes Casmilus...

Então começa o plantio. Primeiramente se fazem as covas, à enxada. Depois vai-se-lhes lançando as sementes, logo cobertas por um jato de terra, atirado com o pé. Dos cereais, o feijão é o mais preferido, pelo seu rápido crescimento, carregando com três meses e com menos, tornando a carregar, se as chuvas forem constantes.

Plantam-no sem escolha, colhem-no da mesma maneira: uma lata ou um saco de feijão tem de tôdas as qualidades, côres, feitios e tamanhos, desde o "mulatinho", ao "de arrancar", ao "de corda", ao "careta", ao "quebra-cadeira", ao "acalenta-menino" (11). De vinte em vinte dias, mais ou menos, limpam-se os roçados dos capins, das beldroegas. O sertanejo chama a êsse ato a limpa, do mesmo modo que ao de queimar denomina a queima. É sintético no seu rústico falar.

---

(11) — Essas denominações decorrem do aspecto do feijão: o mulatinho é muito escuro, quase prêto; o de arrancar, porque para colhê-lo se arranca o pé; o de corda, porque os seus galhos lembram cordas; o careta, porque as suas pintas brancas formam uma espécie de careta; o quebra-cadeira, porque, sendo muito rasteiro, quem o colhe é obrigado a se baixar muito, ficando com as cadeiras doridas; o acalenta-menino, porque é tão bom, dizem, que acalenta os próprios meninos chorões.

A colheita do feijão chama-se a apanha e a do milho, quebra. O feijão apanhado é espalhado no barro do terreiro, ao sol, para secar. Sêco, malham-no a pau, para largar as cascas. Limpam-no e guardam-no em caixas de fôlha de flandres — velhas latas de querosene — fechadas com tampões de cêra de abelha ou de sabão, para não dar o "bicho", o gorgulho. Às vêzes, com o mesmo fim, passam-no no fôrno quente da casa de farinha.

O milho, quando maduro, é quebrado na própria haste e lá fica, pendido, exposto aos raios do sol. Poupa-se assim a armazenagem. Quase não há ladrões. Sòmente o vento, ao findar de junho, ergue altos turbilhões de palhas, que os gados assustadiços olham ao longe com mêdo. E, quando se precisa de uma certa porção, tira-se e debulha-se No fim do inverno, precisando-se da palha para os animais, guarda-se o resto. Ao dar o milho as primeiras bonecas, espigas tenras, envoltas em longos fios dourados, diz o matuto que bonecou; e se a inconstância das chuvas e a fraqueza da terra produzem espigas fanadas, quase sem grão, é milho de tamboeira.

Arrancar a mandioca e transformá-la em farinha é a desmancha ou farinhada.

Nos trabalhos dos roçados, brocas, quebras, queimas e limpas; na apanha do feijão, na quebra do milho, na desmancha da mandioca, fazem-se os adjuntos. Reunem-se todos os vizinhos em casa daquele que precisa fazer qualquer dêsses serviços. Êsse fica devendo, a cada um, o tempo que trabalhou para êle. Em certos meses, levam-se semanas a fazer adjuntos: hoje em casa de fulano; amanhã na de beltrano; depois

na de sicrano E assim, auxiliando-se mùtuamente, vencem tôdas as dificuldades. Entre a gente do sertão, não concorrer aos adjuntos e não dar notícias de gados sumidos são pecados tão mortais quanto negar água ao viajante sequioso. Êsses adjuntos têm a poesia das vindimas na alegria dos seus folgares, danças e elegíacos descantes à viola. E nos namoricos com ciumadas provocantes, findando em lutas sangrentas, onde as facas luzem, os cacêtes rodopiam e os golpes caem lentos, ferozes, vê-se o resto de selvageria que o sangue índio, casado ao negro, deixou na alma tôrva dos mestiços.

Terminado o serviço diurno, após o jantar fornecido pelo dono da casa, todos fazem roda na casa de farinha e matam o tempo a escutar os casos de um velho caçador já corcunda, alva barba esfarripada, que gaba sua perdida destreza, lastima ser tolhiço e morrinhento, relembra o que passou, conta do caipora feiticeiro, de suas traças e artimanhas, do seu imenso poder, quando montado num caititu arrebanha aos berros as manadas de porcos selvagens na espessura das selvas; ou a ouvir os descantes de um "cantador de pé de viola", um "poeta" inspirado, que declara a ardência de sua paixão a uma das moças presentes, tôda encolhida e desconfiada, olhos negros e pestanudos, baixos de acanhamento, falando, troçando ao mesmo tempo com os que vão chegando, chocarreiro e alegre:

— "O cipó da mata virgem
Amarra o jacarandá,
Assim, menina, em teus olhos
Ando eu bem prêso já."

— "Amigo que vem de fora,
Que na roda agora entrou,
Me dê aceso um cigarro,
Que o meu n'água se molhou."

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Instituto de Pesquisas Econômicas

A casa de farinha é um vasto telheiro sustido por colunas de madeira ou alvenaria. A mandioca, entulhada ao meio da casa, é, comumente, raspada por mulheres, sentadas ao chão, armadas de quicés. Uma raspa a raiz até o meio, outra acaba de raspá-la. Quando apostam para ver quem vence em ligeireza na raspagem, chamam "jogar capote". Jogar capote é o divertimento preferido dos namorados nesses dias, numa amorosa consolação, para ver quem leva o outro de vencida.

Raspada a mandioca, ralam-na num caititu de lata, prêso a uma espécie de mesa com bordas, o cevador, e acionado pela polia de rêlho de uma grande roda que chia irritante, tangida por dois homens robustos, nus de cintura para cima, untados de suor, com músculos que reluzem, como tendões de bronze, no esfôrço. Em algumas fazendas move-o uma bolandeira, grande roda puxada por bois ou burros. Aquela papa de mandioca ralada, a "massa", vai então para a prensa, enorme armação de madeiras rijas, o braço ou parte superior de pau-d'arco empenado, as "virgens", madeiros de sustentamento, de aroeira; tudo de grande fôrça e de grande rusticidade. A mandioca, encartuchada em palhas de carnaúba e depositada numa parte funda, uma espécie de caixa, armada na mesa da prensa, é espremida sob um grosso e pesado "chaprão" (12), empurrado por um brinquete, um toro curto de forte madeira. O braço da prensa, abaixando-se vagarosamente por meio de um alto parafuso feito de grosso cerne, movido pelo prenseiro, pesa no brinquete que vai empurrando o "chaprão" sôbre a massa. Por baixo da prensa, de uma frincha, escorre a manipueira esverdinhada — o sumo venenoso da mandioca triturada e espremida.

(12) — Corrutela de pranchão.

Depois de imprensada, a massa é peneirada no côcho e torrada num grande forno de alvenaria, com as fendas dos tijolos largos mal tapadas a barro. Mexe-a com uma longa vara um mestiço indolente, o "forneiro", mascando o mapinguim, resmungando em voz baixa versos toscos do sertão, rindo simiescamente às prosas das raparigas da tulha, de quando a quando tossindo sôbre a farinha alvadia, à inaturável afumadura da lenha resinosa, escapando-se pelas frinchas da mal feita parede.

Um jornalista francês, escrevendo suas impressões de viagem em terras da Turquia Asiática, dizia que nessas províncias otomanas era tal o atraso da agricultura — que muito pouco se usava o arado e nunca se ouvira falar de outros instrumentos agrícolas mais aperfeiçoados.

E o que diria êle, se fôsse ao sertão do Ceará, onde jamais se trabalhou de arado e a terra nunca sentiu o dente da charrua, onde a cinza da queimada é o adubo da terra, a generosidade do inverno — base da agricultura, a imprevidência — lei geral, único instrumento — a enxada, felizmente de ferro, igual, porém, no cabo tôsco e no manejo, àquelas com que o homem primevo cavava o chão duro, enfiando tubérculos, quando o rio negava peixe, a floresta caça e outras tribos mais fortes, ocupando as paragens férteis, coibiam a migração? Que diria, ao ver a rústica simpleza dos aviamentos de uma casa de farinha, seu tom de maquinismos primitivos, os trâmites dificultosos e atrasados de uma desmancha, de uma farinhada, a ingenuidade daquela fabricação? — Que o amanho do solo nos sertões do Norte é mais primitivo e mais rude do que a agricultura das poentas e pedregosas províncias da Anatólia...

OS ANIMAIS

I - O CACHORRO — II - O CAVALO —
III - O GADO — IV - AS AVOANTES

I

Quanta particularidade interessante na vida áspera e rude dos sertões do Norte é descurada por completo pelos que se têm ocupado em descrever costumes sertanejos — particularidades dignas de reparo e descrição, pois, como doutrina Schopenhauer, é tarefa do escritor tornar interessantes as cousas pequenas! E já que Gautier e Zola dedicaram páginas lindas às sedosas gatas de sua estimação, não será descabido que eu dedique êste capítulo à humilde figura do cão sertanejo, merecedor disto, não só pelos serviços que presta, como por sua vida cheia de sofrimentos.

Os cães sertanejos não têm origem certa, nem raça determinada. São a resultante de uma mistura étnica elaborada pelas condições de vida através do tempo, que se não pode explicar. São de todos os tipos e tamanhos, côres, malhas e feitios, pêlos sedosos ou arripiados, focinhos curtos ou longos, orelhas caídas ou de pé. Múltiplas e várias são, também, suas aptidões. Uns são exímios farejadores, perseguidores incansáveis das rapôsas, dos feros e astutos *canis brasiliensis* e *vellutus;* outros, guardas fiéis da casa e do chiqueiro: ajudam a pegar o gado e defendem o cercado das galinhas dos assaltos noturnos da rapôsa, do guaxinim e do gambá. O matuto designa de um modo especial a aptidão dos cães: cachorro bom de gado, bom de caça, bom de rapôsa.

Na generalidade os cachorros do sertão são pequenos, ossos à mostra, fulvos, arrepelados, gafeirentos, selvagens e valentes. O seu olhar glauco, melancólico e doce segue ansiosamente todos os gestos de uma pessoa: estão sempre sob o temor de uma pancada, de um mau trato. As suas pituitárias finíssimas sentem o guaxinim ao longe; os seus ouvidos atilados percebem o estalar distante de um graveto sob a pata forte do gado, no sombrio recesso das catingas. São caçadores e pegadores de gado. Ninguém nunca os educou; jamais os ensinaram: fizeram-se por si na selvatiqueza dos matagais espessos, no descampado das várzeas solitárias e tristes.

Quando o inverno enche de alegria e abastança a mansão sertaneja, devoram às goladas vorazes o sôro dos potes de coalhada, às dentadas ferozes restos imprestáveis de uma rês abatida; lambem o último resquício de sangue no lugar onde esfolaram um boi; roem um osso, aproveitam rebutalhos da mesa, migalhas de pirão. Engordam um poucochinho. Ainda assim não fartam as exigências da nutrição. As sobras do sertanejo são parcas, mal bastam às galinhas e ao capado do chiqueiro.

Na grande miséria da estação sêca morrem à fome. O que o dono tem em casa é pouquíssimo, mal lhe basta; nada lhes pode dar. Então, famintamente, lutam pela vida nas várzeas, nas selvas, nos serrotes.

Os lagartos, o tejubu e o tejuaçu gostam de se aquentar ao sol de meio-dia, deitados nos folhiços. Êles sabem de seus lugares prediletos; espreitam-nos dias a fio. Pilham-nos, geralmente, após carreiras furibundas através dos matagais crestados. Feridos nos espinhos, chicoteados pelo rabo flexível do animal, armado de uma serrilha cortante, de puas finíssimas, ferram-lhe os dentes à gorja; rasgam-lhe raivosamente o couro escamento, esverdeado, duro; despedaçam-no. Nesse dia feliz almoçam ou jantam.

Onde quer que farejem rapôsas, perseguem-nas com fúria. Matam-nas; mas por maior que lhes ande a fome não as comem. Eliminam aquêle concorrente de caçadas, esfaimado sempre e sempre astucioso. É a imperiosa necessidade da concorrência vital.

Caçam todos os animais que podem. Nada lhes escapa: nem a tejubina verde, fugidia e esquiva, nem a maritacaca fedorenta. Tudo lhes serve. Seguem os dois brocardos matutos: "O que não mata, engorda"; "Triste do bicho que outro engole!"

Dormem ao relento no terreiro dos casais, uivando ao longínquo pisar de um animal suspeito, ladrando ao vulto veloz de um cavaleiro que atravessa a noite. Chovendo, encolhem-se a tiritar na alpendrada, ganindo baixinho, com frio. Nas noites de luar contam suas queixas ao rosto branco do astro poético; ademais, esta mania é peculiar a todos os cães. Castro Alves conta de vinte cães vadios ladrando à densa garoa que envolvia a lua e Von Zedlitz diz na "Revista Noturna":

> "À meia-noite, quando todos dormem
> E ladra à lua o solitário cão . . ."

Varejam léguas e léguas de mato denso, alta noite, em busca de um capricho amoroso. E quando recebidos hostilmente por companheiros zelosos e egoístas, dão combate. Enovelam-se aos ladridos e uivos pelo chão, rangendo os caninos, esfiapando carnes a porejar sangue, relembrando aquelas brigas noctívagas dos cães de Constantinopla, narradas por D'Amicis.

São salteadores. Têm desonestidades desavergonhadas. Roubam o conteúdo de um alguidar descuido-

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Instituto de Pesquisas Econômicas

samente esquecido no jirau de uma cozinha, um pedaço de tripa a secar de uma vara exposta ao sol. Furtam o boião de sebo que o vaqueiro deixou enganchado aos mourões da porteira, após ter curado as pisaduras dos jumentos de carga, esfregando-o com fôrça, aquecido, a derreter-se. E — o que é inacreditável — comem as alpercatas de couro que o matuto deixou sôbre um banco, devoram um cabresto de rêlho, pendurado de um cambito mais baixo que puderam alcançar, roem um loro de sela, uma aba de carona. Embora não possam os dentes romper a dureza do couro, ficam horas esquecidas a mastigá-lo, enganando a fome. Ela justifica tudo: os mareantes lusitanos, quando a bolacha faltava e os gajeiros não avistavam o vulto longínquo e esbatido da terra desejada a sujar o recuado contôrno do horizonte, comiam as solas dos sapatos e as guarnições de couro das vêrgas. Na velha xácara da Nau Catarineta, talvez originada nas sagas rúnicas dos navegadores escandinavos, se lê:

"Puseram sola de môlho
Pra o outro dia jantar . ."

Um dia conversava com o dono de uma fazendola, bebericando café à sombra do alpendre, olhando em tôrno o sertão sêco, desfolhado e triste. Surpreendeu-nos uma gritaria infernal de meninos à sôlta. O sertanejo chamou os filhos. Apareceram suados, afogueados, vermelhos do sol, chicotes, cacêtes e pedras em punho. Eram uns cinco. O mais velho explicou ao pai o que acontecera: — "Foi, papai, aquêle cachorro branco do Joaquim Teodoro que ia carregando as suas alpragatas (13) da beira do forno, lá na casa de farinha."

(13) — Alpercatas.

De outra vez ia eu de viagem. Ao passar num lugarejo chamado Feijão, pela frente de uma taverna, vi diversas pessoas correrem aos gritos empós um cachorro que levava à bôca um cabresto de rêlho. Roubara-o de uns comboieiros ali arranchados e ia manducá-lo pelos matos.

O cão sertanejo desconhece o agrado. Nunca lhe fizeram uma carícia. Põem-no fora de casa para que não furte alguma cousa e não encha os quartos de pulgas. Ademais, êle tem originalidades: gosta de se enroscar dentro dos caçuás, de repimpar-se sôbre os montões de arreios e mantas, de dormir confortàvelmente alojado nas liteiras de viagem. Tratam-no quase sempre às chicotadas e quando o aborrecem dizem que está danado, dão-lhe infusões de ervas venenosas a beber ou matam-no às pauladas.

Precisando de seu auxílio, assobiam-lhe: e êle vai, muito alegre, satisfeito, balançando a cauda.

Jamais se nega; nunca se recusa. Vai à caça e só lhe dão do produto ossos roídos e limpos que trinca com furor. Persegue os porcos da vizinhança, que se vêm chafurdar nas cacimbas do gado, toldando a água. Pega ao nariz os ásperos novilhos; mete boiadas no curral. Nada recebe em paga. Não se revolta. Não se furta sequer às tarefas. Seu olhar manso e veludoso só lampeja ao avistar os animais daninhos e trapaceiros.

É humilde, obediente, triste e desconfiado. Desconfiado é ao extremo. Sua vida quase selvagem, o descaso com que é tratado deram-lhe essa feição ao caráter.

Quando os sertanejos comem sentados ao chão, sôbre rude couro de boi, segue a comida com a vista, desde que deixa o prato atufando a tôsca colher de

estanho, até se sumir nas mandíbulas; e tôdas as contrações da deglutição. Se um pouco de farinha espalha-se pelo chão, lambe-o até arrancar o derradeiro carocinho. A mim, que muita vez comi sentado em duro couro um pouco de ovelha cozida com pirão, parecia ter o seu olhar a fôrça dos raios-X a varar-me os tecidos, acompanhando famintamente o descer do alimento pelo esôfago até o estômago... Ficava penalizado. Atirava-lhe um pouco. Devorava. Mais confiante, com os olhos tristes, lacrimosos, pedia mais. Adivinhava uma compaixão na minha generosidade: daí o pedido. Dava. Quase sempre, um sertanejo intervinha:

— "Ora, seu moço, deixe êsse preguiça. O mato tá cheio de bicho. Em vez de ir caçar tá aqui acerando a janta!" E levantando o braço: "Vai-te embora, cachorro!"

Pensava então na fome que deveria curtir, no suplício tantálico de ver os donos comerem indiferentes, quando um passageiro sensível, generoso por não conhecer as agruras da vida, ali não comesse com os vaqueiros.

No entanto, faminto e fiel, ao menor aceno do dono, estaria pronto a bater as estradas, o ventre pegado ao espinhaço, ajudando-o a conduzir as reses manhosas e a caçar pelos abruptos contrafortes das serras lutando dentro dos folhiços, em lide brava com os maracajás malferidos e com os quatis (14) agonizantes.

Nunca me sairão da lembrança aquêles lebréus esqueléticos, sentados tristemente sôbre as patas traseiras, "acerando a janta" ou vendo o vaqueiro esfolar uma rês, com aquêle olhar fito e imoto a traduzir todo um mundo de cobiça, tôdas as angústias cruéis de uma grande fome, tôda a sua paciente resignação!...

---

(14) — **Nasua Sociales.**

Muita vez dois ou três dêsses desgraçados, varejando juntos as vastas catingas, acuam uma onça num quebrado de monte. Se é uma maçaroca mofina, uma suçuarana medrosa, queda-se à espreita, olhos em fogo, no seu último refúgio. Mas, se é uma pintada ligeira, uma preta ferocíssima, um ou dois lá ficam a escabujar nas ervas, os intestinos de fora, a cabeça espatifada por uma tapona formidanda. Heroicidade de famintos! E o dono, juntando companheiros ao remoto uivar dos magros cães, lá se vai de clavinote e terçado, matar a malvada sangradora dos cabritos transviados.

O próprio dono rouba-os. Um rapazelho indolente, morador à orla de uma floresta, contando-me suas misérias, falou-me assim:

— "Graças a Deus, há dias em que eu passo bem! A minha cachorrinha vai à mata, pega um preá e vem comê-lo no terreiro. Eu tomo o bichinho, cozinho-o e como-o."

— "E a cachorrinha?"

— "A cachorrinha rói os ossos ou vai atrás de outra cousa. . ."

Tôdas as tardes passava a cavalo por uma linda várzea, encravada entre longos carnaubais sussurrantes. Junto à orla do mato, entre o junco alto e verde, havia a branca ossada de uma rês, que a inanição derrubara ali, um ano antes. Uma feita, ao escurecer, avistei um animal agachado entre os ossos. Fugiu à minha aproximação. Perscrutei o carrascal; nada vi. Ao outro

dia, mais cedo, voltei a pé, de espingarda, à espreita do tal bicharoco. Lá estava êle, agachado, a roer... Era um cachorro da vizinhança. Vinha enganar a fome, triturando nos dentes uma borda amolecida de tíbia, uma cartilagem despregada pela chuva e o sol...

O cachorro é o maior competidor do carcará e do urubu. Abre luta com êles. Junta-se a outros e os enxota da carniça. Após as queimadas procura os animalejos grelhados ao fogo, expulsando os gaviões e as acauãs às carreiras, latindo.

O sertanejo sabe de um apólogo, enquadrado no lúgubre cenário de uma varjota, onde um urubu farto descansa num galho e um cachorro famélico fareja um bezerro morto, coberto de moscardos.

Cachorro, humilde e bajulador:

— "Boa tarde, seu doutô,
Como vai a senhoria?
Pela sua cortesia,
Deixa-me roer um osso?"

Urubu cheio de si pelo tratamento ilustre de doutor:

— "Com licença do doutô,
Pode comer sem sobrosso."

O cachorro comeu, fartou-se; depois, mofando da prosápia do urubu:

— "Foi coisa que eu nunca vi,
Negro de chapéu de sol!
Para que êsse tição
Se resguardando do sol!"

Com dignidade e altivez rosnou-lhe o urubu:

— "Vá embora, malcriado
Cabra sem educação!
Bem entendido é o ditado:
Cachorro não tem razão!"

Bastas vêzes vi enxotar e eu mesmo enxotei cachorros da casa da fazenda, por empestarem o ambiente com o fedor da carniça. Numa fazenda onde estive, havia um cachorro grande, quase galgo, rajado — o Gigante. A um quilômetro de distância morava o Raimundo Côco, dono de um cavalo caduco e piolhento. O cavalo morreu. O Côco atirou-lhe a carcaça num descampado, ao sol. O Gigante fartou-se de carniça. Por fim, os urubus limparam a ossada e, no entanto, o cachorro saía de casa, à tarde, e voltava. à noite, fedendo horrìvelmente. Enxotavam-no a pau. Não se podia atinar onde o Gigante comia carne podre. O cavalo se acabara. Pela redondeza não havia bichos mortos, pois que os urubus não avoejavam sôbre os matos. Uma tarde, tive a pachorra de segui-lo disfarçadamente. Num cerrado de moitas, sob uns carcavões de mofumbo, êle tinha enterrado uma boa provisão de carniça...

Muito testemunhei dêsses fatos, — exemplos de previdência do animal esfaimado.

O cão sertanejo é dedicado e agradecido. Em 1907 estive meses numa fazenda, em pleno sertão. Andava-me a saúde malbaratada e qualquer cousa sensibilizava-me muito. Na casa aparecia um grande e bonito cachorro, vermelhaço e esperto — o Leão. Era de um vizinho, um jornaleiro humilde; e como na fazenda houvesse uma certa abundância, se esquecessem aparas de queijo pelo chão e se atirassem ossos e

pelancas fora, preferia-a à casa do dono, vindo sorrateiro petiscar as sobras. Todos os de casa, sem razão plausível, por simples birra, metiam-lhe o cacête, esbordoavam-no. E êle, humilde, sem um ranger rebelde de dentes, sem um murchar colérico de orelhas, gania a encolher-se num mudo e doloroso protesto contra aquela tenaz e desarrazoada perseguição. Êle não fazia mal algum; era compassivo e leal; não mordia, não ladrava alto, não ia sacudir pulgas no interior da casa. Às vêzes corria, a uivar pelo pátio, e ia-lhe no encalço o fazendeiro ou o moleque da cozinha esbordoando-lhe o espinhaço encurvado de mêdo. Feriam-no até. Nessas ocasiões eu intervinha zangado, e era-me paga da repreensão passada no moleque um olhar de gratidão, demorado e doce. Ademais, eu sempre lhe minorava as humilhações dando-lhe comida, acariciando-o. O animal tinha-me grande dedicação. E, quando deixei a fazenda, acompanhou-me dez léguas ao sol ardente dos caminhos, sempre na mesma andadura do cavalo. Dormiu satisfeito e plácido sob minha rêde, na pousada. Ao outro dia, tomei o trem na estação do Juá: e êle ficou na plataforma, a uivar de saudade, seguro de uma corda à mão robusta do cargueiro, para não embarafustar de vagão adentro. É o caso de repetir os versos de Belmiro Braga:

"Se entre os amigos encontrei cachorros,
Entre os cachorros encontrei-te, amigo!"

Um dia "saí ao campo" com o vaqueiro. O encourado (15) trotava na frente, firme na larga sela, rígido na sua roupa de couro; eu, mais atrás. Ao lado caminhava o cão de gado, grandes orelhas pendidas calmamente.

(15) — Encourado é quem anda com a roupa de couro, do mesmo modo que empanado é quem anda com a do pano.

A estrada tinha curvas bruscas, cotovelos imprevistos. Em um dêles o cão perdeu o amo de vista. Quando lá chegou, êle se havia metido por um de dois caminhos que dali rompiam. Ficou um instante indeciso. Depois farejou um. Nada sentiu. Não farejou mais o outro. Meteu-se por êle resolutamente. Compreendera que, só havendo dois caminhos e o amo não tendo seguido por um, forçosamente seguira pelo outro.

* * *

Tive um cão elegante e astuto, côr de bôrra de vinho, manchado de branco, inimigo terrível de porcos e rapôsas. Ao menor aceno, ao mais pequeno gesto, fisgava qualquer animal. Chamava-se Vampa. Por uma tarde doce e quente de maio, atravessava uma longa várzea. O Vampa ia comigo. Um grande porco ruivo fossava, espojando-se aos roncos no pé de uma cêrca. Impensadamente açulei o cachorro: — "Isca! Pega!"

O cão de um salto ferrou os dentes no suíno gordo e pesado. Os dois rolaram numa nuvem de pó. Fisgado ao pescoço, o porco quase sem fôlego guinchava de dor. Foi quando me lembrei que estava fora das terras da fazenda e, temendo que o porco ficasse bastante maltratado, gritei ao cão que o largasse e viesse a mim. Mas o animal no ardor da luta não me atendeu. Peguei de uma vergôntea de cipó e dei-lhe umas quatro pancadas seguras e rijas. Humilhado e triste, soltou o barrão e acompanhou-me à casa, desconfiado, a distância. E desde êsse dia nunca mais confiou em mim. Eu saía, chamava-o, e êle quedava no alpendre a olhar, a fazer festas com o rabo, porém nunca mais me acompanhou.

Têm nomes interessantes êsses cães magricelas do sertão. Chamam-se: Rompe-nuvem, Rompe-ferro, Negro, Gigante, Leão, Tigre, Pé-prêto, Canivete, Caga-lume. Outros têm nomes de "empuiar" a quem os pergunta: Teu-nome, Põe-pra-ti. Como se chama? Dois-contigo. Quando o dono leu a obra de Carlos Magno o cachorro se chama Ferrabrás ou Roldão. Existem alguns com nomes de postos e empregos — ironia sertaneja: Delegado, Tenente, Governador, Capitão. Assemelhando-se a alguém, levam o nome dessas pessoas: Teotônio, João Socó.

Ao lado dos famintos e miseráveis, há os felizardos caídos nas boas graças de meninos caprichosos, moradores em casas abastadas, mimos de donos compassivos. Êsses são gorduchos e modorrentos. Existem, porém, na proporção de um para mil, — o que não é nada agradável aos representantes da raça canina obrigados a viver na aridez dos sertões do Norte.

O sertanejo trata-o com descaso e não lhe dá quase alimento: é que a comida mal lhe basta; êle também sofre fome; os seus parcos restos têm de ser repartidos com as "criações"; pouco sobra para os cães. De resto, tudo serve ao sertanejo faminto; êle provê dificultosamente à sua subsistência; e, como assim procede, acha que o cão também deve por completo prover à sua. A vida é muito difícil: cada qual cuide de si; quem enfraquece e cai é esmagado.

O sertanejo jamais chamou o cachorro de cão; chama-o sempre cachorro. Cão significa outra cousa: cão é o diabo.

Nunca rebusquei a origem dessa denominação; mas deverá provir, talvez, de uma velha lenda em que o demônio se apresente transformado num cão, embora no sertão se não fale em algo a êsse respeito e sempre se pinte o demônio aparecendo vestido como homem, mas com os pés de pato.

O que não resta dúvida é que o cão é o ente mais desgraçado de quantos habitam os sertões. E tão reconhecida é a sua miserabilidade que o próprio sertanejo, ao referir-se à vida de um indivíduo muito infeliz, rosna: — "Aquilo é vida de cachorro pra baixo!"

II

O cavalo sertanejo é esguio, sóbrio, pequeno, rabo compridíssimo, crinas grandes, capaz de resistir a tôdas as privações, a todos os serviços e a todos os esforços. É o melhor auxiliar do vaqueiro e êle o estima e trata com o maior carinho.

Quer seja noite, quer seja dia, no piso das reses que arrancam ou espirram mato adentro, vara os carrascais cheios de espinhos, as croas entretecidas de cipós fortes, as catingas cerradas, desce o descambar das serrotas, rompendo os carcavões de unhas-de-gato, escorregando nos seixos lisos, sem hesitações, sem temor e sem cansaço. Não tem ferraduras: o casco acostumou-se ao pedregal e ao espinho, enrijou; a unha é perpendicular, pequena, dura como ferro. A hereditariedade transmite êsse caráter de adaptação. Raramente fica estropiado.

A sua raça, como a do cachorro, é incerta e de difícil determinação. Deve descender de cavalos portuguêses cruzados com os árabes de uma leva importada para Pernambuco e quiçá ainda misturados com os dos ciganos, que por ordem da Metrópole, em tempos coloniais, foram povoar o vale do Jaguaribe. Do árabe talvez provenha o seu porte franzino no aspecto, nervoso, e a imensa resistência a tôdas as intempéries e misérias. Finalmente, nada se pode afirmar sôbre o assunto. Daí o constante talvez das frases tôdas.

Para transportes o sertanejo utiliza os jumentos, por causa de sua grande resistência à sêca. O jumento faminto alimenta-se com tudo que encontra: galhos tenros, fôlhas sêcas; a sua dentadura tem um modo especial de trincar o cardeiro tirando os espinhos; com a ponta fina do casco escava a terra e retira as raízes polpudas do capim-gengibre. Mais resistente que os muares, criados pelo sertanejo em pequena escala para a exportação, o jumento pequeno e rijo do Norte trabalha mais, — é incansável. Sua resistência à fome é de tal forma que o sertanejo assim se expressa:

— "Em tempo de calamidade só escapam duas nações de gente: padre *cercedote* e jumento."

Esta frase é de muita ironia e, em verdade, o sertanejo explica que o jumento tudo devora e o padre passa bem, cria banhas e recebe presentes das beatas.

Antigamente a criação de cavalos no vale do Jaguaribe era tão grande que lá estadeavam os corpos de milícia que a Metrópole chamava — Regimentos de Cavalaria Auxiliar; restringe-se hoje aos animais necessários ao árduo mourejar das fazendas.

O cavalo do sertão é feioso como um corcel quirguiz. Lá uma ou outra vez aparece um exemplar bonito, esbelto, alto. Não tem saracoteios, nem saltos, nem corcovos, salvo quando espantadiço. O olhar só brilha quando se apresenta ocasião de correr; depois, as pálpebras murcham numa sonolência lassa. É ativo e parece ronceiro; forte e parece fraco; ágil e parece pesado. É pasmosa sua agilidade. Nos imprevistos das furibundas carreiras pelos matos em fora, salta galhos baixos, mergulha sob os altos, alonga-se, encurta-se, pula de lado, faz prodígios. É necessàriamente baixo

para essas ligeirezas; a aridez do clima não produz outro. É raridade um animal de sete palmos do casco à cernelha. O meio torna-o sóbrio e magro. Passa dias sem comer, quase sem beber. Num dia faz quinze, vinte léguas, puxando um pouco; dez faz normalmente. É manso. Quando o cavaleiro cai, pára ao lado.

O vaqueiro costuma ensinar-lhe andaduras forçadas: um passo trocado e macio, que o não cansa, próprio para viagem — a "estrada baixa"; mais apressado — a "estrada alta"; um outro mais ligeiro — a "meia-marcha", subindo em velocidade até a "marcha" e ao "esquipado". Os cavalos de campo, próprios para a pega do gado, ordinàriamente só sabem a "estrada". Os de viagens e passeios sabem tudo. Nesses passos o cavaleiro não sente o menor solavanco; o cavalo, porém, cansa muito e pelo abuso vem a sofrer de "sôbre canas" e "ovas", doenças nos ossos das patas. Deixam-lhes as caudas compridas para se abanarem das môscas, muriçocas, mosquitos, varejeiras, mutucas e meruanhas, umas que o incomodam, outras que o mordem e sugam. Quando chegam a uma casa, com um brusco puxão de rédeas, param-nos de sopetão, embora venham a galope. Chamam a isto "riscar".

Conforme a andadura, o cavalo é "estradeiro", "estradeirão", "marchador", "baralhador", "esquipador", "galopeiro" e "corredor". O cavalo espantadiço chama-se "passarinheiro"; o manhoso — "mocambeiro"; o que ao "marchar" ergue o colo altivamente — "faceiro"; o que encosta a cabeça ao peito — "encapotado"; o que pára, espantado e medroso, sem querer sair do lugar — "acuador"; o que escoucinha, "upeador" e "popeiro"; o que tem uma orelha cortada — "nambi"; o que tem

as duas orelhas caídas, ou uma só caída — "cabano"; o que não sabe nenhum passo — "choutão"; o que não tem sinais encobertos — "cacête"; o que tem um pé dianteiro branco — "argel"; o que não tem o menor sinal — "tapado"; o de pêlos sedosos, longos — "gadelhudo"; o que anda de lado, picado de esporas — "tranqueador"; o gordo, roliço — "de rêgo aberto"; tendo a anca comprida — "anca de porco".

Pelos dentes conhecem-lhe a idade; pela côr das orelhas, ainda novo, a côr definitiva que tomará; conforme o pêlo e os diversos sinais, quer nas partes encobertas, quer no corpo, dizem saber as suas boas ou más qualidades, se nasceu de noite ou de dia; pelos orifícios internos do nariz calculam o seu fôlego.

Ao cavalo baio chamam "melado" e segundo as graduações e variedades, "melado de crinas brancas", "melado de canos pretos", "melado caxito", "melado gemado"; o branco — "ruço pombo"; o branco sujo — "cardão"; tendo rodelas escuras ou patacas — "cardão rodado"; sendo pintado — "pedrês", "cardão pedrês"; com a pele e as ventas róseas — "gázeo". Há castanho, prêto, rosilho, fouveiro, fouveirão, alazão e alazão-dourado. Quando tem os pés brancos é "calçado", "calçado em cruz"; tendo os quatro até o joelho — "arregaçado"; sendo êles pretos — "canos pretos"; com uma mancha pequena, branca, na testa — "estrêlo"; estendendo-se a mancha até às ventas — "frente aberta"; com a parte inferior da cara tôda branca — "bebe em branco".

As frases com que o matuto determina pela côr as virtudes e defeitos do animal têm um tom de provérbio. "Cavalo castanho escuro pisa no mole e no duro." "Pedrês para carga Deus o fêz." "Cardão rodado é o bicho pra sela." "Melado de crinas brancas topa." "Trazes o freio na mão, onde deixaste teu alazão?" "Cavalo cacête não atravessa água." "Cavalo argel traz desgraça para si e para o dono." "Prêto é ruim, mas quando dá

para bom é bom mesmo." "Quem monta em bebe em branco não pode dizer quando chega nem quando sai." A égua comumente chamam "bêsta" ou então "biscaia", "brivana", "tigela". Ao garanhão chamam "cavalo de lote"; ao castrado — "quartau"; ao mal castrado — "roncolho".

O cavalo tapado é "cavalo de Galvão". Galvão é um alveitar ou alquilador lendário, que deixou aos sertanejos, sôbre sinais de cavalos, a seguinte regra, considerada infalível: "Um sinal, bom; dois, melhor; três, ruim; quatro, pior; cinco, um brinco; seis, cavalo de rei; sete, quanto mais melhor."

Do mesmo modo que os cães, os cavalos têm alcunhas interessantes e originais, que exprimem a sua fôrça, robustez, velocidade, enfim as suas virtudes, por exemplo: "Exalação", "Pensamento", quando velozes; "Castanhinho", "Batata", pela côr do pêlo.

Uma vez viajei em um cavalo bonito, elegante e muito resistente. Perguntei ao dono como se chamava. Respondeu-me:

— "Pincel", seu moço; êle é bem-feitinho que nem um pincel."

Um pincel fôra a mais bela cousa que aquêle matuto vira, ou lhe agradara então ao ouvido o som daquelas duas sílabas.

Nenhum animal é tão afamado como o cavalo árabe, nenhum mais vivo e esperto do que o trotador russo de Orloff, mais educado do que o parelheiro puro-sangue, mais imponente do que o garanhão platino; porém na humildade de seu aspecto tristonho o magro cavalo do sertão árido do Norte tem o primeiro lugar na luta terrível e silenciosa contra a sêde e a fome, no

varejar na carreira, noite e dia, os matagais eriçados de espinhos, armados de estrepes, pisando os seixos lisos que rolam tinindo até a profundeza das grotas, a galopar à beira das escarpas, — o que jamais fêz valente corcel de cossaco em vasta e rasgada estepe da Ucrânia, *pingo* de gaúcho altaneiro nos pampas desabrigados do Sul...

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Instituto de Pesquisas Econômicas

III

O gado pequeno e rijo do sertão descende, modificado pelo meio, do forte gado lusitano do Alentejo e de algum das Canárias, com pequenos contingentes de sangue de outras raças, posteriormente introduzidas.

É paciente, resignado e tem a resistência do cavalo e do cão. Dièriamente, ao tempo da sêca, anda léguas para comer e beber; daí a dureza da sua carne. Faz pelo exercício músculos de uma rigidez de aço. Não gosta das pastagens descampadas. Prefere os fechados e as abas de serra, aos prados e às várzeas.

Geralmente é "liso", de uma côr, sem manchas; a côr mais comum é o amarelo — "liso-fino" e "liso-amarelo", ou mais escuro — "liso-vermelho". O todo esbranquiçado é "liso-alvação"; o branco — "fubá"; o prêto — "fusco"; o cheio de manchas — "bargado"; o pintado — "cirigado"; o cinzento-sujo — "azul" ou "azulão"; o pardo — "castanho".

Tendo os chifres abertos é "espaço"; um chifre torto — "carombó"; curvos para baixo — "combuco"; muito curvos para dentro quase se tocando — "redondo". Se o feitio dos cornos da rês é estrambótico, descomum, chamam-lhe "espanhola". Os chifres chamam-se "armação"; o rabo — "sedenho"; "tapiti", "bassoura" e "saia".

Quando nasce, é bezerro, ao romperem os chifres — garrote; depois, se fôr castrado — boiote, boi de ano,

boi; se não o fôr: novilhote, novilho, touro. Castrado já novilho é "chamurro"; criado à sôlta, sem jamais ter vindo ao curral, bravio, selvagem — "barbatão". Gordo, está com o "cabelo fino" ou "de alcatra coberta"; magro, está "de pêlo grosso", "escavacado". Cheio de manhas, é "amocambado", "mocambeiro", "estradeiro"; bravio — "arisco"; gostando de espiar a casa da fazenda, de rondar indolente pelo pátio — "reboleiro". Quase sempre chamam ao touro "novilho" e "marruá"; quando velho — "marruá de cupim". Sendo aleijado e havendo por isso sido enjeitado pela vaca, em pequeno — "caroara".

Um vaqueiro topa outro, conta-lhe que viu uma rês desconhecida:

— "Uma novilha bonita, bargada, sem fogo (16), sem sinal, parecendo ter sido caroara."

Em junho, após a ferra do gado novo, o vaqueiro tira as sortes, bezerros que lhe cabem em pagamento da pastoreação: um por quatro. Nessa ocasião também se pagam os dízimos — reminiscências dos tempos coloniais.

"Falar por cima do gado" — é falar a respeito, acêrca do gado. Há tôda uma gíria especial neste as-

(16) — Sem a marca fęita a ferro quente.

sunto. Conversa, por exemplo, um vaqueiro contando que levou com outros uma boiada à feira e quase não fêz negócio:

— "O gado tava que nem cavaco de aroeira (17); os boiotes cirigados tavam atentados de vareja (18). Iam umas macacas no meio. No descambar da serrota do Catolé, já na varjota do Formiga, se afuleimaram (19) com uns bois reboleiros, cheios de mocambos (20), que espirraram, entraram no bredo (21). Deu um trabaião pra pegar. Demos nuns enxuís de rama, saímos mordidos. Tivemos de parar que já era hora de almôço brabo (22). Uns tantos bichos ficaram, por mais infucas (23) que fizemos pra segurar êles. Foi um sabão! (24) Chegamos na feira com o gado afobado (25), de vazio fundo como em tempo de sêca. E ninguém queria comprar; ofereciam bobage."

(17) — Magro.
(18) — Perseguidos pelas varejeiras.
(19) — Brigaram.
(20) — Velhacadas.
(21) — Entraram no mato.
(22) — Almôço fora de horas, atrasado.
(23) — Tentativas.
(24) — Azar.
(25) — Cansado.

IV

A África e a Argentina têm gafanhotos, a Austrália — coelhos; o Ceará tem as avoantes. A avoante ou pomba de bando, como êste último nome indica, é um pombo selvagem, pardacento, de pequeno tamanho, de arribação, estadeando aqui e ali, emigrando sempre, andando à matroca numa alígera boêmia que aparece em bandos numerosos e depois se some. Deixa os ovos a chocarem ao sol, de onde nascem novos bandos sem fim.

Surge em multidões incontáveis de milhares de milhares, escurecendo o sol como grandes nuvens sussurrantes, feitas do bater de muitas asas, que se abatem sôbre o sertão prejudicando as plantações.

O lugar em que pousa uma dessas nuvens chama-se um pombal. Trinta, quarenta mil pombas descem numa varjota, perto de uma poça, onde estanquem a sêde, para darem comêço à postura. O chão fica coberto de uma alcatifa pardacenta, rumorosa, sempre agitada, com um incessante reboliço de asas que batem, e bicos que escarvam e trituram, arrulham e gemem. As árvores adjacentes cobrem-se de pombas, toucando-se assim de fôlhas pardas, movediças, arrulhantes, vivas... E dessas árvores para o chão, do chão para as árvores, para o céu, para a luz, para tôda parte, constante e incessantemente, partem, voltam, voam, vão, tornam, pousam, avoejam. É um contínuo vaivém, um contí-

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Instituto de Pesquisas Econômicas

nuo mover-se. As do chão lutam entre si, disputando espaço para se aninharem, empurrando-se, beliscando-se, esmagando-se, num sussurrar, num chiar, num farfalhar, num ruge-ruge... Comem vorazmente tudo que alcançam; e à beira da poça de água, para beber, ainda é maior a luta, e maior a confusão. Há pombas nas árvores, descansando, nos ares a voar rumorosamente, pelo chão em reboliço e atropêlo, nos capinzais, nas pedras e nas moitas...

O chão por baixo delas vai ficando branco de ovos em imensa quantidade, esquecidos entre talos de gramíneas devoradas, ocultos entre os seixos, caídos a êsmo por tôda parte. Dêles se apanhariam cargas e mais cargas. A gente, ao passar, esmaga-os às centenas. E as inquietas avoantes parece que ficam durante a postura sem o sentimento do mêdo: movem-se, voam, empurram-se, mas não se amedrontam nem se espantam com gente, calhau ou tiro.

Acorrem pressurosos ao pombal cães, gatos bravios, lagartos, rapôsas, guaxinins, cassacos, gaviões, punarés, cobras; todos os esfaimados, todos os salteadores e todos os gastrônomos. Começa a destruição: pombas estraçalhadas, devoradas, sangradas; ovos chupados, engolidos, espatifados. E elas nem procuram fugir: entregando-se aos carrascos alheadas do perigo ..

Quando o bando levanta o vôo denso, fica o chão liso, limpo, espanado de ervas e sementes, todo escarvado, escarafunhado, as árvores quase peladas — como se já se andasse em sêca brava. O bico terrível da praga tudo ceifou. Aqui e ali, um montão de penas ensangüentadas vai-se espalhando ao vento, a revolutear...

O pombal estabelece-se nas terras de um fazendeiro. Êle já sabe que perde o pasto e a sementeira naquele terreno, mas descontará o prejuízo com as avoantes que matar. Todo o poviléu do Norte come-as com gôsto, quer frescas, quer salgadas e sêcas ao sol. Quando elas invadem o sertão, os mercados das povoações se abarrotam de "pombas-sêcas", como as denominam, vendidas por vil preço.

Matam-nas a tiro, a pedra e a pau. Até os meninos as caçam com bestas e bodoques. Mais comumente, porquanto a pólvora custa dinheiro, usam de armadilhas para apanhá-las. A mais interessante e mais usada é o fojo. O sertanejo procura uma poça de água onde elas costumam beber. Cerca-a tôda de galhos espinhosos, de modo a impedi-las de pousar, deixando sòmente, para que bebam, um pequeno espaço. Nessa abertura afluem em atropêlo milhares de pombas. Aí o matuto cava um fôsso longitudinal, onde se deita, cobrindo-se todo com alta e basta camada de ramos folhudos. E com as mãos vai pegando pelos pescoços as que se curvam para beber. Torce-os. Puxa-as palpitantes e mete-as no uru. Passa ali, pacientemente, o dia inteiro na umidade, com frio; mas à tarde tem morto mil, mil e quinhentas, duas mil avoantes.

O HOMEM

I - TIPOS DESAPARECIDOS (PASSADORES DE GADO) — II - TIPOS ANORMAIS (CANGACEIROS E CURANDEIROS) — III - TIPOS NORMAIS (SERTANEOSJ, FAZENDEIROS E VAQUEIROS)

I

Na sua marcha progressiva do litoral para o centro do Brasil, a pouco e pouco vai a civilização eliminando os tipos tradicionais e apagando ou deturpando os velhos costumes. Raro, também, é o vestígio que fica dessas cousas pelo quase desprêzo em que temos as tradições orais do povo e pelo descaso que, em geral, tem o brasileiro por tudo isso. Assim, não será descabido perpetuar os velhos tipos tradicionais que o tempo vai matando. Muitos dêles surgem no sertão em virtude de um movimento de rebeldia e, findo êste, desaparecem. Foram assim os "balaios", campônios rebelados numa quase jaqueria; os "calangros", sequazes de famílias que se digladiaram; os "quebra-quilos", matutos revoltados num ímpeto de rotina teimosa e desarrazoada contra o sistema decimal de pesos e medidas; e o "jagunço". De certo tempo a esta parte, generalizou-se o nome de "jagunço" como sinônimo de sertanejo do Norte. Nada mais impróprio. Jamais o sertanejo do Norte se alcunhou assim. "Jagunço" era o habitante de Canudos, o fanático defensor do Conselheiro e, quando muito, poderia ser o matuto baiano; foi uma denominação de certo grupo, porém não um têrmo geral.

Um dêsses tipos mais originais foi, no sertão do Ceará, o "passador de gado". O progresso matou-o.

Quando ainda a Estrada de Ferro de Baturité não ligava o centro daquele Estado à capital, tôdas as tran-

sações comerciais do alto sertão se escoavam pelo Recife e outras cidades de Pernambuco, feitas as comunicações pelas batidas estradas de rodagem, em costas de animais. O gado era conduzido à clássica e concorrida feira das Pedras de Fogo, nos limites de Paraíba com Pernambuco. O criador cearense enviava suas boiadas à feira paraibana; vendia-as, e com o produto comprava fazendas e objetos de fácil venda no sertão. Muitos fazendeiros levavam em pessoa os seus bois; outros — o que era mais corrente — tinham homens especialmente encarregados dêsse árduo serviço.

Êsses homens, afeitos àquela vida meio selvagem, gozavam de ilimitada confiança de seus patrões; eram honestíssimos, fortes, decididos e valentes. Chamava-lhes o povo "passadores de gado".

Hoje em dia, a Estrada de Ferro modificou as comunicações. Não se enviam mais boiadas a Pedras de Fogo. Desapareceu a razão de ser do passador de gado: êle apagou-se.

Foi um tipo célebre. Vive na memória do povo, que lhe narra os feitos com profunda admiração por sua coragem calma e refletida, por suas traças nos transes apertados.

Por causa dêsse movimento comercial através de vastas zonas mal povoadas e pior policiadas, os salteadores infestavam aquelas paragens, raramente atacando as boiadas, esperando que o passador tornasse com fazendas e dinheiro ou então cobrando pesado tributo de passagem. Muitos chefes de quadrilha eram fazendeiros ricos, exercendo a rapinagem na estrada real à semelhança de antigos barões medievos, aprisionadores de bufarinheiros genoveses, traficantes judeus e cobradores de impostos do erário real. Era perigoso o trânsito naquelas zonas. Precisavam-se astúcia e coragem. Daí o valor dos passadores.

Um dêles deixou fama imperecível. Nascera na vila de S. Francisco da Uruburetama; chamavam-lhe por isso Chico de S. Francisco. Era um mestiço escuro, da venta de repolêgo, sadio e forte, calmo e desempenado. Afetava uma grande modéstia no falar arrastado; e, quando contavam em sua presença alguma façanha sua, quedava silencioso num grande acanhamento. Eternamente se queixava de envelhecido, fraco e mofino. Andava sempre encourado, perneiras, chapéu, gibão; e, quebrando a monotonia parda das roupas de couro, o largo guarda-peito de pele de gato, mosqueada de negro e amarelo. Do cinto sempre lhe pendia a parnaíba, a longa e afiada "faca de arrasto"; e seu eterno companheiro era um bacamarte "bôca de sino", espécie de trabuco catalão muito usado nessa época, sempre carregado de palanquetas (26) de chumbo.

Uma feita, o Chico levava a Pernambuco grande boiada de rico fazendeiro. Ajudavam-no cinco ou seis tangerinos, gente fraca e sem valor. De distância em distância, pelo caminho, havia currais, feitos adrede para o ligeiro acampar dos passadores. Perto dum, morava o maior ladrão solarengo daquelas cercanias, terror daqueles ermos — a quem se era obrigado a pagar certo tributo em gado ou dinheiro, para passar incólume. O cúpido ratoneiro possuía quatro fazendas com engenhos de açúcar — "Diamante", "Brilhante", "Estrêla" e "Oriente" — e uma malta vilanaz de acostados tão perversos como êle.

O Chico não fêz caso do mêdo dos companheiros. Em chegando ao curral, fechou a boiada e arranchou.

Instituto de Pesquisas Econômicas

(26) — Balas de chumbo muito compridas e finas.

Fêz-se uma grande fogueira. Preparou-se a comida. O dia findou e, como sói ser nessas latitudes, quase sem crepúsculo, bruscamente, a noite caiu escura e triste. Começaram logo a cantar os caborés no mato e a adejar bacuraus esquivos. Ao longe uivavam rapôsas. Nas folhagens negras, luziam olhos amarelos de curiangos. Vinham para a sua ronda sinistra todos os animais da treva.

O passador acabara de comer, acendera o cachimbo e dependurara a tipóia sob uns paus-brancos folhudos. Sentou-se e descansou o trabuco nos joelhos. A fogueira crepitava: as altas chamas torciam-se, enovelavam-se. Os tangerinos, sentados ou de cócoras, circulavam o fogo, palrando.

Passou-se algum tempo. De repente, riscaram cavalos a distância. Tiniram armas e esporas. Depois, estalaram gravetos e chiaram fôlhas sêcas ao pisar de tacões rudes. Os tangerinos ficaram lívidos, a tremer. Deviam ser os ladrões. O Chico manteve-se imperturbável, na mesma posição. Enfim, surgiram da sombra, com reflexos vermelhos e trêmulos à luz da fogueira, cinco rostos brutais, carregados, apavoradores. A chama palpitante faiscou em bocais polidos de garruchas e bacamartes. E o chefe adiantou-se aos do bando sinistro, enchendo o claro recinto do rancho com o porte membrudo, vestido de couro como êles, guarda-peito sarapintado de pele de onça, abotoado ao pescoço com fechos de prata. Deu um "boa-noite" sacudido e ríspido, de estremecer. Responderam-lhe a tremelicar. Só o passador não demonstrou a menor turbação e perguntou com uma grande calma, aborrecido como quem descansa e não quer ser incomodado:

— "O que deseja?"

— "Quanto quer, você, por aquela novilha bargada e espaça, que está lá dentro do curral?"

Nesse tempo, o gado era muito barato. O Chico adivinhou a mal disfarçada intenção do bandido; replicou com dureza:

— "Vinte mil réis."

— "Quer quinze?"

— "Não. Por menos de vinte nem a meu pai se fôsse vivo."

— "Pois só dou quinze, ouviu!" — berrou o cangaceiro.

Vagaroso, calmo como se conversasse à sombra hospitaleira do seu alpendre, o mestiço tornou, resolutamente:

— "Não vendo!"

— "Bem, dou os vinte — fiado. Venha buscar o dinheiro na volta."

Imperceptìvelmente o Chico foi-se endireitando na rêde.

— "Fiado, livre-me Deus! Pode ir embora que não fazemos negócio."

O salteador sentiu subir-lhe a cólera à face num fluxo ardente de sangue, como se lhe queimassem o rosto as labaredas da fogueira. Êle, o terror daqueles ermos, não se via temido, nem de joelhos lhe ofertava um reles boiadeiro o tributo devido à sua rapinagem. Relanceou o olhar em tôrno. Tiritavam os tangerinos em medrosa expectativa. O Chico era o único homem. Franziu a catadura numa brusca contração dos supercílios cerdosos e explodiu num escachoar de impropérios, desaforos, torvos palavrões. Depois, esguichou na linguagem pretensiosamente estapafúrdia do salteador sertanejo, destilando a basófia capadoçal do cangaceiro:

— "Cabra! Não sabes com quem estás falando! Eu sou o célebre João Ferrabrás, senhor de quatro fazendas. Mando-te açoitar pelos meus capangas. Depois asso-te no forno de "Brilhante", imprenso-te em

"Diamante", deito-te nas caldeiras de "Estrêla" e passo-te pelas moendas do "Oriente"..."

Pôs-se de pé o Chico e interrompeu num berro, aperrando a arma:

— "E eu sou o Chico Francisco de S. Francisco, passador de gado do Ceará, filho de todos os diabos! Dou-te um espirro do meu bôca de sino que te faço ver estrêlas ao meio-dia e dar uma cambalhota de três dias no ar!"

Afastou-se de um salto... Soou uma detonação. E o bandido caiu com a cabeça despedaçada. Sequazes e tangerinos fugiram pela selva em fora, uns medrosos dos outros.

De outra feita ia um rapaz do Cariri a Pernambuco levar grande quantia em dinheiro. Procurou um arrieiro de confiança, homem valente e honrado. Indicaram-lhe o Chico. O rapaz contratou com êle a viagem, embora seus veementes protestos de fraqueza e falta de coragem. Mas as referências eram muito boas e mesmo na ocasião não se encontrava outro. Lá se foram, rompendo os vastos sertões ao macio passo dos cavalos. Viajaram dois dias sem novidade. Na noite do segundo dia atravessavam uma zona quase deserta, sem casas e sem palhoças. Armaram os fiangos ao pé de uma fogueira, sob a ramaria das árvores. Dentro em pouco, o moço cochilava preguiçosamente; o Chico cachimbava, sentado na sua costumeira posição. Traziam duas malas com roupas e víveres; numa estava o dinheiro empacotado, escondido a um canto. Haviam-nas pôsto no chão, a curta distância. Os cavalos comiam, peados, ali por perto. Ouvia-se o tilintar dos chocalhos.

Da sombra densa, imprevista e ràpidamente, surgiram dois cangaceiros, vestidos de couro, armas apontadas.

O pobre rapaz lançou um olhar suplicante ao Chico. Êste, em voz alta, desvergonhadamente, respondeu-lhe:

— "Não lhe disse que era mofino? Para que se fiou em mim? Arranje-se!" E, voltando-se para os dois, que adivinhavam nêle um cúmplice:

— "A mala que tem o dinheiro é aquela de couro mais escuro. A chave está no bôlso esquerdo da calça dêsse moço. E o dinheiro num cantinho da mala, do lado direito. Digo tudo; só quero que me deixem em paz."

O moço, álgido de espanto, não fêz o menor gesto, não proferiu uma só palavra. Ficou abatido, derreado. Era aquêle, então, o afamado passador do Cariri, homem de honra, tipo de lealdade e exemplo de valentia?

Um dos salteadores tirou-lhe as chaves, e os dois, sôfregos, ávidos, curvaram-se a rebuscar a mala, ganaciosamente... Com a maior fleuma, o Chico levou a arma à cara. Fêz pontaria: e varou os dois, de lado a lado, com certeiro tiro. Depois, ao moço ainda mais surprêso, disse rindo:

— "Não lhe contei que era mofino? Está aí!"

E eram assim os desaparecidos passadores de gado.

II

O cangaceiro do Norte é selvático e feroz, sofrendo de um descalabro nervoso — produtos da ancestralidade e do cruzamento étnico. Cangaceiro é o homem que vive "debaixo do cangaço". O cangaço não é sòmente, na linguagem sertaneja, o armamento do bandoleiro; é, também, o seu modo de vida nômade, desregrado e sanguinário. O têrmo cangaceiro se estende a tôdas as modalidades do criminoso nos sertões: é o salteador, o sequaz de atrabiliário e cruel dono de fazenda, de ignorante e perverso chefete político; um criminoso perseguido pela Justiça, muitas vêzes vítima da exacerbação de ódios políticos, que vive pelos matos às ocultas, exercendo vinganças, cometendo desatinos, matando inimigos descuidosos nas largas estradas solitárias; ou ainda os criminosos degenerados, tarados pelo atavismo, com nevroses de tôdas as espécies.

Quando êsses tipos ficam célebres por sangrentas façanhas, os cantos rústicos dos menestréis do sertão perpetuam-nos. As velhas cantam seus feitos às pálidas crianças trêmulas, anediando-lhes os cabelos, aconselhando-lhes a bondade, indicando-lhes o caminho da virtude com aquêles exemplos.

O tipo mais interessante do cangaceiro é o possuído pelo desejo da chacina, do sangue a jorrar em borbotões, submissamente crente em superstições e bruxedos, com nevroses místicas que o fazem rezar por alma da pessoa que acaba de assassinar, foragido, esquivo, às vêzes possuído da quixotesca fantasia de proteger os fracos, de fazer triunfar a Justiça, de endireitar erros, de sanar faltas, valente e esforçado em lutas, fero e impiedoso para o inimigo, deixando cair o punhal da mão a um riso de criança, largando o bacamarte apertado a uma súplica desesperada de mulher em lágrimas; misto inexplicável de psicopatias sanguinárias, de cavalheiresca generosidade e de amor ao castigo dos que oprimem os fracos, dos que abusam da fôrça e da astúcia, dos que roubam pecúnia ou honra.

Anda um dêsses bandidos românticos por uma ribeira. Chega-lhe notícia de que um indivíduo, por astúcia ou fôrça, desonrou pobre e ingênua moça, sem irmãos ou pai que a desafrontem, recusando-se vilmente a reparar o mal. Dá-lhe caça, alcança-o; e, se recusa a reparação, criva-o de balas, espeta-o na faca e deixa insepulto o cadáver como lição aos sedutores atrevidos. Há todo um interessantíssimo estado de alma nessas manifestações. O cangaceiro sente a atração do perigo, ama a vida de eterno rebelado, gosta de vagar à noite pelas várzeas imensas, acurvado sôbre o cavalo vagaroso, perquirindo com os olhos vivos a sombra densa e quieta dos matos, o ouvido atento, velando, diferenciando o longínquo ramalhar de frondes ao vento do ruído gotejante de remoto fio de água, o pisar do gado a quebrar gravetos do cauteloso andar de esculca matreiro.

O cangaceiro dessa espécie é incapaz de roubar e jamais consente que os seus acostados roubem. Tem em grande conta a sua honra e não há mais susceptível pundonor do que o seu. É um nevrosado que se superioriza, sintetizando sòmente dos ancestrais as manias deambulatórias e o desejo da luta. Mata. Na luta tem qualquer coisa de leonino e de ardente, como se armazenasse nas veias todo o calor terrível da soalheira

do sertão. Fora do combate, o olhar murcha, oblíqua-se desconfiado, não fita, nunca insiste, o rosto abranda-se; e da fereza anterior só ficam traços apagados, — leves comissuras de escárnio franzindo os lábios grossos.

Basta muitas vêzes uma ação boa para que se apaguem da lenda ensangüentada de um dêsses homens negras e hediondas façanhas. O povo é grato e admira espontâneo as nobres ações.

Os processos da justiça do cangaceiro são sumários e extremos. Não há meio-têrmo: recompensa, a vida; castigo, a morte. Às vêzes, há a tortura. Um chefe de cangaceiros paira por uma região. Todos os foragidos, todos os criminosos procuram-no para se alistarem no seu bando. Parece êle, então, um daqueles funcionários cartagineses enviados ao tempo das guerras púnicas, para aliciar mercenários pelos portos dos países semi-bárbaros. E todos os desesperados, todos os famintos e todos os criminosos corriam a se abrigar sob as insígnias da grande república. O cangaceiro vai recebendo-os e indagando-lhes da vida. Fugindo o indivíduo à perseguição por crime de morte, entra para o bando; por atentado ao pudor ou à bôlsa, é imediatamente fuzilado.

Mas ao lado dêsses, infelizmente em maior quantidade, há os profundamente infames e infinitamente miseráveis, degenerados completos, nevropatas ignóbeis, tendo a audácia de tôdas as torpezas e a inclinação para todos os crimes, almas de lama que nunca esboçaram um gesto de compaixão e nunca possuíram o menor sentimento de homem; perversos, covardes, crivados de tôdas as taras, atupidos de tôdas as psicopatias, raramente brancos, sempre mestiços de ínfimo cruzamento, braquicefálicos, prognatas, assimétricos,

malformados, faces horrendas, simiescas, com contrações de orango e um abrir de mandíbulas, desmesurado, bestial, os olhos baixos num alquebramento de tigre farto ou fuzilando torvos, sob as pálpebras grossas, de revés. Ao rirem-se, os dentes alvos, serrados em pontas, luzem num hiato negro da bocarra como prêsas de feras, ou sujos, estriados de fumo, viscosos, lembram dentes de um bicho que vivesse afocinhando o lôdo. As perturbações nervosas tumultuam e tempesteiam nesses cérebros, incentivando o crime. São verdadeiros monstros: às vêzes, epilépticos, de fácies envilecidos, crânios deformados, acumulando heranças tôrvas, sistematizando as mais vis taras hereditárias. Os seus nomes enchem de horror as populações pacíficas, apavoram. Cada um dêles é um rosário de torturas, sevícias, barbaridades daomeanas, cenas repugnantes de sensualismo abjeto, — estigma das mais baixas e depravadas inclinações.

Tôda a zona meridional do Ceará, enterrando-se como uma cunha os Estados do Piauí, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, a zona do Cariri, elevando-se do plano raso do sertão e estendendo-se vastamente num chapadão batido, plano, fértil, sem flagelo da sêca, de vegetação luxuriante e pastagens magníficas, calçado aqui e ali de folhelhos endurecidos, de grandes lajes calcárias, pontilhado de cidades ricas com vida própria, — entrepostos de comércio com mais longínquos sertões, sem a menor via de comunicação e o menor policiamento, com uma herança histórica de velhas tradições revolucionárias, de pronunciamentos e banditismo, guardada nos usos sociais, é a zona do cangaço, o quartel general, o ninho, o refúgio dos can-

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Instituto de Pesquisas Econômicas

gaceiros. Lá campeia o crime à sôlta, sem peias e sem repressões; lá se albergam os foragidos do sertão inteiro nos bandos numerosos de filhos do crime, que os chefes políticos municiam e sustentam para as suas lutas intestinas, sabendo de antemão que o *patriótico* govêrno do Estado dará ao chefe vencedor as honras e propinas. Há bandos de quinhentos, seiscentos e mais... O chefe em tôrno de quem se alinham êsses bandoleiros fica o potentado da região, manda espaldeirar, chicotear, torturar, matar os seus desafetos; sai a campo em arremetidas bruscas a saquear povoações, expulsando os habitantes, incendiando o casario tôsco, violentando as mulheres, cevando todos os seus instintos de inaudita ferocidade.

Não se limita a zona do cangaço à grande chapada do Cariri, do Araripe. Inflete para o Rio Grande até S. Miguel e Pau dos Ferros; alonga-se pela Paraíba até Sousa, Cajàzeiras, Piancó e Pombal; alastra-se por Pernambuco, por Alagoas, Sergipe; e, marginando o S. Francisco e o Vasa-Barris, cerceia o norte da Bahia. É tudo isto o feudo da cangaceiragem. Lá vivem, atravessando as fronteiras dos Estados a esquivarem-se das medrosas perseguições policiais, auxiliando-se mùtuamente com informações, homizio e ajuda nas lutas, vagando de cidade em cidade, rapinando e matando. Contribuem à formação dêsse estado de cangaceiragem fatôres de tôda a sorte: a vida mais pastoril que agrícola do povo, os seus característicos étnicos, os prejuízos de educação, a ignorância, a hereditariedade de taras, a falta de repressão, a política, a tradição das inimizades entre famílias e o desprestígio das autoridades.

Tudo isto relembra vagamente guerras medievas de barões feudais, com incêndios de burgos pobres e assédios de castelos roqueiros, ou recorda a Albânia

com seus beis sempre em luta, curvado o povo ao pêso brutal das exações à mão armada.

Mal feito e parco é êste resumo dos fatos principais do banditismo nos sertões do Norte, porquanto assunto para um livro inteiro dá de sobra o que lá pratica tal gente, agindo sob as determinantes psicológicas da bastardia étnica e dos instintos degenerativos.

A existência dos cangaceiros por essa zona em tão grande quantidade não implica o seu desaparecimento de outras partes. Êles existem, embora fragmentados, dispersos, sem coesão e sem a fôrça derivativa da união e do mútuo esfôrço, aparecendo em localidades diversas em fraco número, como raridade, temeràriamente.

Estados há, cujo sertão está quase que ùnicamente ocupado pelos cangaceiros. Sirva de exemplo a Paraíba, onde os municípios de Teixeira, Alagoa do Monteiro, Patos e outros são verdadeiros feudos dos mais ferozes bandidos daquelas paragens inóspitas e rudes.

O cangaceiro, às vêzes, veste-se de couro: perneiras estreitas, justas na perna, com uma ponta abotoando no bico longo da chinela; guarda-peito de couro de gatos selvagens, de mourisco ou de onça, sarapintado de negro em fundo de amarelo berrante, com fechos de prata ao pescoço; largo gibão pespontado de branco; chapéu de couro, untado e esfregado a nata de leite, pôsto de lado sôbre a orelha, o barbicacho vincando o queixo, com borlas brancas de fio. Outrora, usava ba-

camarte ou clavinote; hoje a moderna indústria deu-lhe o rifle Winchester, de repetição, mas não lhe pôde tirar a parnaíba, a longa "faca de arrasto", meia recurva, forjada no Crato, enterçada de prata. Às vêzes usam uma garrucha.

Geralmente, a sua roupa consta de calça e camisa de algodão grosso, alpercatas e chapéu de couro.

A vida selvagem do cangaço atrai os cérebros predispostos ao crime, encanta-os, prende-os, fascina-os, leva-os aos mais altos cometimentos, às mais audazes façanhas. Muita vez, numa roda de matutos, a descansar, um chefe de bandoleiros conta os seus crimes com expressões torturantes, pavoneando-se: — de como sumiu a faca tôda no peito de um alferes de polícia em recontro sangrento, ou escapou a pata de cavalo, saltando sebes e valados, com balas zunindo-lhe aos ouvidos, após ter deixado no junco de uma várzea, inteiriçados, os cadáveres dos companheiros mortos na refrega. De repente, um dos presentes, a face incendiada, estuando de entusiasmo, ergue-se, estende a mão ao cangaceiro e oferece-se para *trabalhar* com êle. Firma o contrato, indissolùvelmente, o apêrto de mão. E o indivíduo, deixando com desamor a mulher rorejada de lágrimas, os filhos famintos, vai vaguear com os bandos sinistros, enchendo de horror a plácida vida do sertão. É que acumulava psicopatias hereditárias e aquela conversa, entrando-lhe na alma, foi a determinante súbita que acordou os instintos latentes.

O cangaceiro é sagaz, precatado e cauteloso, de uma pertinácia a tôda a prova, orgulhoso de seus feitos e extremamente traiçoeiro. A traição, a surprêsa, a subitaneidade dos ataques formam o fundo do seu caráter. Esmagar a fôrça mais fraca, esquivar-se à mais forte, deixá-la cansar-se em perseguições fatigantes, não se deixar surpreender nunca, saltear sempre de improviso, não ser esperado, não se anunciar, aparecer bruscamente, desaparecer ainda mais depressa, fugir do dia, deslizar pela noite calada: — eis a sua escola. É de ardilezas e resguardos; escaramuça com os mais fortes e só combate destemeroso com o mais fraco e com o que o iguala.

A gente humilde dos sertões admira medrosa aquela vida, acolhe o cangaceiro nas suas aperturas e sobressaltos; e quando simpatiza com êle protege-o, alimenta-o, socorre-o e esconde-o. Quase sempre o cangaceiro tem um patrono, — um ricaço do sertão, seu parente ou compadre, a cuja sombra se acouta nas épocas de penúria, quando lhe anda a saúde desbaratada, abandona-o a chusma de acostados e êle, quebrado de fôrças e hesitante de ânimo, foge às perseguições ferozes na astenia última dos degenerados.

O Viriato foi dos cangaceiros mais célebres, mais rasteiros e mais tortuosos do Cariri. Era um miserável, estabanado nos atos, com uma infinidade de predisposições redutíveis ao roubo, ao estupro e ao assassínio. Inventava tortura para vingar-se dos inimigos. Amarrava-os como bodes a mourões de porteiras; depois, friamente, sangrava-os ao pescoço. Esperava os freteiros nos caminhos que buscavam o Crato, surgindo da floresta, de sopetão, sem dar tempo aos comboieiros de aperrarem as garruchas. Quando estava de bom humor, em acabando de roubar, mandava embora as vítimas; quando não, matava-as ali. Gostava mais de matar às facadas do que fuzilar; dizia que era mais barato.

Manhã de inverno tôda dourada de sol, com trinados de pássaros nas moitas e uma brisa doce vergando os juncos altos! Pela chapada do Araripe, levantando o pó da larga estrada, trotava um comboio de mulas e cavalos com cargas. Voltava de Pesqueira, onde fôra levar rapaduras; e os caixotes vazios batiam com um som ôco na madeira das cangalhas. Lá uma ou outra carga de malas de couro alvadio, cheias de fazenda, pesava no costado luzidio de mula faceira, de pescoço ereto e orelhas tesas. Não tiniam os chocalhos, o que era de estranhar, porque é luxo sertanejo andarem os comboios ao argentino som das sinêtas, sòmente se entupidas à noite ao entrar em lugarejos, por via de posturas municipais protetoras do pesado sono da gente do Norte. O freteiro, mestiço escaveirado e alto, a cavalo, gibão de couro deitado sôbre o ombro, meio curvado para a lua da sela, fumava cachimbo. A pé, garruchas e facas no cinto, os tropeiros tocavam os animais, estralejando os longos chicotes de rêlho, calças arregaçadas com respingos de lama, o guarda-peito de couro branco de poeira. Ao abeirar-se uma bêsta da orla do mato, arriscando quebrar nos troncos e galhos caixotes ou malas, berravam os tangedores com mais fortes estalos de rêlho: — "Burro! Desencosta!" E endireitando o busto com a mão alta no ar, o freteiro gritava lá de trás, duro e forte: — "Desencosta! Burro!..."

Numa curva do caminho, de súbito, o comboio estacou. Os homens, firmes, deixavam pender as mãos num desalento. Surgira do matagal o Viriato à frente da quadrilha sinistra. Vinte bacamartes visavam os comboieiros. Berrou uma ordem: — "Ninguém se mexa!" Mais rígidos os vultos ficaram.

Fêz um aceno a uns cabras e mandou dar busca nas malas. Depois, chamou o freteiro que se aproximou cabisbaixo, chapéu na mão.

— "O que é que você traz?"

— "O que vossa senhoria tá vendo: fazendas, miudezas, uns presentes..."

— "Não quero saber dessas porcarias! Traz dinheiro?"

— "Trago, aqui no bôlso, uns oitenta mil réis..."

— "Deixe ver!"

O pobre homem entregou-os. Guardou na algibeira e, ouvindo os cabras que nas malas não havia dinheiro, ordenou busca mais completa. Acendeu um cigarro grosso, de palha, apeou-se e esperou. Os cangaceiros procuraram nos suadouros das selas e nos forros das cangalhas, nas roupas dos homens e nas peças de fazenda. Alguns níqueis, umas moedas pequenas de cobre foi tudo o que encontraram. Não tinham dinheiro. Podiam ir. Os comboieiros afivelaram as cilhas, endireitaram as cargas e tocaram o comboio.

De cócoras, o Viriato riscava o chão com a ponta da faca, pensativo. Ao mover-se o comboio, deu um salto e bradou: "Pára!" Aproximou-se e inquiriu do freteiro, casquinando, por que os chocalhos iam entupidos, e comentou que não era noite, nem entrada de vila. Os comboieiros empalideceram. O freteiro ficou branco, rilhando os dentes num afôgo. E o Viriato, montando a cavalo, deu a ordem: "Desentupam, meninos, os chocalhos!" Cumpriram-na. Os chocalhos estavam entupidos com cédulas. Então, êle alçou o bacamarte e deu ao gatilho. Reboou um estampido. O freteiro levou as mãos à cabeça e caiu de lado, ensangüentando os arreios, o chão e o cavalo que bufou, encabritando-se, espantado. Depois, o corpo rolou mole de uma ribanceira, num rebôlo, e tombou num carcavão, machucando-o, espantando borboletas poisadas. O Viriato passou um rápido olhar no grupo tímido dos tangedores, fêz um gesto e, quebrando a ramaria do carrascal verde, com o bando, sumiu-se mato adentro, em douda arremetida. E o tropear tumultuário dos cavalos apagou-se ao longe...

O mais feroz cangaceiro do sertão foi o Rio Prêto, negro abjeto e cruel, atarracado e assimétrico, de insaciável sensualidade, que vivia a violentar mulheres, de surprêsa, nos caminhos, ou cercando-lhes as casas, quando andavam os maridos campeando o gado. Uma feita, recusando-se uma pobre mocinha a satisfazer-lhe os desejos, amarrou-lhe braços e pernas, e tôda a horda soez e vil cevou no pobre corpo os instintos infames. Depois entupiu-lhe a bôca, nariz e ouvidos com areia socada, deixando-a ainda palpitante a padecer morte horrível. Alguns dias mais tarde, os parentes da vítima acharam o corpo. Estava disforme, túmido, empastado de sangue, estriado de líquidos viscosos, com arroxeadas manchas e lentas filas de formigas pretas. Os urubus tinham começado a bicá-lo.

Correu pelo sertão inteiro um frêmito de indignação e começaram os cochichos de revolta contra o negro feroz. Mas ao rincho de jumento, grito que imitava perfeitamente e com o qual reunia a matula, os sertanejos tremiam de pavor e as mulheres, vergando os joelhos, ansiadas, imploravam socorro ao céu. O negro tinha pacto com o diabo. Era, ademais, "curado" de bala e de faca. No seu couro, os punhais entortariam as pontas e as balas passariam de raspão. Tinha feitiço. Ninguém podia com êle. E acreditavam que o demônio nêle se encarnava, quando andava a cantar desafios com invencível jogralice, derrotando os mais célebres cantadores do sertão.

Uma tarde, numa venda, comentando o caso da moçoila, Chico Leite, rico criador da Paraíba, berrou alto — que com mulher de sua família o negro não

tirava paluxio (27). E mais tarde, ao voltar para casa, certeiro tiro prostrou-o no barro duro da vereda a escabujar nas vascas da agonia. Nessa mesma noite, Rio Prêto cercava-lhe a casa onde só estava a mulher, porque os dois filhos, dois rapazotes, andavam na vila, e a violentava. Passaram-se meses. Por uma tarde fresca e suave de inverno, o bando do Rio Prêto, vindo do Rio Grande do Norte, cortava pelo espinhaço das serras, descia as abas penhascosas dos contrafortes alcantilados e apeava, já com estrêlas no céu, numa fazendola insulada no vasto plaino do sertão da Paraíba.

Noite alta, o cangaceiro acordou, e de chinelas, em ceroulas, chegou ao alpendre, encostando-se na parede a satisfazer uma necessidade. De umas moitas defronte, onde dormiam porcos, saíram grunhidos de suínos despertos e estremunhados. Estalavam fôlhas sêcas. Se se pudesse, apesar de escuro, lobrigar algo sob a ramaria densa do carcavão, ver-se-iam dois rapazes, cosidos com o solo, armas apontadas, com fiapos de algodão nas miras, para serem vistas na escuridão, acomodando-se melhor, rastejando, o que acordava os porcos. Novo estalar de fôlhas, novos grunhidos estremunhados. O Rio Prêto correu o olhar em tôrno, inquiriu a treva; depois, fitou o céu e rosnou:

— "O setestrêlo tá alto. Já vai madrugando. Porco a esta hora não grita. É coisa que há naquela moita."

Pensou um instante e riu: — "Serão aquêles meninos do Leite?" Ergueu o braço e falou alto, com desprêzo: — "Vão pra casa, meninos!"

Na moita estalavam fecharias. Dois relâmpagos clarearam os vultos negros das cousas. O eco respondeu lá ao longe, na serra, o ruído das detonações. E o Rio Prêto, que já procurava a aldraba da porta, tateando, caiu de costas com duas balas no peito bronco. Ouviu-se

(27) — Não faltava ao respeito. Não fazia desafôro.

o estampido de uma carreira e depois um arrancar de cavalos, varando o mato. O bando do Rio Prêto, hesitante, sem poder explicar a agressão, temendo o cêrco de uma fôrça, barricava as portas. O cadáver do negro avultava no alpendre. Ia para amanhecer; cocoricavam os galos.

Da mesma fêlpa que êsses dois, igualando-os na fereza da alma e nos processos infames, surgem centenas de nevrosados: José Dantas, Virgulino, Amorim, Jesuíno Brilhante, Joaquim Saldanha, Franklin Dantas, Santa Cruz e, no alto da escala, enchendo todo o Norte com a sua fama sangrenta, Antônio Silvino.

Os cangaceiros lutam entre si por causa de rivalidades, sendo a luta mais comum a do tenente revoltado contra o chefe, por querer ser tão afamado e célebre quanto êle. É uma verdadeira emulação o crime. E os prélios são medonhos: tiros, golpes terríveis de faca em arremetidas e arrancos dos ginetes tontos, esfiapando roupas duras de couro, descargas cerradas de clavinas atroando as catingas, berros de vitória, insultos à maneira de hostes medievas, gritos de desespêro, torvelinhar de cavaleiros com homens que caem e batem rijamente no solo, e corcéis que se empinam, nitrindo, as ventas palpitantes...

Os cangaceiros tomam o nome do chefe da récua: os Brilhantes, os Viriatos, os Dantas.

Há o cangaceiro insulado, só, sem bando, sem acostados, matando, praticando desatinos cruéis sem malta de sequazes, aparecendo sùbitamente nas veredas das selvas, rasgadas as roupas nos espinhos, bacamarte ao ombro, gesto astênico, olhar vago, idiotado, como um ente sinistro e sobrenatural, habitante sombrio das devesas, que defende inexorável e impiedoso o aproximar de fantástico rincão às gentes aventureiras. São verdadeiros dementes, degenerados completos. Em Pernambuco, houve um, o Cabeleira, cuja grande paixão era matar crianças, mandando-as subir em árvores, de onde as derrubava a tiros. Dizia gostar de ver a queda... Esta inclinação para matar crianças desta maneira encontra-se na maioria dos criminosos do sertão: não é típica, é um característico quase geral. Recorda às almas doentes dos psicopatas o almejado tombar da caça ferida de galho em galho, aos boléus... O povo celebrizou-o numa cantiga de ritmo moroso, para ninar crianças, mórbida, tristonha, arrastada, em que se diz às mães que fechem as portas que o

> "Cabeleira aí vem,
> Matando mulheres,
> Meninos também."

No Ceará encarnou essa modalidade do crime o Cunduru que, prêso e degradado em Fernando de Noronha, de lá fugiu numa tôsca jangada, abordando às praias brancas do Acaracu, o que inspirou uma bela página ao conhecido escritor cearense Rodolfo Teófilo. Tinha o mesmo traço característico do Cabeleira — mandava as crianças treparem às árvores para matá-las; doutras vêzes obrigava-as a se banharem em lagoas e caçava-as como se fôssem patos. Era a paixão cinegética desperta na demência do cérebro, manifestando-se exteriormente pela selvagem alegria de matar. Cada morte que o Cunduru fazia, religiosamente marcava com uma cruz, entalhada à ponta de faca na coronha do bacamarte. Estive uma vez num museu de Fortaleza com êle na mão: um "bôca de sino" pesado, curto e forte, com a coronha envernizada de prêto tôda cheia de cruzes...

O sertanejo entende a justiça a seu modo. Acha que castigar o indivíduo que o injuriou foi praticar ato meritório e não passível de pena. Daí recusar-se a obedecer à lei e preferir romper com a sociedade, viver de arribada no cangaço a deixar-se prender pelos soldados de polícia. Além disso, o sertanejo tem profundo ódio ao soldado dos corpos de polícia. Chama-os "mata-cachorros". E tem razão. A soldadesca dêsses corpos é composta da mais baixa e vil escória das populações, covarde e boçal; vive pelo sertão a fazer desordens nas feiras e a praticar tôda a sorte de infâmias, desde o roubo ao estupro, às vêzes até desertando para aumentar os bandos de cangaceiros.

Um sertanejo honesto e pundonoroso comete um crime por espírito de vingança. No seu rústico modo de pensar, acha que praticou um ato bom, que a lei não o deve punir, que êsse castigo é uma perseguição, uma injustiça insuportável aos seus brios, que, sujeitar-se a ela, é ser vil e covarde. Acouta-se em sua fazenda, fortifica-a, abre seteiras nos adôbes, levanta barricadas nas pesadas portas de umburana. Rodeia-se de sequazes e torna-se cangaceiro. Jamais será o cangaceiro roubador; matará sòmente os inimigos, os soldados, ou aquêles que achar que mal procedem e merecem punição. Foi assim que nasceu Jesuíno Brilhante e assim foi que surgiu o célebre José Antônio do Fechado, continuando após o primeiro crime uma longa série dêles, conseqüências uns dos outros.

Durante largos anos, a polícia deu caça ao José Antônio e jamais o pôde filar. Cercava-o na fazenda entrincheirada do Fechado. Tiroteava-o. As seteiras iluminavam-se de clarões rápidos. Caíam soldados a granel. E pontaria certeira ia derrubando, uns após outros, os comandantes da tropa, até que ela, desnorteada, enfraquecida, abatido o moral, abandonava a tentativa. Dizia o povo que êle tinha na fazenda tantos acostados, que "cada estaca da cêrca era um homem armado".

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Instituto de Pesquisas Econômicas

Uma feita, um oficial superior do corpo de polícia do Ceará, moço e ardente, resolveu acabar com o José Antônio. Mandou sua fôrça, numerosa e aguerrida, acampar num povoado próximo e, discretamente, à paisana, foi de tarde explorar a cavalo os arredores da fazenda célebre. Encontrou na estrada um homem de meia-idade, musculoso e ágil, montado em um belo alazão, fisionomia simpática, voz suave e lhana, maneiroso e afável. Travaram palestra, e o moço, disfarçadamente, foi procurando colhêr informes sôbre o José Antônio.

O desconhecido contou-lhe da fortaleza da casa, da valentia dos acostados, das boas ações de José Antônio e das razões que lhe assistiam para se não submeter às ordens do govêrno: disse-lhe do modo que praticara o primeiro crime — justa desforra a grande injúria, da sua generosidade e sentimentos humanos. Assim conversando, confiados já um no outro, deram com uma encruzilhada e despediram-se: cada qual tinha que seguir um rumo. Então, o oficial entrou de declinar, com oferecimentos corteses, seu nome e qualidade. O outro sorriu, tirou o chapéu, apertou-lhe a mão e disse: — "A minha casa é ali adiante, no desembocar do caminho. Estamos lá às ordens. É a fazenda do Fechado e eu sou o José Antônio." Cortejou e partiu. O moço quedou mudo de espanto; voltou à vila e recolheu-se com a fôrça à Capital. Nunca mais perseguiu o José Antônio.

Conheci um filho dêle, valente como as armas, leal e honesto, que um dia, sendo freteiro de um comboio

de víveres, em companhia de um filho de doze anos de idade, na várzea estorricada das Umburanas, defendeu a tiro e a faca as suas cargas do ataque de uma dúzia de salteadores famintos, quando comburia o sertão a sêca terrível de 1888. E saiu vencedor.

Mal empregadas tanta coragem e tanta valentia na prática constante de selvagens crimes!

Há famílias de cangaceiros. A herança do crime perpetua-se de geração em geração; e essa gente vive nas suas fazendas sempre cercada de bandoleiros, aureolada pela fama dos feitos. Tem grande influência na sua zona, intervindo em tôdas as questões, quer políticas, quer particulares, tudo podendo e ousando tudo. Assim são, por exemplo, os Barrosos do Curu, os Cunhas do Boqueirão, os Paulos do Trapiá, os Dantas do Teixeira e os Feitosas dos Inhamuns.

Às vêzes, essas famílias digladiam-se por questões de terras, recusas de casamentos entre elas, insultos a um de seus membros em samba animado ou novena alegre, quando a cachaça esquenta as cabeças; por uma certa derrubada por alheio gado, pancadas dadas em boi ladrão no pular de cercados de roça. Essas famílias meio-selvagens têm um rude e susceptível pundonor: qualquer cousa as injuria.

Matar não é crime hediondo no sertão; é cousa comum. Crime lá é o crime contra a honra e não o crime contra a vida. Assim estabelecem as usanças e querem as condições climáticas e étnicas. Havendo ocasião, todos matam, mas nem todos roubam. O ladrão é raro; o assassino é comum. Hoje em dia, já o sertanejo se vai modificando com o que lhe ensinam as povoações. Quanto mais próximos de vilas ou cidades, mais propensos à velhacada são os matutos. Quanto mais insulados nas brenhas, menos rapaces. Isto prova que César tinha razão, no *De Bello Gallico*, em dizer que, dos gauleses, os mais fortes eram os belgas por viverem longe das cidades e de tudo quanto efemina os ânimos, — *ad effeminandos animos pertinent.*

Matar para roubar é mais raro do que matar por vingança ou matar por matar. As próprias estatísticas da criminalidade afirmam a grande desproporção entre os crimes contra a vida e os crimes contra a propriedade.

Das famílias que acima falei foram os meus ancestres, os Cunhas Pereira, do Boqueirão, na Ribeira do Jaguaribe, uma das mais conhecidas. Eram bruscos, valentes e generosos. Mantinham acostados e eram nobres, restos dispersos de fidalgos aventureiros que, com Duarte Coelho, vieram para Pernambuco e Paraíba e se internaram pelo vale do Juaguaribe, ramificando-se em famílias diversas, primeiramente vivendo à gandaia, depois amanhando terras e pastoreando gados já em começos de riqueza, em boas fazendas.

O chefe ostensivo dessa gente, em princípios do século passado, era o valente José Leão da Cunha Pereira, que foi comandante de uma fôrça auxiliar do exército legal do cel. Amorim contra a República do Equador e, no combate encarniçado de Santa Rosa, perseguindo os fugitivos, matou o chefe da rebeldia, Tristão Gonçalves, atirando-lhe o corpo aos bichos do mato e trazendo, na ponta da espada, espetado, para mostrar ao coronel, um dedo do herói republicano.

O fim de José Leão e sua raça é uma página típica das antigas lutas sertanejas. Um moço parente dêle, da família Pataca, casou com uma velha rica, sua parenta próxima, contra a vontade de José Leão e por tácita e bem paga dispensa do Bispo de Pernambuco. Durante uma viagem, o moço hospedou-se numa fazenda, e foi dormir com os companheiros em cômodas

rêdes, no alpendre. De manhã, estava morto, frio, inteiriçado. Não lhe manchava a camisa um pingo de sangue. Procuraram a causa do falecimento. Fôra uma longa e fina agulha de coser sacos de estôpa que alguém, deslizando pela treva, rastejando ao aproximar-se da rêde, cravara-lhe silenciosa e hàbilmente no peito cheio de pelos. Um dos companheiros lembrou-se de ter ouvido um gemido fraco e longo. E foi só.

A família Pataca jurou vingá-lo na pessoa de José Leão, logo indigitado como responsável pelo misterioso crime.

Por dia de sol ardente, flamejante, chispando faúlhas nos granitos, fazendo rebrilhar os longos e desfreqüentados caminhos de sílica branca, uma matula de bandidos, chefiados pelos Patacas, surpreendeu a fazenda de José Leão. Na casa, estavam êle, a mulher, os filhos pequenos, dois filhos homens e um acostado. Êle armou-se e escondeu-se, acuado como um tigre na furna, num canto escuro da cavalariça, entre montes de capim e palha de milho; os três correram a um quarto, espécie de sala de armas e paiol de munições. Era todo de altas paredes até o telhado e só tinha uma porta que, atarantada, aos gritos, tôda pavor e agonia, com os filhos pequenos enrodilhados às saias, a mulher de José Leão fechou por fora, atirando a êsmo a chave, para salvar da sanha da récua assassina que chegava os entes queridos. E os bandidos entraram pela casa em furente investida. Os que tentavam transpor os umbrais da cavalariça caíam mortos: lá do canto, olhos em fogo, arma aperrada, o José Leão espreitava: cada tiro era uma queda.

Os assaltantes tentaram desesperados esforços para arrombar a porta, enquanto os de dentro pediam em altos berros que abrissem, que desejavam morrer fora, ao ar livre, lutando. Nada conseguindo, os bandidos foram ao chefe dos Cunhas; matá-lo-iam e seriam satis-

feitos. Pegaram a mulher e, fazendo dela escudo às balas do José Leão, entraram na cavalariça. Saltaram de faca dez ou doze sôbre êle. A luta foi medonha, terrível. Mas, sucumbindo ao número, caiu o valente crivado de facadas.

Então um dos sequazes teve uma idéia sinistra: incendiar a casa e torrar os três "cães" enfurnados no quarto. Rejubilando, aos berros, a súcia desmanchou as cêrcas dos currais, arrastou madeiros, empilhou-os às portas e lançou-lhes fogo. Montaram depois todos a cavalo, deram gritos de vitória e de vingança, e em brusca arrancada partiram a galope, furando os carrascais. A casa ficou a arder com altas labaredas rubras, crepitando o madeiramento sêco, as velhas vigas de aroeira, os caibros de mororó. Depois, o fogo chegou ao meio do edifício. Ouviram-se gritos, berros horrorosos de mêdo louco, frenético, de desespêro terrível. E em tôrno à casa, tôda terror e apavoramento, cabelos soltos, a mulher rondava com os olhos esbugalhados e gritos soturnos, roucos, os filhos pequenos, chorando enrodilhados às saias. As chamas lamberam o teto do quarto das armas; dentro choveram fagulhas e brasas; os barris de pólvora estouraram. Foi um estrondo pavoroso que reboou ao longe, ecoando nos alcantis, espantando os gados nas pastagens quietas e os garanhões nas várzeas caladas; e, logo, as paredes ruíram, os restos de telhado abateram, esvoaçaram mais fagulhas e mais brasas; e caíram ao longe, em arremêsso potente, tições e tijolos, fragmentos de tôda a sorte...

Foi esta a vingança dos Patacas. E assim são ainda as vinganças sertanejas, pois, durante anos, lutaram no sertão Montes e Feitosas e, não há muito tempo, Santa Cruz queimou Alagoa do Monteiro e um chefe político, a vingar-se doutro, saqueou a cidade de Aurora, no Ceará, e incendiou-a. E ela lá ficou, durante dias, na vastidão imensa dos sertões ressequidos a queimar,

a queimar, as labaredas ameaçando os céus em turbilhões, clareando os jorros de fumarada densa, palhetando as micas miúdas espalhadas na rugosa e dura face dos grandes pedregais de granito cinzento...

Antônio Silvino é o maior chefe de cangaceiros que tem produzido o sertão do Norte. É um verdadeiro senhor da zona que se estende das fronteiras de Pernambuco aos limites do Ceará. Tem cinco ou seis companheiros, boas armas, tôda a pradaria híspida dos sertões, plena liberdade, a cumplicidade do habitante, ou por mêdo ou por admiração, e os combates, e os sambas, e as noites frescas, dormidas ao relento, sob a luz pálida da lua, no silêncio dos vastos campos adormecidos...

Antônio Silvino é um tipo muito interessante e completamente original. É pernambucano e chama-se Manuel Batista de Morais. Antônio Silvino é um nome de guerra, tomado em memória de um chefe, sob cujas ordens se fêz — o conhecidíssimo Silvino Aires.

Anda sempre com seis ou oito bandidos. Nunca tem mais. Vive com uma farda de major de polícia, galões dourados no punho. É a sua mania. Os seus bandidos usam velhas fardas de soldados, botões areados, luzindo. Todos têm fitas, como se fôssem oficiais inferiores: um tem duas fitas, outro três, outro quatro...

O grande salteador é analfabeto e afirma ser espírita. Tem 37 anos de idade e mais de cem homicídios "na cacunda", como diz o povo sertanejo. Anda sistemàticamente a pé; não gosta de montar a cavalo: faz dezoito léguas em vinte e quatro horas. É incapaz de faltar ao respeito a uma família e não pede pousada em parte alguma, nem aceita, se lhe oferecem. Dorme ao relento,

sob as árvores, isto porque é a seguinte a sua frase predileta: — "Ainda não nasceu homem em quem eu confiasse."

Tem dois fracos, duas manias, pelas quais é capaz de sacrificar tudo: brilhantes e perfumarias. Unta os cabelos com brilhantina cheirosa, borrifa-se com extratos, lava o rosto com água-de-colônia. Anda com os dedos cheios de brilhantes grandes, caros, encastoados em grossos anéis de ouro.

Não toma dinheiro. Pede. Arrecada dos agricultores e fazendeiros uma espécie de impôsto. Calcula-se que recebe assim, por mês, de oito a dez contos de réis.

Tudo quanto compra, paga com dinheiro falso. Inunda o sertão de papel-moeda nessas condições. Presume-se que tenha um sócio. E ninguém se recusa a receber êsse dinheiro. Ai de quem o fizer.

As suas armas são um rifle Winchester, de catorze balas, um punhal enterçado de prata, com doze polegadas de comprido, e uma pistola Browning, que o vulgo no Norte chama Mauser. Conduz dois sacos de balas e uma cartucheira de couro, dupla.

Antigamente, aceitava pagamento para fazer mortes; hoje, só mata por vingança.

A auréola de glória e fama popular que o cerca vê-se bem dêstes versos:

— "Êsses cangaceiros grandes,
Que existem no sertão,
Em qualquer parte que me vêem
Falam de chapéu na mão.
E, se precisam me falar,
Perguntam antes de chegar:
— Dá licença, Capitão."

O criminoso evadido, fugido da cadeia antes do cumprimento da pena, escondido em desertos rincões, acobertado pela proteção de um chefe político ou de um ricaço, é mais uma variedade do tipo geral — o cangaceiro. Conheci um, o Joaquim Maciel, cuja vida basta a determinar sentimentos e modos de proceder de tal gente. Era um mestiço claro, alto e forte, mais do que sangüinário e feroz, quando bêbedo, quase cortês e calmo, quando bom.

Fôra condenado a trinta anos de prisão por ter morto, numa estrada deserta, uma pobre mulher que se recusara a satisfazer-lhe os desejos, pegando-a pelos cabelos e quebrando-lhe a espinha com o duro joelho. Fugiu um dia da cadeia e homiziou-se no sertão. Um fazendeiro, querendo protegê-lo, fê-lo guarda de um roçado de maniçoba, onde astuciosos ladrões furtavam borracha. O primeiro indivíduo que o Maciel topou no desonesto mister matou com uma só pancada do cavador de ferro. O protetor dispensou-o. Levantou uma casinha e foi viver pastoreando uma pequena entrega de gado.

O chefe político de uma vila próxima começou a utilizar-se de seus serviços. Mandou-o dar uma surra no delegado de uma povoação do Município, seu desafeto antigo. O Maciel encontrou o homem na estrada e, defrontando-o, mandou-o, brutalmente, apear-se:

— "Apeie-se, seu delegado, para levar uma surra!"

O pobre homem, apavorado, branco de mêdo, os braços trêmulos numa súplica que os lívidos lábios mal balbuciavam, apeou-se: e o bandido deu-lhe de chicote até cansar o braço. Depois, mandou-o embora. Nada lhe aconteceu.

Muita vez, cruzei nas estradas limpas das várzeas o criminoso feroz, pela fresca da tarde, quando o aracati rumorejava nas frondes dos carnaubais e nas sombras que se adensavam sob as moitas gemiam as

juritis com saudades do dia. Meio bambo, curvado sôbre o pescoço do cavalo, vagaroso, o Maciel passava, passeando em tôrno o olhar hesitante, perturbado, e arrastando a voz rouca num — boa-tarde — preguiçoso... E lentamente caía em tôrno a tarde sossegada.

Outra variedade do tipo cangaceiro é o cabra valentão, famanaz, "desmancha sambas", "acaba novenas", "fecha bodegas", jogador de cacête, faquista, desordeiro. O maior prazer de um indivíduo dessa laia é armar um rôlo dentro de uma venda e, na confusão, meter o pau nas garrafas, espadanando vinhos e aguardente, derrubando tudo, obrigando o dono a fechar as portas. Outros, no meio das animadas danças de um samba, por disputa mesquinha, atiram uma paulada à lamparina de querosene e "baixam" o cacête a torto e a direito, no escuro, entre mil gritos, gemidos, uivos, brados, imprecações, vultos que se esgueiram com mêdo. Quase sempre levam as mãos ao ventre com um urro: mão invisível cravou-lhe nas vísceras a faca pontuda em golpe certeiro, muita vez rosnando com motejo cruel: "Guarda aí que já volto!" Saindo vencedores, pavoneiam-se ao outro dia que "na festa de fulano o mestre-sala foi o quirim." Quirim é o cacête meio curto, feito de uma vergôntea de duro e fortíssimo jucá, assada, de canela de veado, cheia de estrias, de negra maçaranduba ou coração-de-negro.

Houve uma família de cabras dessa espécie na serra de Baturité — os Meruocas. Uma feita, armaram uma emboscada a um destacamento de soldados de polícia, atraindo-os para o mato, longe da vila, com a habilidade de Armínio quando encurralou nos meandros da escura floresta de Teutberg as heróicas legiões de Varro.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ

A luta foi horrenda. Os cabras jogavam cacête com terrível destreza. E os soldados foram caindo um a um. Cada um que tombava era homem morto: um braço nervudo abaixava-se e sumia-lhe a faca no peito. Os soldados tinham, havia dias, dado uma grande surra num pobre velho; a vingança era completa. Caíram todos os que não puderam fugir. De pé, só, valentemente, o sargento, um moço branco, quase imberbe, esgrimia com um troço de sabre, defendendo-se da malta raivosa. Por fim, abateu pesadamente. Um mestiço de olhar tôrvo, face sinistramente picada de bexigas, ergueu o braço. A faca rebrilhou aos raios do sol. Mas o chefe dos Meruocas interpôs-se: — "Não mate o homem, que êle brigou como um valente!" E a voz emocionada mostrava a sua grande admiração por aquela louca coragem.

Há destas generosidades quase inconscientes e há cobardias quase inexplicáveis.

O Antônio da Jacinta, um dêsses valentões, entrara uma tarde em pobre povoado sertanejo e andara a quebrar vendas mesquinhas, a arrombar portas de míseras casas. Depois, sentara-se a blasonar e a soltar torpes desaforos, desafiando Deus e o mundo, no meio da rua. Chegava do campo um vaqueiro, homem pacífico e bom: indignou-se da fanfarronada do desordeiro. Dirigiu-se a êle, arrancou da faca e desafiou-o a bater-se. O Antônio da Jacinta enfiou, recusou-se e abalou covardemente do povoado.

Os cangaceiros são presumidos e orgulhosos, e julgam os mais cobardes crimes atos de valentia. Alguns usam, para se distinguir, uma trunfa, um cacho, umas farripas encaracoladas pendidas sôbre a testa. O povo chama-os "cacheados".

Em tempos idos, houve no Ceará um Governador arbitrário e enérgico, o célebre Montauri. O Governador gostava de olhar a rua de manhã, da janela do palácio. Passando-lhe pela porta um dêsses cabras com cacho, gritava à guarda que o prendesse e cortasse com o sabre a trunfa espaventosa. Hoje em dia o cangaceiro ainda deixa crescer o topête encaracolado, atributo tradicional de valentia como o eram as longas cabeleiras dos velhos reis merovíngios.

Ao ler-se o *Noventa e três*, de Hugo, nota-se uma certa analogia entre os apelidos dos campônios revoltados da Vendéia e as alcunhas dos cangaceiros. É que ambos vão buscar êsses nomes nas coisas rudes do campo, nos animais bravios, nas madeiras, para exprimirem qualidades humanas físicas e morais. O mesmo fêz sempre todo o povo primitivo. No livro do grande escritor vemos: Dança-na-sombra, Gouge-o-verdelhão, Canto-no-inverno. Temos no Norte: Orelha-de-sola, Cobra-verde-do-ôco-do-mundo, Caninana, Pajeú, Chico Diabo, Peixe, Zé Piranha, Vicente Canela, Caitano Fubaca, Peba, Come-fogo, João de Bango.

Aliás, apelidar-se foi sempre atributo dos guerreiros bárbaros, e a cangaceiragem não é mais do que um bruxulear do espírito belicoso, manifestando-se em gente muito baixa pelo cruzamento e pelas taras.

O bandido, o salteador, o degenerado tôrvo, de faculdades deprimidas, o chefe político vingativo e mau, o criminoso romântico, misto de generosidade e selvageria, crueldade e nobreza, o chefe de família pundo-

norosa, susceptível, bárbara, o foragido, todos são "cangaceiros", todos têm a mesma paixão pela luta, a mesma inclinação para essa vida incerta, vagabunda, com o perigo de uma emboscada em cada moita, de uma cilada em cada risonha hospedagem: o mesmo espírito ardiloso e premunido, a mesma selvatiqueza de sentimentos, idênticos instintos de tigre, inclinações iguais, quase iguais psicopatias, tamanha ferocidade. Há séculos existe o cangaceiro e muito tempo ainda há de existir. E depois de desaparecido para felicidade dos sertões, a memória do povo, cheia de horror, narrará nos seus cantos singelos os seus feitos horripilantes e os seus crimes horríveis. Não há cangaceiro morto que não tenha o seu A.B.C., longa cantiga em que cada verso começa por uma letra do alfabeto; há o A.B.C. de Jesuíno Brilhante, o do Antônio Silvino etc. Sempre, na tradição, se diz que o bandido tinha "pauta" com o Diabo, que andava com breves livradores de bala, ao pescoço, com caborjes contra facadas, porque o povo não pode crer que, sòmente por sua arteirice e manha, possa um homem escapar a perseguições e emboscadas, a combates sangrentos, corpo a corpo. É preciso que algo de sobrenatural explique êsses fatos. Ademais, a alma da gente singela do sertão se embala na crença de que — quem nesta vida não paga, na outra há de pagar os malefícios cometidos; é-lhe necessário crer que Deus castigará os que a atribularam, já que tão falha sempre se mostra a fraca justiça humana.

Conta João Brígido, escritor cearense, que, estando doente um famigerado coronel Agostinho do Icó, criminoso crudelíssimo, dizia um sujeito querer morrer no mesmo dia que êle, porque os diabos tinham tanto de que se ocupar com o coronel, que o deixariam em paz.

Narrei simplesmente alguns fatos sôbre êste assunto. O leitor inteligente por êles julgará da moral dos cangaceiros. Não procurei aprofundar-me na sua psicologia, porque só um estudo sério e profundo poderá indicar com firmeza as taras e psicopatias dêsses broncos cérebros de degenerados — que já o são todos êles quase, na raça pelo cruzamento, na moral pelo atavismo, pelas influências externas e pela hereditariedade. Não podem ser senão nevroses o amor à vida do cangaço e à luta com golpes certeiros, com o sangue quente, rubro, fumegante, jorrando aos gorgolões.

Não há povo mais cheio de crendices, mais propenso a acreditar em bruxedos, do que o sertanejo. Crê em tôdas as feitiçarias por mais ignóbeis e estúpidas que sejam, misturando na sua prática crenças africanas, indígenas e européias, estas adquiridas por hereditariedade, aquelas pelo contato das raças. As reminiscências das bruxarias africanas e indígenas formam a base de tôdas as feitiçarias em que as européias aparecem apagadamente, com o seu cunho religioso velado pelo fetichismo das duas raças inferiores. Um tipo interessante sintetiza tôda essa inclinação e tôda essa ignorância — é o curandeiro.

No sertão, cada ribeira, cada região, cada povoado tem o seu curandeiro — médico e nigromante ao mesmo tempo. É quase sempre um negro idoso, sebento, embrutecido, ou um mestiço esquálido, sujo, com tiques nervosos no rosto, aspecto concentrado de quem vive recolhido na profundeza dos seus pensamentos, gestos vagos de assombro, sempre remoendo entre dentes frases ininteligíveis. Muitos, os mais afamados especialmente, têm atitudes impressionantes, voz imperiosa,

gestos imperativos, modos fortes de comando. Vivem em palhoças retiradas, esquecidas em esquivos topos de cômoros, expostas à chuva rija da invernada que as alaga e ao vento frio da noite que brinca, estralejando, nas palhas ressequidas do tapume. Há curandeiros especialistas para isto e para aquilo.

Em casa vão consultá-lo para tudo: para curar bicheiras dos gados e doenças dos homens; para encontrar objetos perdidos ou adivinhar autores de furtos misteriosos; para salvar pessoas mordidas de cobra, levantar espinhelas caídas, fazer passar dores atrozes de dentes, achar lugares bons para cavar cacimbas e "curar" ou "fechar" corpos às facadas, às balas, à água e às prêsas afiadas das serpentes.

Quando o curandeiro passa na estrada, vagarosamente, atravessando têso e esguio o largo terreiro dos casais, imerso na indiferença de profundo cismar, dizem as velhas com espanto que vai cochichando com o Diabo.

Ensina remédios e rezas fortes para escapar a perseguições, abrir fechaduras teimosas e curar ínguas inflamadas. Essas orações são interessantíssimas: umas decorrem das crenças católicas deturpadas pelo povo; outras objetivam-se com um cunho fetichista. Para curar ínguas inchadas há duas orações: toca-se com o pé em cada pedra da trempe de um fogão, dizendo de cada vez: "três, duas, uma, íngua nenhuma!" Ou então: sai-se à noite fora de casa, coloca-se a mão direita sôbre a parte inflamada, fita-se uma estrêla qualquer e diz-se três vêzes: "minha estrêla donzela, esta íngua diz que morrais vós e cresça ela, eu digo que cresçais vós e morra ela!" E, logo, a íngua ficará curada ou "cortada", como dizem.

Afirmam os sertanejos que o curandeiro cura tôdas as doenças por meio de benzeduras e outras orações da mesma espécie, que um gesto seu rechaça os malefícios;

não será necessário dizer que só resiste às moléstias a férrea constituição daquela gente, e êle, se faz raras curas, é inconscientemente, pelo efeito da sugestão moral do seu aspecto e dos seus modos. Porque certamente ninguém poderá acreditar que, cuspindo o feiticeiro na bôca de um animal mordido de cobra, êste escape ao veneno, e cobra que de novo o pique se estire morta imediatamente, ou cousas análogas. Suas orações são de uma ingenuidade pueril. Quando uma pessoa luxa um pé, quebra um braço, torce uma junta ou corta uma veia, pega de um novêlo de linha, cose-o e recose-o com uma agulha, benzendo a parte ferida três vêzes e fitando no enfêrmo os escuros olhos penetrantes:

— "Carne trilhada,
Nervo torcido,
Ossos e veias,
E cordoveias,
Tudo isso eu coso
Com o louvor
De S. Frutuoso."

Benze o uzagre molhando na água um raminho de arruda, passando-o em cruz sôbre a parte doente e nela cuspindo depois:

— "Eu te benzo com a cruz, com a luz
E com o sangue de Jesus.
Uzagre, fogo selvagem, foge daqui
Que eu estou com nojo de ti!"

Quando uma criança anda adoentada e a mãe afirma que lhe botaram quebranto ou mau olhado, o curandeiro benze-a com um ramo de vassourinha, segurando-a pelos pés à porta da casa e pingando-lhe azeite-doce à cabeça.

As hemorragias são também benzidas pelos charlatães com uma reza complicada que êles chamam tomar o "sangue da palavra".

Algumas orações têm um pronunciadíssimo cunho fetichista: por exemplo, a oração com que se atira um dente podre no telhado da casa:

— "Mourão! Mourão!
Toma meu dente podre
E manda meu dente são!"

Ou para curar dor de dente escrevendo na areia e apagando em seguida cada frase:

— "São Nicodemos, sarai êste dente!
Nicodemos sarai êste dente!
Sarai êste dente!
Sarai êste dente!
Êste dente!
Dente!"

Um indivíduo é mordido de cobra. Corre um parente ou amigo à casa do curandeiro levando o chapéu do enfêrmo. E, com aquêle objeto na mão, voltado para o lugar em que está o doente, o feiticeiro reza em voz baixa. Juram que escapa. Às vêzes, o curandeiro vem até a casa do mordido. Vai entrando pelo quarto e ordenando imperiosamente que êle se levante e marche, que já está bom e nada mais deve sentir. O sujeito levanta-se, às vêzes por efeito da sugestão moral, sendo preciso notar que quase sempre um arranhão de espinho ou de garrancho pontudo é tomado pelo sertanejo como dentada de ofídio venenoso...

Atacando a bicheira uma rês, o dono indica ao curandeiro o lugar onde ela pasta. Êle para ali se volta e benze-a. Garantem os sertanejos que os bichos caem todos.

Uma vez, num rubro agonizar de cálido dia de junho, fui com um vaqueiro, por curiosidade, à casa de um dêsses hierofantes pedir-lhe que benzesse uma rês doente de bicheira que não pudera ser pegada até aquêle dia. O vaqueiro indicou-lhe o pasto. Êle ergueu-se do banco onde preguiçava à porta da choça, ouviu-nos, coçou a carapinha esguedelhada, adiantou-se pelo terreiro, e do rebordo de uma ribanceira, olhos fitos vagamente no espaço, destacando-se muito negro na dourada luz do poente, deixou cair dos lábios com vagar soturno, palavra por palavra, tôda esta oração: — "Mal que comeis a Deus não louvais e nessa bicheira não hás de comer mais. Hás de ir caindo de dez em dez, de nove em nove, de oito em oito, de sete em sete, de seis em seis, de cinco em cinco, de quatro em quatro, de três em três, de dois em dois, de um em um, e nessa bicheira não há de ficar um! Há de ficar limpa, salva e sã como ficaram limpas, salvas e sãs as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo!" Riscou no ar com dois dedos hirtos, demoradamente, uma cruz. Deu-nos boa-noite e solenemente remergulhou na toca.

Era a mais completa mistura da crença católica às abusões sertanejas.

Na sala imunda e lôbrega de uma cabana de curandeiro andam pelos cantos, atirados a êsmo, ossinhos de pagãos, sapos secos com a bôca cosida, bichos do mato mumificados ao sol, insetos a se esfarinharem de velhos, combucas cheias de ingredientes, bolões de cêra negra

de abelha, bolorentos, incrustados de pedaços de bolachas. Pendem das paredes, de paus picudos, cordões com bentinhos, grandes rosários de contas selvagens, madeixas lisas ou maçarocas encarapinhadas, saquitéis de sementes, feixinhos de raízes com que fabrica indecentes e travosas beberagens (28) que vende às garrafas. Reina ali um cheiro nauseante e mau. Em certas noites, quando o vento varre o sertão e os cães uivam nos pátios das fazendas, à luz fumosa das candeias de querosene ou de azeite de carrapato, benzem os indivíduos que querem ficar "curados" ou "fechados", que desejam que nos seus corpos não entrem balas, nem facas afiadas rompam sua pele. Os assistentes mudamente sentados em esteiras guardam uma posição contrita. O que vai ser "curado", após ter ingerido uma porção de amarga bebida cuja fabricação é segrêdo do charlatão, estira-se nu, ao comprido, ladeado de velas acesas, no barro socado do solo, porque é preciso "expor a pele tôda". E o curandeiro começa a cantar uma melopéia plangente, na qual vibra de quando em quando, com um som metálico, uma africana fibra nasal, tocando maracá e dançando sinistras e lentas reminiscências coreográficas das velhas danças dos índios... Quando o indivíduo sai dali está com o corpo "fechado": pensa que não há bala que o mate, nem faca que o possa ferir, que pode entrar em tôdas as lutas, arrostar os maiores perigos, romper destacamentos policiais, sem que nada lhe aconteça. Por isso não há cangaceiro que não seja "curado"...

(28) — Chamam-lhe os matutos — garrafadas.

O curandeiro faz "cousa-feita", isto é, bota feitiço em alguém mediante pagamento. Enterra alguns fios de cabelo de uma moça numa casa de cupim por mandado de outra que a detesta. Dizem que ela murcha, fana-se, vai emagrecendo aos poucos, lentamente fenecendo. . . e morre. Cose a areia do rasto de um indivíduo ou um pouco de seu sangue na bôca de um cururu; atira o batráquio numa lagoa: garantem que o indivíduo morrerá. Faz remédios com ervas do mato para produzir a loucura, a surdez, a cegueira.

Fabrica também beberagens úteis — para deixar a embriaguez e o fumo; outras com útil intenção e mau resultado, para curar as doenças.

As doenças no sertão têm nomes interessantes. A congestão é chamada de um modo especial: ar do vento, Ave-Maria! A gripe é — catarrão amalinado. A erisipela, esipra. Há a espinhela caída, as maleitas, o vento encausado, a moléstia magra (29) e as *febres*.

As cobras desempenham importante papel na vida do curandeiro. As peles e os dentes enfeitam-lhe o antro. Algumas que cria andam com êle pelas feiras, enrolando-se-lhe aos braços e pernas, mordendo-o sem que mostre fazer caso. Quase sempre lhes arrancam as prêsas. O chocalho da cascavel, fechado num saquitel e pendurado ao pescoço, livra de dores de ouvidos. E a sua banha serve para fricções em partes inflamadas ou reumáticas.

O sertanejo canta até sôbre o assunto a seguinte quadra:

(29) — Tísica.

— "Eu compro as banhas da cobra,
De fumo dou quarta e meia
Pra fumentar uma perna
Que me dói na lua cheia."

Os matutos emprestam à lua grande influência. Ela acorda as dores reumáticas e faz piorarem os doentes, traz a chuva e o caruncho nas madeiras cortadas. As cesuras e feridas antigas doem sempre que a lua é nova ou cheia.

As fomentações ou fricções são muito usadas, como também os banhos de fumaça para as doenças das mulheres; porém os remédios preferidos para todos os males são os cozimentos ou chás das plantas do sertão: cidreira, fedegoso, manjerioba, torém, jucá, malva, mastruço.

Mas na feitiçaria o maior papel está reservado às rezas fortes, às orações poderosas. Por elas se consegue tudo: o cangaceiro perseguido vira-se em curto e atochado tronco à margem do caminho ou em uma mão de pilão encostada à parede de fumarenta cozinha; a chuva caindo em bátegas não molha um comboio de farinha tangido por quem as saiba rezar; os roçados não encruam ou vicejam; os presos fogem pelas grades fechadas das prisões, passando invisíveis à face dos guardas. E não há curandeiro que não saiba e não cite com religioso temor as orações de S. Leão, do Conde, de S. Martinho e da Emparedada. Há outras orações acompanhadas de certos atos, como enterrar um pagão de pernas para o ar, a fim de suster iminente tempestade; botar Santo Antônio de cabeça para baixo ou prometer-lhe uns "dez réis" para achar objetos perdidos, e com o mesmo fim prometer três gritos a S. Guino; tudo ainda reminiscências dos velhos cultos, das velhas crenças e das velhas religiões de tôda a humanidade...

Dizem as lendas que as fadas, quando pisavam numa cruz, perdiam seu poder e seu prestígio. No sertão, acredita-se que o curandeiro perde sua fôrça se fôr açoitado com um galho de pinhão. O pinhão, fraco e quebradiço arbusto, foi escolhido pelos feiticeiros como exorcismador, talvez mesmo em razão de sua fraqueza, não lhes convindo que um vegetal de fortes e rijos galhos tivesse tão grande virtude. Porque, se há curandeiros aparvalhados e idiotas, convencidos profundamente do valor dos bruxedos, a maioria é de hipócritas e mistificadores.

Na quadra angustiosa da sêca, quando o sertanejo procura água cavando a terra, o curandeiro vai acurvado, de olhar apático, batendo com um cacête pelo chão. Pára, olha em tôrno para os sertanejos magros que o seguem e assegura que, se cavarem naquele lugar, encontrarão água.

Pobre terra ressequida, e pobre gente sofredora e heróica que se agarra às mais tênues esperanças nessa eterna luta pela água, quando só quebra o silêncio profundo e tumular do sertão combusto, de dia — o bater do alvião na rocha dura; de noite — o gemido doloroso dos gados famintos! Pobre gente que espera a salvação de um gesto de embrutecido mestiço, que se diz sabedor do segrêdo dos milagres e afirma o que não pode adivinhar!

III

"A alma da terra passa para o homem", disse Victor Hugo. A alma do sertão modelou a alma do sertanejo. Sóbrio como todo o animal dos países agrestes, rude como as rechãs despidas que o cercam, como os penhascos pontudos que rasgam o solo duro, perfilando-se entre o mato ressequido, é hospitaleiro como todo o homem primitivo e rotineiro por educação e por hereditariedade. Geralmente bom e honrado, o eterno combate com o meio envolvente desenvolve-lhe a inteligência e a coragem que já lhe legara a raça, o cruzamento ancestral.

Nas lutas, quando bandido ou rebelde, esquiva-se, e negaceia, é impalpável, é quase invisível; aparece, some-se, ataca bruscamente, desaparece ainda mais depressa: tem um quê do seu clima, do seu céu, da sua atmosfera, onde as nuvens de chuva passam, borrifando neblinas, e apagam-se além do horizonte, mais ligeiras do que surgiram, como por encanto. Porém, se se apresenta uma ocasião em que não pode fugir, luta com um ardor e com um entusiasmo — como se lhe aquecesse o sangue a canícula da sêca.

A sua simpleza no modo bambo de encostar-se, nas suas eternas posições de descanso, no seu modo de trajar, é quase sombria. Veste de couro pardo-avermelhado ou de algodões azulados, cinzentos-sujos, raiados de escuro, sempre de côres indecisas, tristes, feias, como a vaga côr do chão que a estiagem calcina. Gosta, nos dias de gala, de um mancha de côr berrante na roupa usual: um laço de fita encarnada no chapéu, uma ampla gravata côr-de-rosa vivo.

É triste de aspecto e de modos. Pouco ri. Parece recolher em si tôda a grande tristeza que anda à face da terra infeliz. A voz arrastada, doce e queixosa, tem um descanso e um vagar de lamento. Os seus cantos são melopéias nostálgicas, de ritmo vagaroso que demora no ar. Lá um ou outro baiano repinicado lembra um laço escarlate na côr escura dos trajes pela sua disparidade com tôdas as outras manifestações musicais. Nas suas trovas gementes de longas sílabas finais, há o arrulho triste da juriti, o gemido distante dos gados preguicentos, todos os ruídos ciciantes das matas solitárias e a suavidade dos crepúsculos doces e tristes do inverno, nem amarelos e vermelhos como os da sêca, mas cinzentos — côr da melancolia.

O seu olhar escuro poisa no chão, erra pelo céu buscando sinais de chuva, ou fito, imóvel, vago, distraído da vida, alheado das cousas, perde-se pelo espaço. Nessas ocasiões, andam-lhe na água esperanças sem forma, vontades sem nome, anseios sem fim: um vago, inexplicável desejo de ver novas terras, prados verdes alongando-se ao sol, altas montanhas fechando os horizontes, grandes rios rolando suas águas, onde a alma não cuide com faminta sofreguidão no dia de amanhã, onde a natureza jamais negue os seus dons. E a estranha vontade de emigrar que fermenta na alma de todo sertanejo e que, à brusca determinante de uma calamidade ou de um desgôsto, o impele a deixar a terra do berço.

É uma idéia que nasce indecisa, informe. Pouco e pouco, pelas narrações dos que já emigraram, pela fadiga de lutar sem proveito num meio hostil, delineia-se, corporiza-se, avulta. Então êle emigra; êle que ja-

mais conhecera outra cousa que não a sua ribeira pobre, sem um gesto de espanto, sem um vislumbre de mêdo, lança-se ao desconhecido.

Na maioria, o sertanejo resulta do cruzamento do índio com o português. Alguns traem, no gôsto pela vida nômade e nas feições, as já diminutas parcelas do sangue irrequieto dos ciganos que o govêrno da Metrópole mandou povoassem o vale do Jaguaribe. Outros, alourados, fortes, de olhos azuis, lembram os holandeses. Quem viaja pelo sertão encontra a miúdo, brincando na porta dos casais, criancinhas louras, de inquietos olhos côr de safira. Essas crianças tornam-se homens queimados, escuros. O sol fana-lhes a côr delicada da meninice, escurece-lhes mais os olhos e dá um tom de cobre vermelho ou de latão sujo ao cabelo louro, que endurece e enrosca com um reflexo metálico.

O tipo comum é o do mestiço acaboclado, de pequena estatura, metro e meio, cabelo escuro e liso, fronte larga, olhar inteligente, cabeça achatada em cima e no occipital — verdadeiro característico do cearense.

Os mestiços do negro com o índio — cabras, e do negro com o português — mulatos, com tôdas as suas gradações, existem em menor proporção. O negro é quase raro. Isto porque a escravidão nas províncias do Norte, encravadas entre as grandes zonas agrícolas e outrora produtoras de Pernambuco e Maranhão, não teve a intensidade que nelas adquiriu, nem durou tanto tempo quanto no Sul. O Ceará foi a primeira província que libertou seus escravos, tendo-os já, aliás, em pequena quantidade. E os seus fazendeiros, medrosos do abolicionismo, venderam os que puderam para o Sul, mais o enchendo assim de elementos africanos.

Raramente se encontra um sertanejo gordo. São magros, angulosos, todos músculos e nervos. Movem-se e trabalham com vagar e lentidão, porém com uma tenacidade espantosa. Enquanto um homem forte derruba uma árvore com seis ou oito machadadas e, pelo próprio esfôrço, ao derrubar a segunda, está cansado; o cearense derruba-a pausadamente, sem dar um golpe mais forte do que outro e passará trabalhando o dia inteiro sem fadiga. A luta contra a sêca inexorável é que lhe dá essa terrível e refletida tenacidade.

Tem uma calma e uma serenidade admiráveis. Não o perturba a maior desgraça, não o apavora a maior catástrofe. Para tôdas as agruras, para tôdas as infelicidades, para todos os venenosos espinhos da vida, tem um sorriso calmo, instintivo, que é mais um esgar do que um sorriso, que é quase sinistro por ser verdadeiro — sinal do imenso vigor da raça do Norte que o grande Euclides da Cunha chamou — "rocha viva de nossa nacionalidade". Luta contra o fogo das queimadas imprevistas, como pela água e pela salvação do gado, serenamente.

Um dia o fogo que destruía as ricas pastagens de uma grande fazenda, já aceirado e quase a extinguir-se, comunicou-se a uma cêrca que se enfiava pelo mato adentro e ia queimando-a vagarosamente. Um trabalhador que por ali passava correu à fazenda. Os vaqueiros e o fazendeiro, ainda sujos e encarvoados da luta travada com o fogo, repousavam na fresca sombra do alpendre. O trabalhador descansou um pouco e passeando o olhar por todos aquêles calmos rostos que esperavam uma nova qualquer por vê-lo chegar na carreira, contou da cêrca que ia queimando, da necessi-

dade ingente de acudir, porque as ramadas da catinga já estralejavam. Não houve o menor atropêlo. Todos levantaram-se, pegaram das enxadas, dos machados e das foices, desceram vagarosamente a lombada do outeiro onde se erguia a casa, e lá embaixo, já na planície, choutearam, rindo, pela vereda. O fazendeiro ficara. Dirigiu-se àsperamente ao trabalhador, limpando com as costas da mão a face encardida.

— "Por que você não derrubou a cêrca, homem?"

O outro explicou que não pudera por não conduzir sequer uma faca.

— "Então, falou o fazendeiro, desfranzindo o rosto, já esquecido do fogo que lhe devorava as pastagens, você devia se ter esfregado nos tições até apagá-los."

E o campônio humilde, sem afogueamento, riu:

— "Seu capitão, eu não tenho corpo d'água, não senhor!"

Esta cena, que em qualquer parte seria de atropêlo e de confusão, ali foi de calma e de sossêgo.

É tão grande a sua resignação que já descamba para o fatalismo. Mostra a mais impassível indiferença pelas infelicidades. O árabe tem para tôdas as desgraças uma frase imutável: — "Estava escrito!" O sertanejo tem a sua também: — "Há de ser o que Deus quiser!"

Nunca se queixa. Jamais se lamenta. Narra tôdas as vicissitudes de uma sêca, contando do que os outros sofreram, sem falar de si.

Quando lhe aconselham que não emigre para o Amazonas por causa do clima doentio, das infames condições de vida, sorri dolorosamente e retruca: "Tanto

se morre aqui como lá!" Diz-se-lhe que espere. Responde que "os paus de fazer espera (30) a sêca já matou".

Não cura os gados doentes de uma peste qualquer, não os isola, não rega suas plantações, quando a chuva falta. Se a varíola ou qualquer outra epidemia grassa pela ribeira, entra sem mêdo o umbral dos pestosos, trata-os, cuida dêles sem temor. "Há de ser o que Deus quiser."

Morrendo de fome, recusa a comida que lhe oferecem em casa de cerimônia. Prefere tudo a pensarem que é gaudério, que vem arado, que em sua casa o paiol está vazio e os estômagos mais vazios ainda.

Simples, modesto, quase sem ambições, olha com desprêzo e sem curiosidade para tudo o que se não relacione diretamente com o seu meio. Fala-se-lhe das maravilhas da cidade e das belezas do mar, franze o beiço, repuxando-o aos cantos, e pergunta incrédulo e indolente: — "E é?"

Essa indiferença e essa falta de curiosidade são reminiscências do caráter índio. O índio por orgulho não demonstrava espanto ou desejo de saber, embora no íntimo lhe atuassem sentimentos contrários. Assim é o matuto. Não quer que o julguem tolo, nem que pensem que se admira de qualquer coisa.

Ademais, é rotineiro e não gosta de inovações. Quando um ou outro sai da rotina secular que conserva, logo augura mal do seu proceder:

— "Quer abarcar o mundo com as pernas que nem vaqueiro o vazio do cavalo."

Planta e colhe de tal modo, porque era assim que

(30) — Fazem-se esperas para tocaiar a caça, ao pé das árvores, com ramadas verdes.

seu pai colhia; cria assim, porque desta maneira seu avô criava. Despreza instrumentos de lavoura, desdenha armas de repetição. Durante séculos, a fisionomia da sociedade sertaneja não se tem modificado numa só linha em nenhuma de suas atividades, quer morais, quer físicas, quer psíquicas. O sertanejo é inalterável no seu modo de vestir, de falar, de plantar, de criar, de viver.

Aconselhei a um matuto que regasse seu roçado durante uma estiagem que andava a torrar as plantações. Pusesse a trabalhar tôda a família. Se não pudesse regar todo, regasse a metade, um têrço, um quarto, um quinto, salvasse ao menos cereal bastante à nova sementeira. Mirou-me de alto a baixo com profundo desdém, achando-me esquisito e pretensioso por querer ensinar o ofício a quem dêle era profissional. Depois, disse-me por cima do ombro, tocando com os dedos na aba do chapéu:

— "Quem é que pode ir contra os castigos que Deus Nosso Senhor manda?"

É muito observador e tira deduções assombrosas das menores coisas; mas só aplica essa acuidade de espírito ao que diretamente o interessa: à pecuária, à lavoura, à caça e à pesca. Do mais não cuida.

Constantemente notava que um vaqueiro velho, meu conhecido, tôda a vez que picava fumo para o cachimbo, ou picava de mais, sobrando no ato de encher, ou de menos, faltando. Perguntei-lhe desde quando fumava. Disse-me que havia quarenta anos.

— "E por que você ainda não cuidou de calcular a quantidade de fumo que precisa para encher seu cachimbo?"

— "Ora, seu moço, presto lá atenção a isso!"

Entretanto, era um observador de primeira ordem quanto a outras coisas. Pelo comprimento do cachorro

(31) da espora de um vaqueiro que lhe aparecesse, sabia se êle era de sertão descampado, cheio de agrestes, de limpos, de tabuleiros, de carrascais, de grandes pastagens verdes alcatifando as várzeas, de ribeira inçada de grandes matas e de catingas profundas. Com efeito, num sertão descampado o vaqueiro pode andar com grandes esporas, mas numa ribeira cheia de matas não o pode.

Uma manhã, estava sentado à porta quando chegou um vaqueiro perguntando notícias de um animal sumido. Antes que êle dissesse que casta de bicho procurava, o velho indagou:

— "Será uma bêsta torta do ôlho direito, castanha escura, de saia comprida?"

O outro respondeu afirmativamente. Ergueu-se, deu as indicações do lugar onde ela pastava.

Então perguntei-lhe se tinha visto a bêsta. Disse-me que não, porém andando a cavalo muito cedo, de madrugada, pelas várzeas, vira rastos de um animal de fora. Sabia que era uma égua, porque não pisara na urina, que era cega do ôlho direito, porque a pastagem da vereda só estava comida do lado esquerdo, que tinha o rabo comprido, porque deixara fios agarrados às tiriricas rasteiras, e êsses fios eram castanhos-escuros. . .

A alma do sertanejo é calcada na alma do sertão. Lá a natureza, quando recusa seu auxílio, nega avaramente a sombra, nega cruelmente a gôta de água, recusa tudo. Mas, quando dá, dá de mais, dá com fartura, com abundância. Daí os dois aspectos do caráter do homem do sertão: a tenacidade na luta, quando o meio o hos-

(31) — Haste que liga a roseta ao pé.

tiliza e procura esmagá-lo; o descuido, a indolência e a imprevidência de quem repousa de longa luta, nos tempos bons. A sêca calcina a terra, resseca os matagais, torra as capoeiras decotadas, vai amaciando as pastagens até pulverizá-las: o sertanejo combate estòicamente. O inverno alegra o sertão farto: êle preguiça e modorra.

É quase sempre honestíssimo.

Hospedei-me em casa de um pobre velho que andava a morrer de fome e que, contudo, altivamente recusava gratificações e repelia gorjetas dos que pernoitavam em sua casa, velha fazenda arruinada, perdida ao meio de longo caminho, insulada num êrmo. Fôra rico e empobrecera com as sêcas. Andava arrimado a um bastão, já pendido para o solo que o haveria de receber em breve prazo.

A um canto do copiar cinco ou seis carabinas de caça, de carregar pela bôca, lazarinas e clavinotes, rebrilhavam polidas e limpas. Examinei-as e ofereci vinte mil réis por uma delas, impensadamente.

O velho olhou-me de frente e disse-me que a não podia vender, porque nenhuma daquelas armas eram suas. Em 1888 uns retirantes lhas haviam dado para guardar. Tinham ido para o Amazonas, e nunca mais soubera notícias dêles. Elas ali estavam esperando. Não eram suas, não podia vender. Limpava-as de quando em quando e esperava que os filhos continuassem a guardá-las depois dêle morto.

Eu retirei a oferta, confuso e admirado.

Todavia, o verbo *rapio* é conjugado no sertão em todos os tempos e modos, porque o sertanejo quando dá para ladrão é de uma arteirice e manha terríveis.

Ninguém o suplanta. Parece que a sua inteligência se duplica. Felizmente é uma pequena minoria a dos desonestos.

Furta cavalos e bois, marca-os de novo, recorta sinais de orelhas, com uma habilidade de cigano velho. Às vêzes, muitos se misturam aos bandos vagabundos de zíngaros que vivem à gandaia pelas várzeas, aprendem sua língua, vestem como êles, transformam-se.

Esfola um bode, cortando a pele pelos lados, de modo a tirar dois couros, um da barriga, outro das costas. Mistura-os aos fardos e vende-os aos exportadores de peles de cabras.

Enche de areia e pedras as bolas de borracha de maniçoba e de grãos de chumbo os papos das galinhas para parecerem gordas. Furta de todos os modos, na criação de gados, nos roçados, nas desmanchas de mandioca. Vai roubar maniçoba nos roçados com um chocalho ao pescoço, de modo a pensarem que é um animal que anda lá dentro pastando.

Entretanto, o menor número de crimes no sertão é contra a propriedade; o maior, o de crimes contra a vida. E assim mesmo é quase sempre a fome que os impele à conjugação do verbo tão condenado pelo austero Padre Vieira.

Os crimes contra a honra e o pundonor são também raros. O sertanejo professa grande respeito pelas mulheres. O adultério e o defloramento são punidos com a morte, bàrbaramente, à faca. A moralidade dos costumes é imensa. Há homens de vinte e muitos anos que nunca tiveram relações com mulheres.

A mulher do sertão cuida da casa, faz o queijo, ajuda na colheita e no plantio dos roçados. Não se mete em conversas de homens, quase não aparece às visitas. Pouco fala; não ri alto. É recatada e de um imenso acanhamento.

O sertanejo, quando ama, ama ardentemente; todos

os seus desejos fermentam, tôda a sua concupiscência recalcada, posta a jejum durante largos anos, borbulha; e a sua alma trepida aos estuos ardorosos daquela imensa fôrça passional. Daí a fereza, a monstruosidade do seu ciúme, a face horrenda das suas vinganças por coisas de amor. O seu riso de satisfação ante o indivíduo que lhe ofendeu a honra e que trambolha e baqueia esfuracado pela sua faca é satânicamente sinistro. Acresce que na sua alma inculta e despolida predominam os sentimentos primitivos, rudes e informes, alguns maus: o ciúme e a vingança; outros bons: a caridade e o amor.

Sua religião é afeiçoada ao seu modo, uma espécie de fanatismo católico-fetichista, em que se misturam os resíduos dos cultos inferiores do africano e do índio ao que a ignorância dos padres garabulha errôneamente dos púlpitos e ao que rezam catecismos mal redigidos. A prova disto está nas suas orações entremeadas de expressões verdadeiramente fetichistas, na sua crença em milagres de indivíduos tidos como santos ou em estado de graça, e em certas passagens da vida de Cristo e dos santos, de que os Evangelhos nunca cogitaram.

Acreditam, por exemplo, que S. João não sabe o dia em que nasceu e que, quando o souber, o mundo se acabará em fogo...

— "São João teve alegria
E depois teve pesar
Por não saber o seu dia
Para o poder festejar."

Colabora na leitura dos benditos e das orações. Há benditos que se cantam no sertão feitos exclusivamente

pelo sertanejo, outros deturpados, com ofertórios interessantes:

— "Ofereço êste bendito
Ao Senhor daquela cruz,
Pra nos livrar do inferno,
Para sempre, amém, Jesus!"

As orações são muito interessantes do ponto de vista da mistura das crendices de raças inferiores ao culto católico do nortista. Cito a "oração da noite", rezada em todo o sertão e já muito antiga:

— "Padre Nosso pequenino!
Me guiai no bom caminho,
Santo Antônio é meu padrinho,
Nossa Senhora é minha madrinha.

Sete livros a rezar,
Sete anjos a cantar,
Quer de dia, quer de noite,
Enquanto eu não me deitar."

A prova mais cabal do modo inferior por que se apresenta o espírito religioso no sertão é a facilidade com que um indivíduo reúne em tôrno de si, fazendo milagres de charlatão, milhares de homens dedicados devotamente à sua causa, como foi em Canudos com o Antônio Conselheiro, como o é no Juàzeiro com o Padre Cícero.

O sertanejo tira o chapéu e diz com segurança:

— "Pra o ano choverá muito. O Padre Cícero disse!" E ninguém no sertão inteiro duvida que uma tal Maria de Araújo, do Juàzeiro, devota da igreja do Padre Cícero, tomava a hóstia e depois vomitava-a manchada com o sangue de Jesus... Um campônio conta uma história

inverossímil de "quando Nosso Sinhô andou no mundo", ou afirma que aquêle que mangar de um frade torna-se incontinenti um cachorro pelado. Pergunta-se-lhe quem lhe contou aquilo: "Foi minha avó que ouviu nas missões de frei Serafim. . ."

Tem grande fé na sua devoção, mas uma fé fanática, inculta, supersticiosa. Às vêzes, em meio de uma luta terrível contra o fogo das queimadas imprevistas, larga o machado e cai de joelhos rezando, olhos no céu, como aquêles vandeanos de Hugo, que se ajoelhavam diante de uma cruz, sob o vergasto da metralha. . .

Aos usos da sua ribeira chama "estatutos". Perguntei a um vaqueiro por que todos os sertanejos ao andarem pelos caminhos, fôssem largos ou estreitos, iam um atrás do outro, e jamais havia eu visto dois ou três de frente. Respondeu-me singelamente que aquilo era do "estatuto da ribeira".

Conhecem-se os vaqueiros das ribeiras ou zonas criadoras pelo modo de "quebrar" as abas do chapéu e de pô-lo à cabeça. Diz, por exemplo, um fazendeiro: — "Apareceu-me aqui um vaqueiro de fora, procurando uma vaca. Trazia o chapéu quebrado no estatuto de Caxitoré."

A ignorância do sertanejo é a mais completa possível. Raros sabem ler e dêsses os mais "letrados" ou "sabidos" só têm lido na sua vida umas brochuras e uns livros que se espalharam pelo sertão no tempo colonial e até hoje são lidos e comentados: *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, seguida das *Aventuras de Bernardo del Carpio*, *História da Princesa Magalona*, da *Princesa Teodora*, da *Imperatriz Porcina*, do *Menino da Mata e de seu cão Pilôto*; e, como

manual para se saberem fases da lua, remédios, etc., o *Lunário Perpétuo*.

Não há matuto que não diga histórias de Ferrabrás e Oliveiros, de gigantes e encantamentos, e que não cante:

— "Eram doze cavaleiros
Da donzela Teodora,
Cada cavalo uma sela,
Cada sela uma senhora,
Cada senhora dez dedos,
Cada dedo uma memória. . ."

Fala mal. Pronuncia arrastadamente as palavras, engolindo os *rr* e *ss* e transformando o *l* em *u*, quase cantando, demorando longamente a voz nas sílabas fortes. Mas, de quando em quando, rebrilha no meio das suas frases tôscas uma expressão antiquíssima, espanholada, ou uma palavra clássica, como que perdida na algaravia má à maneira de verde copa de juàzeiro em meio da selva garranchenta e preta: "entonces"; "para tôdas las bandas"; está doente, "acamado"; canta um "Acalanto".

Gosta das onomatopéias: chamam "baco-baco" ao tropel do cavalo; "tin-rin-tin-tin", às fechaduras pêrras. Tem expressões originais e interessantíssimas: "rôsca da venta"; "entrar no bredo" (meter-se no mato); "quebrar as unhas no caminho" (acontecer qualquer coisa); "no brando" (calmamente); "fachiar" (lascar); "temperar a viola"; "gôsto" (gorjeta); "caco" (mente, inteligência); "pisando-se no lombo" (vexado); "chover em geral" (chover no sertão todo).

Fazem lindas expressões para denominar os meses, conforme os seus característicos: "Fins d'água", "Mês da ferra", "Mês da mutuca". Corrompem a maior parte das palavras: "sabença", "pariceiro", "imbilitar" (habi-

litar), "filosustria" (fisionomia). De outras vêzes, não só corrompem a palavra como deturpam o sentido: "afuleimação" (briga, questão); "amerca" (cidade grande); "fonção" (festa, pagodeira).

Os nomes próprios não escapam às corrutelas: "Cularo", "Reimundo", "Bastião", "Maceno" (Damasceno), "Lotero" (Eleutério), "Desidéro". Outros são substituídos por um diminutivo ou uma alcunha especial: "Xixico", "Leleco".

Há objetos que têm uma grande cópia de sinônimos. Chicote, por exemplo: "frança", "bacalhau", "chiquerador", "peia-boi". Cachaça: "brasileira", "mandureba", "sinhaninha", "branca", "jiribita".

O matuto cria palavras, abandona outras, guarda umas tradicionalmente através dos séculos. Ainda hoje chama, como o fazia há dois séculos, Fortaleza — "vila do Forte" ou "Forte", sòmente.

O sertanejo é exagerado ao contar suas façanhas cinegéticas ou de equitação. Muitos são mentirosos. Gostam de contar pêtas e têm uma habilidade imensa para se safar das entaladelas, quando se descobrem as inverdades dos seus relatos. Contam entre o povo uma anedota sôbre êste assunto que pinta exatamente o modo do matuto mentir e se livrar das contradições e dos pontos fracos.

Era no inverno. Os roçados de milho alouravam ao sol. O sertanejo modorrava na tipóia à sombra da alpendrada. O cão dormia junto à porta. A um canto, a mulher trocava bilros na almofada de rendas, em silêncio. E de um gancho, prêsa pela bandoleira, pendia a longa lazarina de caça. Chegou um compadre do matuto, sentou-se num tamborete e começou a conversar. Depois, perguntou se a espingarda alcançava longe, se era de boa pontaria. E o dono da casa, gabando-a, desfiando uma história de caça:

— "Ora, é famosa! Outro dia, lá naquele alto — e indicou um morro pelado distante uns quinhentos metros — andava um veado. Apontei a lazarina velha, dei fogo, o bicho emborcou!"

O outro esgazeou os olhos de espanto e indagou com incredulidade:

— "E onde pegou a bala?"

— "Qual bala, homem de Deus! Foi chumbo. Pegou um carôço junto da orelha, entrando no miôlo, e outro no pé."

— "Que é isso, compadre? Conte a história direito. Você tá mangando com a gente. Como é que pegou só dois caroços de chumbo, um na orelha, outro no pé, numa distância tão grande?"

O mentiroso atrapalhou-se, gaguejou, tossiu... Então, a mulher, levantando-se da almofada e sacudindo calmamente a saia dos fiapos de linha, veio em auxílio do marido:

— "Oh, Manéu, tu não te alembras, homem, que quando tu atirou no bicho êle tava coçando a orelha com o pé! Credo, meu Deus, que homem pru mode se esquecer das cousas que se passou!"

Ao sertanejo pobre abrem-se duas carreiras: ou é vaqueiro de um fazendeiro qualquer ou agregado, isto é, morador nas terras do fazendeiro, trabalhando como jornaleiro seu, podendo ser expulso da noite para o dia. Sendo agregado ou morador arrastará vida miserável, sem casa, sem terra, sem gado, plantando na terra alheia, sempre dependente.

Ao vaqueiro abre-se outra perspectiva. Guardará a fazenda, tirará sortes, poderá fazer um dia sua independência. Além disso, vestirá roupa de couro, correrá

nas vaquejadas fazendo proezas, terá nome como pegador de gado, ou como capador de animais, ou ainda como curador de feridas e bicheiras.

Mas, rico ou pobre, vaqueiro, agregado ou fazendeiro, é um infeliz o sertanejo humilde, sempre jungido à natureza impiedosa e muda, que com uma lágrima de chuva lhe dá abundância e com um constante sorriso azul do céu o mata de fome, de sêde, de miséria!...

A ARTE

I - A FAZENDA (ARQUITETURA) — II - OS FERROS (DESENHOS) — III AS CÔRES — IV - OS DIVERTIMENTOS (MÚSICA E DANÇA) — V - A POESIA

I

Tôdas as casas sertanejas são humildes, quer sejam de palha só ou de palha e taipa como a dos pobres, quer sejam de taipa e telha como a dos abastados. São baixas, rebocadas rudemente, rodeadas de alpendres, paredes caiadas e nuas. Ao lado, arrima-se-lhes o amplo telheiro da casa de farinha, atravancado de aviamentos; rompem mais adiante as cêrcas fortes dos currais.

São sempre edificadas numa elevação de terreno, batidas do vento e do sol, com um amplo e limpo terreiro na frente, atrás um quintalejo cercado, um retalho de terra, onde se erguem canteiros rudes.

A sua construção é segura e forte. Não se usam casas de tijolo, nem se fazem casarões. São de tamanho regular com quatro abas de telhado, portas pesadas de umburana, rijos sabiás madeirando as paredes, unidos por finas ripas de mororó seguras de lios arrochados, e na taipa é o rebôco atirado ali por cima às bofetadas, tôscamente.

As paredes e as forquilhas dos alpendres são cobertas de pregos e de ganchos em que o matuto arma rêdes para dormir e descansar, pendura arreios e todos os apetrechos necessários aos cavalos e ao gado. As portas são cobertas de marcas de gado feitas a fogo e a carvão, umas por cima das outras, afetando a forma complicada de arabescos entrançados. Só se fecham à noite, passam o dia escancaradas; o vento anda pela casa tôda.

O lugar mais importante é a sala ou o copiar. Das paredes pendem objetos de tôda a sorte, cabrestos, peias, chicotes, cordas, arreios, sacos de sementes, chapéus de palha e couro, armas brancas e de fogo, tudo sujo com as dejeções das môscas; pelo meio, no barro socado do chão, erram bancos e mochos de sola cheios de pregos de metal; aos cantos, entre paus, surgem canos de espingardas, cabos de enxadas e de alviões; alinham-se, encostadas às paredes, malas, baús de pregaria e caçambas de carregar queijo, e, num canto, o pote de água eleva-se enganchado numa forquilha de três galhos. À vêzes, no fundo da quadra ergue-se o altar da família. É uma banquinha coberta de velho pano azul todo pingado de cêra, com um oratório de caixilhos envernizados cheio de imagens de santos, rodeado de velhas palmas douradas e castiçais de madeira com velas de carnaúba. Nêle se fazem novenas, rezam-se terços tôdas as noites, e nos anos de abundância, quando é possível ao fazendeiro pagar um padre, celebra-se a missa do Natal. Não há fôrro de espécie alguma, e lá em cima, junto às telhas e às grossas carnaúbas que sustentam a coberta, os morcegos penduram-se aos pares.

Os quartos são nus, sòmente as rêdes pendem flàcidamente dos armadores e os baús perlongam as paredes. Só o do paiol é atupido e cheio. Num cavalete, escancham-se selas e cangalhas; grandes surrões de um couro inteiro de boi, curtido e liso, costurados de modo a manter a forma animal, cheios de farinha, reluzem aos cantos; de cordas esticadas pendem lingüiças e tripas sêcas, e sôbre um alto jirau de sólidas estivas perfilam-se pilhas de grandes rapaduras e de queijos. Há prateleiras com latas de creolina, ganchos de onde caem sacos remendados.

A cozinha acumula as funções de queijaria. Junto às trempes tôscas ou aos grandes fogões de alvenaria, rente às prateleiras pejadas de louça grossa, encostada à parede da tacaniça, a gasta prensa de fazer queijo repousa num aluvião de môscas que a cobrem, sussurrando.

O lume do fogão crepita avermelhado e alegre; pela larga porta aberta, vê-se o mato verdejando ao sol, e o cheiro fresco das veigas entra misturando-se ao cheiro azêdo do queijo imprensado e ao apetitoso das comidas. A caliça das paredes lasca-se enegrecida, suja de fuligem, com pingentes de picumã.

As casas dos pobres, dos miseráveis agregados são de palha de carnaúba, açoitadas do vento, vergastadas da chuva. Mas quer numas, quer noutras, quer nas pobres ou nas ricas, reina o mesmo asseio e a mesma limpeza; o chão é bem varrido, bem espanado, e, fora, o terreiro cheio de seixos branquicentos faísca ao sol, limpo de capins.

Pobres e humildes casas de sertão agreste, de alvos oitões que sorriem ao sol, sois o refúgio hospitaleiro dos viajantes fatigados, e jamais alguém avistou a vossa alva fachada entre o mato denso que duvidasse da hospitalidade e da franqueza! Sois tôscas e humildes como tudo o que produz a sub-raça ignorante e infeliz do Norte; mas guardais na pobreza do vosso aspecto, na singeleza de vossa construção, a fisionomia bem nacional dessa gente simples, em cujas veias não corre sangue estrangeiro e consubstancia o verdadeiro tipo étnico da nacionalidade brasileira! A arquitetura mostra o grau de adiantamento de um povo: sois simples como o povo que vos constrói, acordes com a sua ignorância; francas e hospitaleiras como sua própria alma o é...

II

A primeira manifestação do desenho nos tempos primitivos foi o risco do buril cercando o bocal dos primeiros vasos toscos de argila. Depois, nasceu outro risco paralelo ao primeiro. Ligaram os dois, então, por perpendiculares ou oblíquas equidistantes; era uma necessidade visual da retina, cansada pela monotonia: e daí nasceu a grega. Estava dado o primeiro passo do desenho rudimentar de ornamentação.

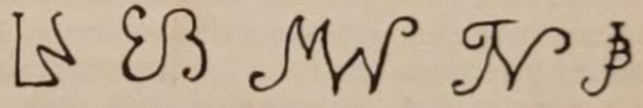
Não falarei das cercaduras e arabescos pintados ou entalhados pelo sertanejo nos seus rudes vasos de barro, porque êsse desenho nada tem de original, limitando-se à cópia de velhos ornamentos da cerâmica indígena e às gregas primitivas e simples, curvas ou retas. Também não descreverei os desenhos dos papelões de rendas, na maioria provindos de velhas rendeiras portuguêsas, mantidos pelo espírito conservador da gente do sertão através dos séculos, tais quais eram na origem, sem a mais leve alteração nas proporções e no risco. E simplesmente me limitarei à descrição do desenho mais original e mais digno de estudo, já pelas suas denominações interessantes, já pela importância que assume na vida dos sertões: é o desenho das marcas de gado, dos ferros, assim chamados porque são impressas no couro do animal com um carimbo de ferro aquecido ao fogo.

O primeiro dono de um animal ferra-o na coxa; os que o vão comprando ou adquirindo de qualquer sorte vão-no ferrando para cima. O último ferro é o que regula. Numa coxa vai o ferro da fazenda; na outra, o da freguesia.

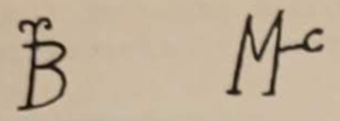
Os matutos têm um conhecimento profundo dessas marcas de gado. São elas o assunto predileto de suas palestras; e, enquanto conversam, desenham-nas no chão com um gravêto ou com a ponta fina da parnaíba afinada. Distinguem-nas ao longe. Jamais se enganam. Conhecem os ferros da ribeira tôda de cor e salteado. E, quando aparece um animal de marca desconhecida, logo a riscam na porta da casa ou nos troncos insulados das várzeas para roteiro aos que procuram gados sumidos de fazendas distantes.

Além do carimbo de ferro batido, com cabo de osso ou de sabugo de milho, há uma espécie de buril — o giz. Com êsse buril, incandescido, os mais hábeis ferradores do sertão desenham na alcatra da rês, embora ela se mova ou escoucinhe, sem um êrro, a marca da fazenda. É difícil; mas há sertanejo que alardeia só marcar com o giz, que é, no entanto, mais próprio para consertar os ferros que falharam, queimando sòmente aqui e ali. E por mais velho que seja o boi, o olhar experiente do sertanejo conhece se foi ferrado com a marca, se com o giz.

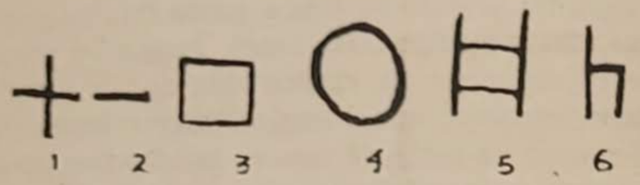
As marcas constam quase sempre de letras apostas ou combinadas; raramente empregam um desenho qualquer, mas cada enfeitezinho e cada traço particular tem um nome especial e interessante.



Uma espécie de *r* minúsculo de imprensa é uma fulô (flor). Um *B* com uma fulô em riba. Um traço que liga dois desenhos chama-se um puchete. Um *M* e um puchete com um *c* na ponta.



Há cruz (1), martelo (2), quadro (3), roda (4), escada (5) e enxada (6).



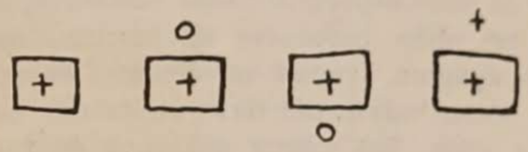
O Y chama-se *i* e o losango "*i* fechado". As freguesias geralmente se distinguem por letras; raras têm um sinal ou uma letra desusada, como Quixadá, cuja marca é um *Q* antigo, manuscrito, que a ignorância sertaneja chama *2*.

Um fazendeiro, tendo muitos filhos, vai presenteando cada um com cabeças de gado nos anos de bom inverno e marca cada rês com o seu ferro, pondo uma pequena diferença para cada filho; outros põem um algarismo. Crescidos, os filhos mantêm o ferro paterno com aquela diferença — um martelo, uma fulô etc. Às vêzes, a diferença é diminuta e os vaqueiros custam a deslindar qual o gado de fulano e qual o de sicrano.

Quando uma marca é muito grande, queimando muito a coxa do animal, diz o sertanejo que é "ferro de muito fogo". Se um ferro é exótico, esquisito e desconhecido dos vaqueiros, êles não se conformam. Falam, rosnam, reclamam eternamente; acham-no feio, desajeitado, defeituoso. Um fazendeiro cearense, tendo viajado muito quando moço e adquirido uma certa instrução, escolheu como ferro de sua fazenda um escudo com uma banda transversal. Os vaqueiros da redondeza não sabem da origem e da significação do emblema; por isso detestam-no. Falando dêle, franzem o

beiço com desdém: — "Não sei aonde aquêle homem foi inventar aquilo!"

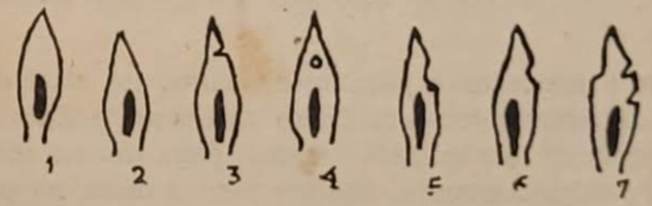
Possuindo um criador diversas fazendas, para cada uma, do mesmo modo que faz para os filhos, põe uma diferença na marca primitiva.



Além das marcas a fogo, dos ferros, existem os sinais cortados à faca na orelha dos bovinos, das miunças e dos jumentos, para maior segurança.

Os cavalos são isentos dêsse afeamento. A combinação de uns poucos dêsses sinais chama-se o "sinal da fazenda" (7) e o ato de fazê-los, bàrbaramente, à faca, "assinalar". Marcar a fogo é "ferrar"; e a "ferra" é sempre em junho — fins d'água.

Se a orelha é espontada, denomina-se ponta de lança (1); se truncada, troncha ou ponta troncha (2). Uma entalhadura em ângulo agudo é o canzil (3); em ângulo reto, o canto de porta (5); redonda, no centro da orelha, o buraco de bala (4), e leve, em semicírculo, no bordo, mossa (6).



Com êsses sinais fazem milhares de combinações (7); raramente se encontra uma repetida.

A tarefa de escolher um ferro ou um sinal é difícil. Reunem-se os mais experimentados vaqueiros, discutem, desenham no chão propostas de marcas, comparam com outras, apagam, traçam novamente. Passam horas a fio nisso, até acharem um ferro ainda não usado, um sinal nunca visto. Tal marca parece a de fulano, tal de sicrano; uma tem muito fogo, queima muito, outra é feia, "sem graça". Chocam-se opiniões, acaloram-se teimas. E por fim berram em côro:

— "Essa sim! Essa tá boa! Não tem tacha!"

O ferro é de grande utilidade para se saberem notícias dos animais tresmalhados; e o primeiro trabalho de um vaqueiro ao "pedir um campo" em fazenda estranha, isto é, pedir auxílio ou licença para procurar a rês sumida, é apear-se e riscar no chão o respectivo ferro, dizendo a letra da freguesia e o sinal da fazenda. Logo os da casa se acocoram em tôrno do tôsco desenho, dão-lhe as indicações que podem. Além disso, todo o vaqueiro, ao encontrar-se com um companheiro, diz-lhe do que sabe sôbre o gado da ribeira, religiosamente, contando-lhe dos animais doentes, das reses amocambadas e dos bichos de fora que porventura andem no pasto.

Se o encontro é por noite escura, na impossibilidade de riscar o ferro no barro da vereda e de o dizer por ser difícil a explicação verbal, pega um na mão do outro e vagarosamente desenha com o dedo, na palma calosa, o ferro da rês. Quase nunca repete o inteligente estratagema. A marca da freguesia e o sinal da fazenda diz em voz alta:

— "O *T* da Telha. Três mossas na orelha esquerda; ponta de lança na outra."

Ou então:

— "O *A* do Quixeramobim; não vi o sinal."

Despedem-se e trotam estrada em fora a cantarolar no silêncio da noite quadras alegres do sertão:

"De Salomão a ciência
Eu trago tôda de cor:
Pai e mãe é muito bom,
Barriga cheia é melhor!"

"O ôvo tem duas gemas,
Uma branca, outra amarela:
A pinta que o galo tem
O pinto nasce com ela!"

O aracati sussurra nos carnaubais das várzeas. Sôbre os brejos onde coaxam os sapos, brilham, pestanejando, os pirilampos. No arqueado negro do céu, bocejam as estrêlas. Tinem, distantes, chocalhos de animais pastando nas capoeiras. E na noite doce e macia, perde-se saudosamente o cantarolar indolente do vaqueiro...

III

O sertanejo, como todo o povo inculto, não tem um perfeito conhecimento das côres. O meio em que vive dá-lhe um quase daltonismo. Empìricamente, distingue o verde, que quase sempre confunde com o azul; o amarelo, que é para êle a côr amarela encardida peculiar ao gado bovino do Norte, na sua generalidade; o branco, que, geralmente, chama alvo; o vermelho, que tanto é a chita encarnada berrante como a côr do barro, da onça suçuarana, da rapôsa e do cão, enfim tanto o vermelho pròpriamente dito como muitas tonalidades do amarelo; e o azul que é anàlogamente ao glauco dos povos antigos uma meia tinta indecisa, um cinzento triste, sujo, côr de chão e a côr de poeira. As vacas no Norte têm muitas vêzes o pêlo dessa côr. O sertanejo denomina-as "azulonas". Assim, quem pouco conhecer os usos do sertão ficará espantado ao ouvir um vaqueiro dizer da alpendrada da fazenda que pelo terreiro vai passando uma vaca azul. Logo correrá a espiar curioso o fenômeno; e dará com os olhos numa rês acinzentada que retouça as gramíneas tenras à sombra densa de uma grande árvore, de quando em quando erguendo a cabeça, mugindo com saudades do bezerrinho distante.

Às vêzes, a côr sertaneja é estritamente local. Tem uma certa denominação num certo objeto. Mudou de lugar, muda de nome: o boi é amarelo, mas o cachorro da mesma côr é vermelho.

Tôdas as gradações e combinações de côres escapam por completo ao matuto. Alguns, mais cultos ou mais atilados, fazem exceção à regra geral.

O sertanejo conhece o prêto, mas emprega também essa denominação para exprimir ausência de verdura e de alegria. O solo do sertão despido de folhiços e relva ao tempo da sêca está "prêto". Prêto é o arvoredo desnudo, a serrota escalvada e nua. Prêto também é aglomeração: "prêto de môscas, prêto de gente".

Para melhor mostrar o imperfeito conhecimento das côres pelo matuto, narrarei um fato interessante:

No paiol de uma fazenda onde estive algum tempo, havia uma porção de mantas de variegadas côres. Um dia, mandando o cargueiro, um meninote, selar-me o cavalo, disse-lhe que pusesse uma manta azul de bordos brancos, a mais bonita que havia no paiol. Êle pôs uma acinzentada e, quando reclamei, assegurou-me com as maiores juras que aquela é que era a azul e que eu é que não conhecia as côres...

O sertanejo absolutamente não tem o sentimento da perspectiva. Para êle, tôdas as figuras de um quadro estão no mesmo plano. E, às vêzes pergunta admirado, ao olhar dois vultos em planos diferentes, por que "aquêle homem é maior que aquêle outro?" Não sabe compreender uma gravura; gosta muito, mas não a entende por mais que procure. Um braço estendido, passando

por diante de um vulto de plano mais afastado, fá-lo atrapalhar-se e indagar se o braço é da figura próxima, se da mais distante.

Uma vez, mostrando um jornal caricato a uns vaqueiros, êles entreolharam, e, apontando-me uma bojuda figura de John Bull com o colête laivado pelas listas da bandeira, perguntaram-me "se o barrigudo estava com as tripas de fora". Vendo no mesmo jornal uma moça debruçada à janela, lastimaram terem-na cortado pelo meio!

Se uma figura só apresenta uma perna ou um braço, logo inquirem ansiosamente pelo resto e encostam tanto o rosto ao papel que o maculam com o bafo...

Um rico fazendeiro do alto sertão mandou pintar as salas da casa onde morava — luxo nunca visto por aquelas paragens. Quando os pintores trabalhavam, os vaqueiros entravam na sala, olhavam pasmados, num retraimento, as flôres e os ornatos, mascavam uma fêlpa de tabaco ou enrolavam um cigarro grosseiro e rosnavam que "estava ficando bonita, tôda subdorada". "Subdorada" era o adjetivo que exprimia sua grande admiração. Não sei onde o foram encontrar. No sertão há dessas expressões; nascem ninguém sabe como; vivem eternamente ou desaparecem um dia sem também se saber como.

Muitas vêzes, voltavam com outros, em bando. Trocavam impressões com os olhos espantados e por vêzes murmuravam:

— "Êsses moços têm artes! Só mação! São levados do capêta! É vê uma igreja!"

Para êles o maçom ajudado pelo capêta é capaz de tudo, e o que conhecem de mais belo e luxuoso é a

igreja. Nunca viram cousa melhor na grande pobreza do sertão.

Quando se lhes dá uma figura qualquer, pregam-na amorosamente à porta do copiar ou na tampa do baú; mas, como não a compreendem, pregam-na quase sempre de lado ou de cabeça para baixo. Arranjam pelas lojas dos povoados figuras de tôda a sorte, rótulos policrômicos de peças de fazenda com dísticos em inglês e o número das jardas em tipo miúdo, velhos bilhetes de loteria, gravuras de antigas revistas. Pregam tudo isso em desordem, atabalhoadamente, por paredes e portas.

Para mostrar quanto é rudimentar o seu sentimento de arte e grande a sua ignorância, basta o seguinte fato:

O dono de uma fazenda era monarquista ferrenho e pendurara um retrato de D. Pedro II, com a longa barba patriarcal alvejando num caixilho de cedro envernizado, na sala da casa, junto ao oratório pobre, terminando uma longa fila de litografias de santos. Na casa, era de uso antigo fazerem trezenas e novenas. Terminadas elas, os matutos osculavam o pano franjado do oratório, as litografias ilustres dos santos e o retrato do velho imperador. Sabiam lá quem era! Tinha a cara barbada, era santo. Beijavam-no... Aliás, muitos, embora o soubessem, beijá-lo-iam, porque ainda nos sertões adustos o habitante num gesto de secular respeito servil de camponês ao falar-lhe no nome ergue da cabeça o chapéu de couro — como o faziam os mujiques da Moscóvia, ouvindo o nome santo de Alexandre I.

IV

Os divertimentos do sertão, excetuando-se os sambas, festas de aniversários e casamentos, têm sempre um pretexto religioso. As suas mais concorridas festas realizam-se nas grandes datas da Igreja. Mas, quer numas ou noutras, é nelas que o matuto manifesta os seus sentimentos musicais e coreográficos.

A música do sertão é lânguida e dolente, quase sem variações, tendo a tristeza das melopéias africanas e a rusticidade dos instrumentos indígenas. Nos sambas, tocam-se quadrilhas, valsas, polcas e chotes, mas o gemer triste das violas e o arfar fanhoso dos acordeões dão-lhes um som arrastado e nostálgico de batuque negro. Algumas danças européias, deturpadas, corrompidas, tornam-se irreconhecíveis sob a grossa capa de bárbaras modificações.

A música e a dança revestem-se do mesmo característico que tôda e qualquer manifestação artística — a mistura das inclinações e das heranças de três raças.

O sertanejo herdou o batuque das senzalas, importou o baiano ou baião, o côco e o bagaço das províncias limítrofes, dança o xerém e sapateia no miudinho. As danças são tôdas selvagens e rudes, sapateadas e embigadas, passos curtos, saltitantes, acompanhando o ritmo indolente da música, às vêzes com contorções sensuais, mas sempre com um tom hierático e quase lúgubre de todo o povo que acumula grande herança fetichista.

Outrora, o único instrumento musical usado no sertão era a viola de seis cordas metálicas; hoje, o acordeão quase que a fêz desaparecer. Alguns sertanejos tocam violão; outros, rústicas flautas de taboca; porém os únicos instrumentos comuns, populares, são aquêles.

Quase todos os divertimentos do povo sertanejo se realizam nas festas de Natal, nos dias que decorrem de 24 de dezembro a 6 de janeiro. O mais tradicional de todos e o mais compatível com a índole da população e com a feição do meio é o "Boi", o "Boi Surubi".

É uma farsa, em que se apresentam muitos personagens, que cantam, acompanhados de um côro e de uma orquestra composta de uma viola, de um acordeão, de um tambor e de um pandeiro.

Aparecem dois trabalhadores de fazenda, Mateus e Gregório, vestidos de algodão grosso, chapéus de couro, armados com varas de ferrão e bexigas de boi cheias de vento, para poderem dar pancadas inofensivas. Canta o côro, rompem os instrumentos num baião repinicado e êles dois dançam, aboiando alto como quem tange boiadas: "Ei-lá! Ei-lá! Ei-lá!-lá-lá-lá!" Depois, vem o Capitão montado numa burrinha de pau com uma boneca de pano — a Zabelinha, na garupa, ladeado de dois molecotes enfronhados em blusas vermelhas e azuis — *Arrequinho* (32) e Galante, seguido de uma menina, de chapéu e cajado — a Pastorinha. E os personagens vão aparecendo aos poucos: Mané-Gostoso, um sujeito imundo, meio feiticeiro, com um grande uru cheio de ervas; o Valentão, de bacamarte e terçado; o Vaqueiro, encourado, num cavalo de pau; depois, um grande boi

(32) — Corrutela de Arlequim.

feito de uma canastra de cipós coberto de pano pintalgado, que um indivíduo acurvado para o chão traz às costas, piruetando, dançando e marrando a torto e a direito, neste ou naquele indivíduo, ao mando do Vaqueiro.

— "Meu boi laranjo! Meu boi bonito! grita êle. Dá-lhe de ponta! Dá no Mateus!" E o côro lùgubremente responde: "Ê! bumba! Ê! bumba!"

Cada personagem que surge dança em frente ao côro, que canta versos adequados a êle:

— "Mané-Gostoso,
Perna de pau
Êle dança, êle toca
No seu berimbau!"

— "Vaqueiro, chapéu de couro,
Barbicacho de cordão,
Quantas carreiras deu hoje,
Quantos bois deitou no chão?"

E de quando a quando demora no ar um estribilho saudoso:

— "Ai! ai! meus canários verdes,
Ai! ai! meus curiós,
Ai! ai! quem de mim tem pena,
Ai! ai! quem de mim tem dó... ó... ó...
Ai! da rolinha, coitadinha,
Na mata cantando só!..."

Ou então:

— "Todo o rio caudaloso
Vai fazer barra no mar
Ai! ai! ai! meu coração
Para que me vem falar!

Ai! ai! ai! Sinhàzinha,
Sapato de vidro
Quem dança a mazurca
Diverte comigo!"

Todos os personagens ao surgirem e ao desaparecerem são surrados pelos dois acostados do Capitão, com as grandes bexigas cheias de vento, ao som de uma cantilena sinistra que termina assim:

— "Bate negro,
Ai! que gôsto!
Na cacunda
Do camelo!"

Uma negra encapetada e valente, a Catita, derruba às pauladas o boi, no meio do terreiro. Então se manifesta a verve sarcástica do nortista. O boi está doente; vão chamar um padre para confessá-lo. Vem um reverendo alegre, de batina preta, seguido de um magro sacristão, cantando aos saltos e guinadas:

— "Ramaiête de fulô
Isto é lá pra o sacristão.
Quem tiver moça bonita
É pra o padre capelão..."

Depois vem um médico supinamente ridículo, que receita uma "ajuda" para o boi. Os dois acostados correm por entre os assistentes à cata dos meninos que, logo que o boi cai, saem às carreiras, sabendo que serão pegados "para servirem de ajuda".

O menino pegado é metido dentro da canastra pela traseira. O homem que está lá debaixo puxa-lhe as orelhas e dá-lhe umas palmadas. Além disso, os outros vaiam-no por ter servido de cLister ao boi. Daí o terror dos meninos...

Mas, logo que o boi, curado e são, começa a dançar, novamente a Catita volta, e mata-o desta vez com furibundas cacetadas. Desce a tristeza à face de todos; e a Pastorinha lamuria roufenhos e esganiçados queixumes, que o Capitão responde:

— "O meu boi morreu,
Que será de mim?"

— "Manda buscar outro, ó maninha!
Lá no Piauí!"

O Mateus e o Gregório pegam um fazendeiro da vizinhança e, enquanto o Capitão chora o seu boi, metem-lhe bordoadas, obrigam-no a pagar a rês morta na extrema da sua terra, cantando alto, com uma voz forte que domina o barulho das pancadas:

— "Você paga ou não paga?"
— "Não já disse que pago!?
Pago o boi, pago o Vaqueiro
Pago ao Mateus
E ao seu companheiro!"

De repente invadem o terreiro três ou quatro soldados e um fiscal de boné agaloado, todos de mangas arregaçadas, cacêtes em punho, prendem os acostados, açoitam o Capitão, espantam um molecote fantasiado de urubu que já se achegava ao boi, retiram a *carniça* e obrigam todos a varrer aquêle lugar. Fingindo espanar o chão, cantam êles:

— "Seu fiscal não me prenda que eu barro!"

E o fiscal, dando pancadas a torto e a direito, berra:

— "Quem manda sou eu!
Barre a rua, negro, barre a rua!"

Ainda aparecem, depois, tecedeiras da Bahia, cantando em tôrno ao tear:

— "Da Bahia me mandaram,
Oh, tear de aroeira!
Olha a negra Catarina
No voltar da lançadeira!"

Índios emplumados, brandindo longos arcos, seguidos de caiporas que assobiam, cantarolam soturnamente:

— "Xê, xê, xê jirimanha!
Somos caboclos
Da ilha Romanha."

Andam emas artificiais, grandes paneiros com um fino pescoço de pau, nas costas de meninos, beliscando aqui e ali, saudadas pelo côro:

— "Olha o passo da ema,
    Peneiro ê!
Lá do meu sertão,
    Peneiro ê!
Todo o pássaro avoa
    Peneiro ê!
Só a ema não!
    Peneiro ê!"

Passeia a sua alta figura branca uma espécie de espantalho de dois metros de altura, o Zé do Abismo, Privilégio ou Caga-pra-ti, dando saltinhos horrendos, procurando pegar com os longos braços o rosto das moças e dos meninos.

Por fim reunem-se todos os figurantes, fazem uma grande roda e o côro vai chamando cada um de per si:

— "Bravos da Burrinha,
Oh, Loló!
Bravos do passo dela,
Iscarió!"

E todos respondem alto:

— "Bravos de quem dançou,
Oh, Loló!
Bravos da Roda-Grande,
Iscarió!"

O boi é o divertimento mais tradicional e mais antigo do sertão. Sofre modificações, às vêzes bem profundas, de localidade para localidade. Mas no fundo é sempre o mesmo divertimento sertanejo, ridicularizando certos tipos e costumes, enfeixando reminiscências dos velhos cultos dos animais, dos dialetos africanos, das crenças católicas no boi e no burrinho que S. José trazia, quando no estábulo humilde da estrada de Belém Cristo nasceu.

Outrora, o sertão tinha pelo Natal uma dança completamente indígena que já desapareceu — a dança dos Pajés, cuja última representação com suas cenas de combate e caças se realizou no Icó, mais ou menos em 1837 (33).

No Natal, há também as Pastorinhas, a Dança de S. Gonçalo, divertimentos de fastidiosa música e toscos

(33) — J. Brigido — O Ceará.

versos à semelhança do "Boi", menos interessantes, porém, legados pelo colono, quase sem modificações do contato das outras duas raças.

Em todos êsses divertimentos, em tôdas as danças, nas coplas que as acompanham e na sua música, há uma morbidez, um vagar, uma nostalgia, uma repetição constante de movimentos e sons, que bem pintam a funda tristeza da alma rude da gente do Norte, gente que parece ter infiltrado no seu imo tôda a grande desolação das sêcas, das planuras crestadas que o vento varre, escarnando; gente que parece retratar na alma a feição mórbida, uniforme e doentia do meio físico que a cerca, que a molda e esculpe assim tão triste, tão doce, tão humilde e tão heróica!...

Santo Antônio, S. João e S. Pedro são outros tantos pretextos de festas. Nessas noites, as fogueiras clareiam o sertão. Fagulham nos pátios das fazendas, crepitam no terreiro das choças, avermelham as ruas dos povoados, clareiam as várzeas desertas, tremem ao longe nas faldas das serras.

O céu negro arqueia-se todo estrelado; a terra escura estende-se pontilhada de fogueiras, que vão diminuindo para o horizonte e já muito distantes brilham fracamente, mortiças como lâmpadas remotas. "É a festa das superstições... O milho verde, assado nas fogueiras, a cantiga, as adivinhações pressagiosas do futuro... eis tudo. Na encruzilhada, ao dar meia-noite, o diabo aparecerá precedido de ventanias e pavores; feliz de quem lhe apertar a mão, estabelecendo um pacto para ser venturoso na conquista de mulheres, cantador, tocador de viola, jogador... A arruda florescerá naquela noite de agouros: estendei um pano bem alvejante debaixo dela,

que o Anjo das Trevas não tardará em vir colhêr as sementes; se conseguirdes segurar a mão cabeluda de Satã, a fortuna vos sorrirá. O alho plantado naquela noite medra, enraíza horas depois. A clara de ôvo derramada dentro de um copo de água revelará se tereis de viajar por longes terras." (34)

É a noite em que se põem moedas de cobre — dez réis — dentro do borralho da fogueira, para dá-los aos pobres ao outro dia; o nome do pobre a quem se der a esmola será o do noivo da pessoa que fêz a adivinhação; dos "batizados de tição", de passar descalço nas brasas, dos compadres de fogueira, ou de S. João; de tôdas as crendices fetichistas que o tempo, o índio e o africano misturaram à religião católica; das danças vindas de Portugal, bailados ingênuos e infantis — a Ciranda-Cirandinha, Senhora D. Clara, acompanhadas de cantos, mais genuìnamente nacionais, respirando o perfume das selvas, traduzindo as cousas do sertão, como a Rolinha:

— "A rolinha, doce, doce,
Caiu no laço, embaraçou-se..."

Os caboclos dançam nos sambas, sapateando, o xerém, uma espécie de chotische, cantando ao baterem com os pés no chão:

— "Arrepiada, deixa-te disso,
Peguei na mão, peguei no pé,
Tirei-te um bicho!"

— "Sou periquito, sou jandaia,
Maracanã na beira da praia!"

---

(34) — Rodrigues de Carvalho — **Cancioneiro do Norte.**

Nessas noites, a fisionomia do sertanejo se expande em descuidosa alegria, andam o mocororó, o vinho, a cachaça entusiasmando-o, o aluá enche os grandes potes de barro, as danças prolongam-se até de manhã; mas depois, no decorrer de todo o ano, entre S. João e Natal, só os sambas de onde em onde alegram uma casa, as novenas, em que se cantam tôscas quadras religiosas e deturpadas ladainhas, reunem um certo número de pessoas; no mais reina a tristeza, os olhos perscrutam o céu na doce esperança da chuva benéfica ou se abaixam desalentados, enquanto que nas almas anda já se delineando o desejo imenso de emigrar, de fugir.

V

A poesia é a mais completa manifestação artística do sertão; aparece sob dois aspectos: o repentista e o tradicional. O repentista consta de desafios, das "louvações", das glosas e das quadras sôltas, líricas, elegíacas e amorosas, improvisadas pelos cantadores ao som das violas, no terreiro das casas, por noites de folgares e sambas. O tradicional enfeixa tôdas as lendas e histórias em verso que narram casos notáveis acontecidos na ribeira, perpetuam a fama de um criminoso célebre, ou satirizam um indivíduo qualquer.

O desafio entre dois cantadores é a mais interessante manifestação da poesia repentista; pode ser cantado em duas toadas: a natural com qualquer rima e qualquer número de versos, num acompanhamento pausado e tristonho; a ligeira rimando sempre em *á* (á ou *ar* que têm a mesma prosódia no sertão), às vêzes obrigatória a um só verso, acompanhada em ritmo apressado e alegre.

Um cantador desafia outro, senta-se a um banco e dedilha a viola. O outro acosta-se. Param as danças. Todos prestam atenção. Êles escolhem a toada, traçam a perna, lançam fora o cigarro. Gemem os instrumentos num repinicado festivo e um atira para o ar a voz máscula na toada da ligeira:

— "Eu, Mané do Ôio d'Água
Cantadô do Ceará,
Nesta ribeira afamado
Do Salitre ao Camará,
Com seu Chico da Pamonha
Na ligeira vou cantá!"

O *á* final demora, vibrando longamente no ar. Responde o companheiro:

— "Ei! d-a dá,
Quanto mais você se avexa
Mais descanso ocê me dá:
Sou milho de tamboeira
Sou duro de debulhá!"

E começam a bravatear no mesmo tom até que um ceda terreno e se declare vencido:

— "Sou estrepe de jurema,
Sou espinho de juá;
Sou rabo de tejuaçu,
Língua de tamanduá!"

— "Dou um grito na subida,
Dou outro no descambá:
Sou onça suçuarana,
Sou gato maracajá!"

A outra toada é mais usual e tem melhores versos. Nas estrofes, rimam sempre alternadamente os versos ímpares; os pares não rimam. Quando os cantadores são hábeis, respondem quase sempre começando com o último verso — a deixa do companheiro. Isto, aliás, é muito antigo na poesia portuguêsa e os antigos chamavam leixa-pren, deixa e pega. A marcha de um desafio bem feito é a seguinte: começa o cantador a dizer de onde veio, para onde vai, qual sua história, o que veio fazer:

— "Eu tava em campina rasa
Me chegou um portadô,
Um filho dum coronéu.
Era êsse moço inspetô.
— Bem-te-vi, vim-te chamá;
O meu pai foi quem mandou.

— Moço, tou às suas ordes!
Seguimo logo caminho.
Eu comigo ia pensando:
Que será do passarinho?
Fumo chegando na casa;
Ouvi palavras e vozes:
Era um prêto moreno
Dando lapadas ferozes.
Aqui eu fui apeando.
Botaram a ceia: ceei.
Me deram uma viola;
Fui aos bordões afinei.
Ao cabo de tudo isso
Meti os dedos, toquei!"

— "Eu fui a uma novena
Lá na fazenda Floresta;
O major Antônio Lucas
Convidou-me para a festa.
Eu fui e lhe arrespondi
Que lá não podia ir,
Que andava na terra alheia
E não tinha o que vestir.
Mandou-me maca de roupa,
Cavalo para eu ir,
Dinheiro para a viagem
E negro pra me servir."

Às vêzes começam sòmente declarando o nome, os apelidos de guerra, alardeando façanhas de que são capazes:

— "Poeta dez vêzes mil,
Uma vez um tão-sòmente,
Duas vêzes dois me dissera,
Três vêzes três quem tu era,
Quatro vêzes quatro ciente,
Cinco vêzes cinco liquente,
Seis vêzes seis do Brasil,
Sete vêzes sete sutil,
Oito vêzes oito na fama,
Nove vêzes nove me chama
Poeta dez vêzes mil!"

— "Com respeito a cantoria
Mané Joaquim do Muquém
Faz galinha pisar milho
E pinto cessar xerém,
Mas nas unhas cá do Néco
Nunca se arrumou bem..."

— "Sou Romano da Mãe d'Água
Mato com porva soturna;
Para vencer inleição
Não meto chapa na urna:
Salto da ponta da pedra
E tomo a bôca da furna!"

— "Sou Jerome do Junqueiro,
Da fala branda e macia
Piso no chão devagar
Que a fôlha sêca não chia."

— "Sou Inácio da Catingueira,
Aparador de catombos;
Dou três tapas, são três quedas,
Dou três tiros, são três rombos.
Negro velho cachaceiro,
Bebo, mas não dou um tombo!"

As bravatas assumem proporções fantásticas que descambam para o ridículo, e êles cantam-nas imperturbàvelmente, cheios de orgulho, arrotando uma grande impáfia, enquanto em tôrno a assistência boquiaberta freme de entusiasmo e aplaude os versos mais fortes:

— "Eu entrei de mar adentro,
Fui brigar com os inguilês:
Bebi chumbo derretido,
Lancei bala sete mês!"

— "Ave Maria! meu Deus!
Quando eu me arreliá,
Faço aleijado correr,
Quem não tem ôlho enxergá!"

— "No alicerce tem pedra,
Na parede tem tijolo.
Se eu mando a mão, vejo a queda;
Se mando o pé, vejo o rôlo.
Na ponta da língua trago
Noventa mil desafôro!"

— "Sou pió que o tigre macho:
Quando urro em riba da serra,
Estremece o lajeiro embaixo,
Caçadô que anda caçando
Fica tonto e perde o facho!"

— "Se tu bulires comigo,
Boliste com uma piranha:
Fecho o dente no cangote
Abro fistra nas entranhas!"

— "No lugar aonde eu canto
Todos tiram o chapéu:
Cada repente que eu tiro
Corre uma estrêla no céu!"

— "Quando eu estou no meu destino,
Sou cabra de gênio cru:
Engulo brasa de fogo,
Faço vez de cururu!"

— "O cabra que pega comigo
É porque não considera:
Deixo êle pedindo esmola
Em petição de miséra,
Que onde eu lhe pôr a mão
Nunca mais êle encabela:
Dá-lhe o môfo, dá-lhe o rengo,
Dá-lhe o mal e dá-lhe o péla!"

Das basófias passam a desafios simples e, num crescendo terrível, aos maiores desaforos, derreando o corpo, a voz forte vibrando no ar com estridor. Às vêzes, desculpam-se do acaloramento mesmo em verso; mas outras se atracam, jogam pauladas ou arrancam das bainhas as facas de ponta, num ímpeto indomável de raiva incontida, chispando fogo os dilatados olhos laivados de sangue:

— "Você diz que sabe muito,
Borboleta sabe mais:
Vira de pernas pro ar
Cousa que você não faz."

— "Quem quiser cantar comigo
Sente na ponta do banco,
Que eu conheço gado brabo
De noite, só pelo arranco!"

— "Quando eu saí de casa,
O meu pai me encomendou
Que, se achasse um cabra bom,
Batesse-lhe os corredô.
Como êle me pediu
Sem isso eu lá não vou."

— "Quando eu saí de casa,
Minha mãe me encomendou:
Meu filho, você não apanhe,
Que seu pai nunca apanhou."

— "Eu não canto desafio,
Nem que me paguem a vintém,
Que eu não quero andar pegado
Na abertura de ninguém!"

— "Eu não canto desafio
Nem que me paguem a tostão
Por causa de desafio
Botei dois cabras no chão!"

— "Em riba daquela serra
Tem um sino sem badalo
E uma arrôba de capim
Pr'ocê comê, seu cavalo!"

— "Em riba daquela serra
Tem um sino ferrugento:
Se eu hei de comê capim,
Coma você que é jumento!"

— "Eu não vou na sua casa
Pra você não ir na minha:
Tens a bôca muito grande,
Acabas minha farinha!"

— "Eu já fui na sua casa
E bem sei onde ela é,
A fartura que eu vi lá
Foi pulga e bicho de pé!"

— "Cantadô como você
Eu queria apanhá muito,
Pra mandá pro cemitério
Pra fazê quarto aos defunto,
Pra mandá para o inferno,
Pra o cão fazê adjunto!"

— "Cantadô como você
Eu queria apanhá mais
Pra mandá para o inferno
De mimo pra Satanás,
Que você junto com êle
Quero vê o que é que faz!"

— "Cantadô como você,
Assim cheio dêsse luxo,
Eu ponho o pé na barriga
E arranco o pirão do bucho!"

— "Em riba daquela serra
Tem um pé de papaconha:
Tire uma fôlha, esfregue o rosto,
Descarado, sem vergonha!"

— "Quando eu vim da minha terra
Que passei no Quixelô,
Tirei um par de alpragatas
Do couro do teu avô,
Inda sobrou um reinho,
Fiz um bom chiqueradô
Para açoitar tua mãe
No caminho do bebedô.
Era um chicote tão bom
Que nem o fogo queimou..."

— "Quando eu vim da minha terra
Que passei na bananeira,
Vi tua mãe com um chocalho,
Coberta de varejeira.
Sacudi-lhe a sela em cima.
Oh! que bêsta corredeira!"

Se os dois adversários são de raças diferentes — um negro e um caboclo, etc. — em tôrno dessa diferença giram as quadras satíricas. Cada um exalta a sua raça e deprime a do rival:

— "Xique-xique é pau de espinho
Umburana é pau de abeia:
Gravata de boi é canga,
Paletó de negro é pêia!"

— "Pra fumar fumo da terra
Pra mascar só mapinguim
Mais vale um negro que é bom
Do que dez brancos ruins."

— "O negro não vai ao céu,
Nem que seja rezadô:
O negro catinga muito
Persegue Nosso Senhô."

— "Tenho visto muito negro
No altar, dizendo missa,
E caboclo ao mais que chega
É a oficial de justiça..."

A parte mais interessante dos desafios é a das perguntas enigmáticas para vencer o adversário, algumas de uma perfeição admirável e de uma grande beleza poética, com magníficas respostas ao pé da letra:

— "O sinhô é tão sabido
Me destrinche esta conta:
Vinte e cinco guardanapos
Dois vinténs em cada ponta."

— "Amigo, destrincharei
Como bem me parecer:
Doze patacas e meia
Quatro mil réis vem a ser."

— "O que é que os olhos vê
Que as mãos não podem pegá?
De-pressinha me responda,
Ligeiro, sem imaginá."

— "Você, Maria Tebana,
Com isso não me embaraça:
Pois é o sol e é a lua,
Estrêla, fogo e fumaça."

— "Sinhô Mané Riachão,
Torno outra vez preguntá:
Quatrocentos bois correndo,
Quantos rastos deixará?
Tire a conta, dê-me a prova,
Depressa, para somá."

— "Bebendo numa bebida,
Comendo tudo num pasto,
Dormindo numa malhada,
São mil e seiscentos rasto.
Some a conta, tire a prova,
Que dêste ponto não fasto."

— "Vou-lhe fazê uma pergunta
Pra você me respondê:
Vinte e cinco pares de gatos
Quantas unhas podem tê?"

— "Entrei num raio de sol,
Saí num raio da lua:
Vinte e cinco pares de gatos
Tem com certeza mil unha."

— "É verdade, Bem-te-vi,
Que teu cantá tem talento,
Mas é se tu me disser
O que se criou com o vento."

— "Foi um bicho muito feio
Tem um grande rabaião,
Serra do rabo à cabeça,
Se chama camaleão,
Mora no ôco dos pau,
Toma fresco no sertão."

— "Meu velho, você responda
Uma pergunta tão bêsta:
Quem tem as mãos na barriga
E o fato tem na cabeça?"

— "Êsse bicho mora n'água
Bem em cima do torrão,
Engancha-se na tarrafa,
Dá um grande trabaião,
Tem esporão na cabeça
E se chama camarão."

— "Meu velho Madapolão
Inda te vou perguntá:
O que é que há no mundo
Que anda em terra e no má,
Tudo come e nada bebe,
Tem mêdo de se afogá?"

Não respondendo o adversário, Bem-te-vi terminou lindamente o desafio:

— "É um bicho muito quente
Que Deus no mundo deixou,
Tudo come e nada bebe,
Caiu n'água se apagou..."

Não há mais bela definição de fogo: "Tudo come e nada bebe, caiu n'água se apagou." É o mais lindo final de desafio que conheço; e o desafio completo do cantador Bem-te-vi com o Madapolão o mais perfeito espécime que guarda a memória do povo.

Muitas vêzes, o cantador não pode responder à pergunta do adversário. Então ilude-a hàbilmente:

— "Vou-lhe fazer uma pergunta,
Seu cabeça de urupema:
Quero que você me diga
Quantos ovos põe a ema."

— "Quantos ovos põe a ema?
A ema nunca põe só:
Põe a mãe e põe a filha,
Põe a neta e põe a avó."

— "Cantadô que tá cantando
Acho bom de me dizê
Em riba daquele morro
Quantos capins pode tê!"

— "Se a sêca não matou
E se o gado não comeu,
Em riba daquele morro
Tem os capins que nasceu..."

— "Vou-lhe fazer uma pergunta,
Pergunta bem singulá:
Quero que você me diga
Quantos peixes tem no má."

— "Os peixes que tem no má
Eu cubro com meu chapéu:
Quero que você me diga
Quantos anjos tem no céu."

— "Os anjos que tem no céu
Eu cubro com meu lençol:
Quero que você me diga
Quantos raios tem o sol."

— "Os raios que tem o sol
Eu tapo com minha mão:
Quero que você me diga
Quantos dentes tem o cão."

— "Os dentes que tem o cão
É uma continha pouca:
São trezentos no queixal
Quatrocentos no céu da bôca."

A tradição oral do povo guarda o nome dos mais célebres cantadores do sertão, dos que mais o emocionaram, e cita-os nas festas, relembrando disputas passadas, desafios terríveis em tempos idos, pelos sambas ruidosos, ao som dolente e choroso das violas poéticas.

Não há sertanejo que não conheça os desafios célebres de Bem-te-vi e Madapolão, do cego Chico de Sales com o Néco Martins, do Romano da Mãe d'Água com o Inácio da Catingueira e outros muitos.

Pela memória do povo desfilam ainda os nomes gloriosos dos velhos cantadores — Manuel Riachão, Roberto de Belém, Manuel das Cabeceiras, Chico Damião, José Antônio da Cauã, Zé Maria, Mané Joaquim do Muquém, Manuel do Patichulim, Zé Cajá do Bananal, Pedro Simeão, Bilino das Frexeiras, Herculano do Messias, e entre êstes as cantadoras afamadas — Maria Tebana, Salvina e a negra Chica Barroso ou, pelo costume do sertanejo de dar flexão aos cognomes, Chica Barrosa que usava dêste imutável estribilho:

— "A negra Chica Barrosa
É faceira e é dengosa!"

Os apelidos dos cantadores são sempre fora do comum e seguidos pelo nome do lugar onde nasceram ou onde moram.

Quando um cantador se celebriza e torna-se conhecidíssimo por todo o sertão, os matutos, não acreditando

que sòmente o seu engenho supere tôdas as dificuldades do desafio e sòmente o seu talento o impeça de ser vencido, inventam que tem pacto com o diabo e, muitas vêzes, máxime se é negro, dizem que é o diabo em pessoa. É vêzo sertanejo dar esta explicação à celebridade de qualquer indivíduo. O cangaceiro Rio-Prêto, que também era cantador, uma vez travou um desafio com Manuel da Bernarda, numa fazenda dos Inhamuns. E o adversário não o podendo vencer, já falto de recursos, berrou para a dona da casa que o Rio-Prêto tinha os pés de pato, que era o demônio:

— "Senhora dona da casa,
Abra a porta e acenda a luz:
Estamos com o cão em casa,
Rezemos o credo em cruz!"

Diz a lenda que o negro deu um estouro e desapareceu numa nuvem de fumo, espalhando horrível fedor de enxôfre...

Manuel das Cabeceiras também assegurava ter cantado com o diabo em figura de moleque, que, descrendo de vencê-lo, gritou alto para todos ouvirem:

— "Sou um cabra arranca tôco,
Se afastem todos daí
Para não verem o papôco."

Nos sambas, antes de começarem os desafios, fazem-se as "louvações". É costume antigo de todo o cantador louvar as pessoas, escolhendo as mais gradas, os donos da casa. Os que são "louvados" dão-lhes sempre uma gorjeta e os namorados pagam para tirarem versos às suas prediletas. Há cantadores que vivem ùnicamente do que lhes rende a arte; e tal qual um rapsodo grego, coroado de mirtos, cantando pelas póvoas os

feitos da guerra de Illion, êles cantam pelas fazendas as doces modinhas e as poesias tradicionais do sertão:

— "Senhora dona da casa,
Saia fora ao copiar
Que os cantadô da ribeira
Querem todos lhe louvá."

— "O capitão delegado
É um moço de valô,
É bonito e é letrado,
Sabe mais do que um doutô."

Quando antipatizam com um tipo qualquer, achincalham-no, levam-no em troça entre os aplausos da assistência:

— "Sai-te daí, pinto chôco,
Vai-te banhá na maré,
Outros melhó do que tu
Apanham de pontapé."

— "Em riba daquela serra
Tem um pé de pacotê,
Debaixo tem um cachorro
Desovando pra você."

Uma vez estando um engenheiro muito feio, que andava em serviços de estrada de ferro pelo sertão, assistindo com outros a uma festa, um dos cantadores atirou-lhe esta quadra, depois de ter louvado ou intimado com todos os presentes:

— "Ó seu doutô Nascimento,
Carinha que Deus pintou,
Meta a mão nas algibeiras
E pague quem lhe cantou!"

No lirismo repentista do sertão, nas quadras, nas glosas e nas décimas que os cantadores improvisam, declarando paixões ardentes, exaltando o amor e a coragem, cheias de doce poesia e rústica singeleza, há muita coisa por demais interessante e inspirada que refulge viva no meio do verso tôsco como um fio de sol por entre uma escura fronde. Há quadras, sextilhas, décimas etc., de um lirismo natural, ingênuo, inimitável e de grande imaginação:

— "Quem disser que amor não dói
Desconhece amor, então:
Queira bem e viva ausente,
Veja lá se dói ou não."

— "Plantei amor no meu peito,
Pensando que não pegasse,
Tanto pegou que nasceu,
Tanto nasceu que ainda nasce."

— "Queria achar quem dissesse
Onde o pesar mais aumenta:
Se no peito de quem fica,
Se na alma de quem se ausenta."

— "Eu vi teu rasto na areia
E pus-me a considerar:
Grande mimo tem teu corpo
Se teu rasto faz chorar!"

— "Eu passei na tua porta
E bati na fechadura:
Eu falei, tu não falaste,
Coração de pedra dura."

— "Quando o mundo se acabar
Que não tiver mais ninguém,
Vai em minha sepultura
Que ainda te quero bem."

Outras envolvem comparações singelíssimas, ingênuas e delicadas:

— "O beiço do meu amor
Nem alfenim, nem cidrão,
Nem doce de marmelada,
Nem batata, nem queijada,
Nem a maior perfeição,
Nem cheiro da melhor flor,
Nem o mais fino sabor
Do que da Europa vem
Não tem o gôsto que tem
O beiço do meu amor."

Algumas deixam entrever uma leve ironia ou uma maldade sutil:

— "Menina, teu pai é pobre,
Tua mãe carrega lenha.
Menina, casa comigo,
Que eu sou mulato gamenha."

— "Ai! menina, pede a Deus,
Que eu peço a S. Vicente,
Que Deus nos junte, a nós dois,
Numa casinha sem gente."

— "Da minha casa pra tua
Já foi estrada real.
Mas agora é mata-virgem
Coberta de cipoal."

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Instituto de Pesquisas Econômicas

— "Esta noite andei de ronda
Como rato na parede,
Procurei, mas não achei
O punho da tua rêde..."

Quando o cantador canta, acanhadas e confusas, as moças singelas do sertão baixam as pestanas sedosas, escondendo os negros olhos sensuais, pensando nos namorados que as contemplam ardentemente, sem coragem de os fitarem de face...

As violas gemem, e lá fora, ao luar, os carnaubais sussurram ao vento da noite. De quando a quando, cortando o silêncio, um cão ladra; outro responde perto; outro, mais longe; ainda outro, mais distante, e outro ainda, remotamente...

Muitas vêzes, um dos circunstantes atira um mote para o cantador glosá-lo. Comumente são motes em quatro versos; e o cantador faz quatro glosas em décimas. Há glosas lindíssimas de sabor poético à maneira de Bernardim Ribeiro ou de Gonzaga, muito antigas, transmitidas de cor de pais para filhos. Citarei um mote e suas glosas como exemplo:

MOTE

— "Deixa-me, triste cuidado,
Da minha lembrança voa
Deixa esquecer esta ingrata,
Esta fera, esta leoa!"

GLOSAS

— "Memória, triste memória,
Lembrança, triste lembrança,
Não me avive esta esperança,
Pintai-me esta triste glória!
Foi sonho, ilusão, história,
Foi triunfo já passado,
Que o amor imaginado
É uma pura mentira;
Não me provoques mais ira,
Deixa-me, triste cuidado!"

— "Deixa-me viver contente
Com discretas fantasias
Lembrança de alegres dias,
Vai-te embora, deixa a gente!
Pensamento decadente
Que anda no mundo à toa,
Já não me lembra a pessoa
A quem amei com engano,
Atende meu próprio dano,
Da minha lembrança voa!"

— "Vai pra onde nunca mais
Me dês um leve tormento!
Vai para onde o vento
Leve os ecos de meus ais;
Lá naqueles arraiais
Onde de amor se não trata,
Aonde qualquer se jacta
De abandonar a Cupido;
Vai, pensamento querido,
Deixa esquecer esta ingrata!"

— "Deixa esquecer esta ímpia
Esta cruel, esta infame,
Esta não sei como chame,
O sumo da ironia;
Esta que da tirania
Tem cetro, tem trono e croa;
Esta que a mim me magoa,
Esta que a mim me consome;
Esta a quem não sei o nome,
Esta fera, esta leoa!"

Dessas glosas há muitas que o povo religiosamente conserva de cor, mas cuja autoria não pode explicar. E quem jamais poderá saber o nome do rústico poeta que improvisou cousas tão simples e tão belas?

A poesia também se manifesta nas orações sertanejas, porém mais como meio mnemônico, e nos acalantos de caricioso som, mas que amedrontam as crianças, com que as mães adormecem os filhinhos, embalando a pequenina rêde, cujos punhos rangem nos toscos armadores, desprendendo a taipa dos casebres que vai caindo no chão:

— "Sapo cururu
Da beira do rio,
Vem comer êste menino
Que não quer dormir!"

Ou, então, mais arrastado e mais amedrontador:

— "Fecha a porta, gente!
Cabeleira aí vem,
Matando mulheres,
Meninos também."

A expansibilidade poética do nortista é admirável. Raro o sertanejo que não seja dotado de grande verve repentista. Muitos versejam por qualquer ninharia, respondem às perguntas em verso, viajam cantando e cantando adormecem, sempre numa toada terna, monótona e de uma saudosa dolência.

Um caboclo sertanejo, meninote, vivo e esperto, guiava um comboio de mulas e liteiras. Era uma rica família que mudava de fazenda. Uma das moças da família chamou-o para um serviço qualquer, durante uma parada de repouso à sombra amena dos angicos. O guia custou a aparecer e, quando se foi aproximando, ouviu-a dizer a outra que, se fôsse para comer um pedaço de bolo, êle logo viria. O curumim glosou alto a frase, despertando a admiração:

— "Dê-lhe um pedaço de bôlo
Que o caboclo logo vem."

— "Na fazenda de meu pai
O periquito tem comido,
O preá tem destruído
Milho e feijão que ali hai.
De alvíssaras um vintém já
Que Deus lhe pagará bem,
E para vosso consôlo
Dê-lhe um pedaço de bôlo
Que o caboclo logo vem."

Era a glosa, em verdade, um pouco sem nexo; porém, que mais se poderia exigir de um pobre caboclo ignorantíssimo, com uns quinze anos de idade?...

Certos indivíduos têm pelo desafio uma verdadeira mania. Sacrificam tôdas as conveniências para cantar um desafio alegre, para vencer o adversário. Em Fortaleza havia um moço apaixonado cultor da musa repentista. Em qualquer samba a que fôsse, metia-se a cantar com quem aparecesse e levantasse a luva.

Uma noite, iam a cavalo para uma cidade próxima êle e alguns companheiros. A lua cheia espargia doce claridade branca pela larga estrada que serpeava entre densos arvoredos rumorosos. Cortavam o silêncio de onde a onde ladrar de cães, cantos distantes de galos, amiudando-se à aproximação da madrugada. Os rapazes galravam pelo caminho em fora. De repente, um terno e remoto som de viola vibrou no ar. E, logo, o bando alegre, farejando um samba, galopou por um atalho na direção do poético instrumento.

Ao pé de um carnaubal, numa tôsca cabana de palhas, havia um samba. As danças tinham parado; e um cantador, um caboclo já velho, com brancas falripas na face, sòzinho, sentado a um banco, tangia a viola humilde, cantando alto velhas quadras populares do sertão. O grupo apeou-se e acostou-se à casa, quando o cantador dizia alto uma quadra provocante:

— "Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus da Conceição!
Eu vi um pinto pelado
Botar um galo no chão."

E o rapaz, entrando, pela sala clara, foi sentar-se à ponta do banco, entre os roceiros pasmados, respondendo ao pé da letra a quadra provocadora:

— "Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus da Conceição!
Estás enganado, caboclo,
Não era galo, era capão!"

Continuaram o desafio, sòmente mudando os dois primeiros versos e mantendo os últimos: um a afirmar que fôra galo, outro a teimar que tinha sido um capão. Os companheiros esperaram muito tempo. Os galos mais amiudavam o canto, e uma suave claridade vinha já rompendo a negrura de um acolchoamento fantástico de nuvens, ao nascente. Convidaram-no a partir. Recusou. Os outros foram embora. Já manhã, com o sol a dourar vale e monte, alcançou em desabrida carreira os companheiros, e foi logo de longe, berrando alto na solidão luminosa da estrada larga e branca:

— "Encostei o caboclo, meninos!" E ria perdidamente, ainda rouco da luta.

A gente sertaneja ficou na alma, no sentir, o que ela era quando os portuguêses fundaram as primeiras vilas do sertão, no tempo das bandeiras aventureiras.

As poesias amorosas do sertão, as suas glosas e motes têm um sabor seiscentista. Hoje, o sertanejo deturpa-os. Mas ainda nêles se notam os traços da antiga cultura. Vê-se que foram criados por gente de certa instrução, certamente alunos ou professôres dos velhos seminários sertanejos.

Em cada povoado, os jesuítas fundaram uma escola, um seminário, uma casa de instrução, que hoje desapareceram sem ser substituídos.

É exemplo disso o mote que já citei, acompanhado de suas glosas e quadras da espécie desta:

— "Na relação de Cupido
Eu fui desembargador,
Mas não me lembra que desse
Sentenças contra o amor."

A evolução social e artística do sertão, em virtude de várias causas, foi retardada.

V

O verso sempre foi pela facilidade de ser guardado de memória preferido para imortalizar as tradições das gentes.

Todos os povos da antiguidade guardavam em verso as avoengas tradições de glória, bravura e lealdade. Homero cantou as argivas façanhas junto aos muros de Tróia e já os védicos poemas tinham perpetuado o valor dos povos arianos. Cuchullin e Fingal foram cantados por Ossian, e os menestréis medievos, de côrte em côrte, de castelo em castelo, andavam ao som do lute contando dos grandes feitos das cruzadas. Os jograis diziam rimances pelas feiras. Os escandinavos narravam as navegações polares nas admiráveis sagas rúnicas.

Todo o povo primitivo e simples conserva em verso, por mais facilidade de reter na tradição oral, as suas tradições e os acontecimentos notáveis que observou. É isto o que faz o sertanejo do Norte. Guarda em toscos versos tudo o que maior lembrança e maior impressão

deixou no seu espírito, todos os fatos menos comuns passados na ribeira. Êsses fatos são: a pega difícil de um barbatão trapaceiro, desnorteando a vaqueirama em corridas infrenes; as proezas de um boi semibravio, pôsto a preço pelo dono, incitando o desejo dos vaqueiros o haverem às mãos; a ensangüentada vida de uma onça temível, célebre por prear potros e devastar os rebanhos no descampado das várzeas, longe dos casais; o amontar-se de um bode ou de um carneiro notável pela côr, pelas diabruras que faz, por qualquer cousa; enfim, cousas de muito interêsse para o matuto, embora de nenhum para os que são alheios à áspera vida dos sertões.

Ainda hoje, os vaqueiros cantam numa toada plangente as façanhas do Boi Espácio, do Rabicho da Geralda, do Boi Adão, do Boi Pintadinho e do Boi Vítor. Nessas poesias, algumas muito longas, é sempre o animal quem conta a sua história:

— "Eu era um boi liso, rabicho,
Boi de fama conhecido,
Minha senhora Geralda
Já me tinha por perdido."

— "Digo eu, Boi do Vítor,
Nesta terra conhecido,
A grandeza do meu nome
Neste mundo tem corrido."

— "Eu sou o boi Pintadinho,
Boi corredor de fama,
Que tanto corro no duro
Como na várzea de lama."

— "Eu sou a célebre onça
Maçaroca destemida.
Mais de quinhentos podrinhos
Eu sangrei na minha vida."

Nessas versalhadas, perpassa tôda a história do animal ou do homem: perigos que correu, transes que atravessou, gente que lhe deu caça feroz.

Um facínora que se celebrize, um cangaceiro afamado, tem logo a sua história em verso, a sua epopéia, quase sempre em vinte e seis estrofes, começando cada uma com uma letra do alfabeto. A isto chamam os matutos um ABC; e essa ordem alfabética é um meio mnemônico bastante engenhoso e muito interessante. Para o sertanejo, a última letra do alfabeto é o til. Põe-no sempre no último verso, e, como com êle não pode começar palavra alguma, faz uma quadra engraçada, enfeixando por vêzes um conceito geral sôbre o assunto da poesia:

— "O til que é a última letra
Que na carreira do A B C tem,
A fortuna com que nasce
É a sina com que vem."

—"O til não fique de fora
Sem ter mais dilatação:
Enforquem o João André
E degradem a geração."

—"O til é letra morta
Nunca teve opinião. . ."

—"O til é letra do fim,
Vai-se embora o navegante,
Me procure quem quiser,
Cada hora e cada instante.
Me acharão sempre às ordens:
Jesuíno Alves Brilhante."

—"Falta o til que não pode ser escrito
Porque o mundo já dêle não faz conta..."

No sertão se conhecem centenas de versalhadas com essa forma. Citarei as principais. O A B C do João André, apelidado Canela Preta, facínora do alto sertão, imortalizado por um padre famoso nas lutas políticas do Ceará em começo do século passado — Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa:

—"A muitos anos vivia
João André fazendo morte,
Deixando órfãos e viúvas
Lastimando sua sorte."

"Basta ver em vinte e quatro
O que êle praticou:
Quatro livres brasileiros
Êle aqui afuzilou."

"Carregado de tormentos
É muito bom que pague agora,
Entregando sua vida
Numa fôrca sem demora."

O A.B.C. do bode, contando as façanhas dum grande bode branco que fugira para os matos e zombava dos que tentavam pegá-lo ou matá-lo; atrás de quem vaguearam muitos em doidas correrias com o caprichoso desejo de o haverem às mãos:

— "Avia um bode nos Grossos
Do senhor Francisco Gomes:
Para pegá-lo no mato
Nunca nasceu êsse home.
Se não é como lhe digo
As aparências me consome."

O que perpetua o nome sangrento de Jesuíno Brilhante, cangaceiro da Paraíba, criminoso terrível, mórbido, tarado, com psicopatias esquisitas:

— "Agora com geral cilícia,
Todos na sociedade,
Quando chegou a notícia:
Jesuíno na cidade,
Eram todos a dizer
Por certo há novidade."

O dos macacos, narrando uma velha anedota sertaneja dum cavalo que se fingiu morto no roçado para que os macacos que vinham roubar milho nêle se amarrassem com cipós, a fim de arrastar o cadáver para fora do seu repasto. Quando todos os macacos estavam amarrados, o cavalo ergueu-se de súbito e aos galões e corcovos arrastou-os em doida arrancada até à fazenda, onde o amo espingardeou o bando prisioneiro de quadrúmanos:

— "Hera o cavalo por morto,
Que com pés nem mãos bulia,
Os macacos em folia,
Saltaram nêle um e outro.
O cavalo com confôrto,
Com sustento de verdura;
Porém, como nada dura
E quem deve há de pagar,
Jacó mandou amarrar
Os cipós pela cintura."

E o do frade, o mais bem feito que conheço, com rimas admiráveis, rica imaginação e forma camoniana:

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Instituto de Pesquisas Econômicas

— "Amanheceu a aurora aquêle dia
Que catorze de março se contava,
Mais tarde do que nunca, porque viam
Que o ar duma negra sombra se turvava,
Aves dos ninhos ainda dormiam,
Abelhas nos cortiços já roncavam,
Porque ver não queriam, minhas mágoas
Aves, abelha, aurora, ares e águas."

E todo o A.B.C. é dêste feitio, terminando as estrofes numa série de palavras com a mesma inicial. Algumas formam em vez duma enumeração uma frase amorosa: "Queixoso quebrantarei, se tu quiseres."

Pondo de parte os defeitos e erros de linguagem e métrica que o sertanejo ignorante não poderia deixar de praticar, tôda a poesia do sertão é digna de acurado estudo, e ao A.B.C. cabe um dos melhores lugares entre as manifestações do folclore nacional.

Na poesia tradicional do sertanejo, a par da história dos fatos, vêem-se a sátira e o motejo, por vêzes cruéis e bastante fortes, geralmente irônicos e duma grande sutileza, à maneira de leves alfinetadas.

Diz, por exemplo, o bode dos Grossos no seu A.B.C.:

— "Lino Pereira Cacundo
Com os seus pés de pavão,
Em riba do Caraúba
Veio a mim uma ocasião.
Cuidava êle que eu estava
Cozinhado com feijão..."

Rolando êsse barulho,
Era só no que se falava,
Também o negro José
Disse até que me pegava.
Coitadinho dêsse negro
Que eu nem dêle me lembrava!"

Não há fato por mais insignificante que pareça que o sertanejo não guarde em verso. De certo tempo para cá, andam missionários protestantes a pregar pelo sertão a superioridade do seu culto sôbre o católico. Muitos sertanejos se convertem às prédicas dos ministros evangelistas. Os vigários dos povoados anatematizam do alto do púlpito a nova religião. E o sertanejo que fica católico despreza, detesta mesmo, o que se torna protestante. Chama-o "nova-seita". Pois isto já passou ao domínio tradicional da poesia. Corre os sertões uma longa poesia em trinta sextilhas, na qual se conta que, indo uma velha "nova-seita" buscar lenha no mato, morreu. Um urubu descobriu o cadáver e começou a comê-lo. Mas o ministro protestante, prevenido do fato, foi buscá-lo. Quando o urubu viu que a velha era "nova-seita" teve repugnância da sua carniça e encetou uma discussão religiosa com o pastor, que procurava convencê-lo da beleza do protestantismo. Por fim, um santo que assistira à discussão do urubu com o padre protestante bateu palmas aplaudindo-o, e o diabo, oculto atrás das árvores, resmungou: "Amém!"

Há sextilhas ridicularizadoras de uma grande fôrça, outras de muito espírito e de muito sarcasmo:

— "Disse o ministro: Urubu,
Não tens alma, está provado,
Porém devias ter crença,
Não ser tão obstinado.
Queres entrar na "nova-seita"?
Lá tu serás batizado."

— "Disse então o urubu:
Você vai mal com a receita.
Coração tenho pra amar-te,
Mas estás na "nova-seita"...
És um dos que, quando morrem,
Nem o couro se aproveita."

O cantador acaba de cantar num samba, onde esgotou todo o seu repertório e cansou de improvisar; despede-se e larga pela estrada deserta, enluarada, com passo vagaroso, dedilhando preguiçosamente a viola, cantando ainda muito alto um vilancico doce, saudoso, que demora no ar como um queixume lânguido e lentamente se apaga como um suspiro de amor:

— "Vou-me embora, vou-me embora,
Para minha terra eu vou,
Que eu aqui não sou querido,
E na minha terra eu sou."

— "Vai-te embora, estrêla-d'alva
Deixa o dia amanhecer,
Que eu também já vou me embora
Vou penar, vou padecer!"

A LENDA

I - LENDAS RELATIVAS AO MUNDO NATURAL — II - LENDAS RELATIVAS AO MUNDO SOBRENATURAL

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Instituto de Pesquisas Econômicas

I

Como todo o povo conservador, o sertanejo guarda e transmite suas lendas e fábulas. E, tanto numa como noutras, é bem difícil, às vêzes, determinar a maior co-participação de uma das três raças produtoras dos seus atuais tipos étnicos, de tal modo já se vai dando a fusão das suas crendices.

O sertanejo não tem reminiscências totêmicas; às vêzes constrói ciclos de lendas explicativas, consubstanciando-as em animais. Objetiva-as em alguns dêles, máxime para sintetizar certas e determinadas qualidades humanas: a rapôsa representa a esperteza, o gavião a malvadez, a onça a ferocidade, o gato as encarnações do espírito mau, quando é prêto, etc.

Essas fábulas são, às vêzes, em versos, como a do casamento do rato com a catita, em que se explica a inimizade do cachorro e da cutia. Começa com uma evocação do modo de vida de cada bicho ao tempo em que os animais falavam:

— "No tempo que os animais
Seguiam a civilidade
O mundo era mais melhor
Do que na atualidade...

. . . .

O tigre era juiz de direito,
O burro era doutor,
O macaco era escrivão,
A preguiça coletor.

. . . .

Nesse tempo, o jovem rato
Habitava num chalé
E namorava a catita,
A filha do punaré..."

No decorrer do namôro, o rato abusa do amor da noiva e foge. Põe-se tropa em sua procura e, ao narrar a sua prisão, mais uma vez se desvenda a alma irônica do sertanejo:

— "Avistaram o criminoso
Lá em cima dum penedo:
Muitos soldados correram,
Outros morreram de mêdo."

. . . .

Por fim, o rato resolve casar e, durante o banquete de noivado, o cachorro, que era delegado de polícia, trava-se de razões com a cutia; alguns animais tomam o partido dela, outros o dêle; há verdadeira conflagração:

— "Desde êsse dia ficaram
Os animais intrigados..."

•

As histórias de animais são, por vêzes, muito engraçadas e muito interessantes. Vou narrar uma e por ela se poderá ver qual a maneira por que tôdas são feitas e como é digna de nota a descrição da eterna luta entre os animais da selva.

Passara a manhã chovendo, e o cancão, todo molhado, sem poder voar, estava tristemente pousado à beira de uma estrada. Veio a rapôsa e levou-o na bôca para os filhinhos. Mas o caminho era longo e o sol ardente. Mestre cancão enxugou e começou a cuidar do meio de escapar à rapôsa. Passam perto de um povoado. Uns meninos que brincavam começam a dirigir insultos à astuciosa caçadora. Vai o cancão e fala: — "Comadre rapôsa, isto é um desafôro! Eu se fôsse você não agüentava! Passava uma descompostura!..."

A rapôsa abre a bôca num impropério terrível contra a criançada. O cancão voa, pousa triunfantemente num galho e ajuda a vaiá-la...

Outras dão a explicação do gôsto e predileção de um animal por certo e determinado alimento.

O rio deslizava mansamente e no fundo da água, a um canto, a traíra cochilava na rêde, adoentada. Chega o pescador, atira o anzol com um pedacinho de carne fresca. A traíra chama uma das filhas:

— "Isabel, minha filha, vê o que é."

— "Mamãe, é um pedacinho de carne fresca!"

— "Não quero, não. Isto é lá comida de doente!"

Vendo que o peixe não beliscava o anzol, o pescador muda a isca. Agora é uma perninha de passarinho. Nôvo e idêntico diálogo no fundo do rio. O pescador substitui-a por uma patinha de caçote.

E a traíra, ao saber disto, brada com pressa para a filha:

— "Anda, Isabel, traz minhas chinelas; perninha de caçote é comida de quem está doente!"

Quase sempre as fábulas são de origem européia, adaptadas aos animais e às cousas do sertão; são também, às vêzes, originárias dos índios, embora idênticas às da Europa, porque é fato conhecido que lendas idênticas com determinações diversas são encontradas em tôda a parte, desde a Colúmbia Inglêsa e o seu ciclo

do Corvo, ao dilúvio africano, à Cendrilon, ao próprio Polifemo de Homero.

Tôdas as lendas são tristes; algumas são até sombrias. Simbolizam o áspero meio dos sertões. Representam, quase sempre, a hostilidade do meio aos desbravadores dos centros inóspitos do Norte nos tempos da colonização. Grande número delas poderiam ser grupadas em um ciclo, porque quase tôdas partem do litoral para o interior. Depois, procurar-se-iam as velhas lendas autóctones, para construir um novo ciclo em sentido contrário, do interior para as praias.

II

As lendas relativas ao mundo sobrenatural existem em maior quantidade e são mais preferidas pelo sertanejo, por causa de sua grande inclinação às superstições. Não são lendas primaciais, lendas de explicação de fenômenos, porque a religião católica lhes dá a origem do mundo, mas são reminiscências de antigas crenças, algumas ainda guardando o cunho perfeito da raça que as produziu, outras já completamente misturadas e fundidas, outras cuja origem se não pode determinar, embora não pareçam ter um único berço.

As principais lendas herdadas do português são a do diabo, a do lobisomem, a da burra-de-padre e as lendas bíblicas sôbre a Virgem Maria, a paciência de Jó etc.

A do diabo é interessantíssima pelo modo por que êle se apresenta, completamente diverso das crenças dos outros povos. É bonito, bem vestido, tipo de homem decidido e audaz, mas tem os pés de pato e os dentes luzentes, de prata nova. Havia uma moça muito boa numa ribeira do alto sertão. O diabo apaixonou-se por ela, namorou-a e pediu-a em casamento. Mas na noite do noivado um menino descobriu os pés do anjo maldito e pôs-se escandalosamente a berrar em meio da sala que o noivo tinha pés de pato. Então, descobriram a manha de satanás. O padre aspergiu logo a casa com água benta, e o capiroto estourou. Demorou no ar um grande cheiro de enxôfre.

O diabo aparece bem vestido e a cavalo, de tarde ao pôr do sol, quando as moças vão buscar água às cacimbas; encarna-se nos gatos pretos e, às vêzes, voa junto com as corujas. Tôda a comida que se deixa cair no chão êle come, tôda a vez que se diz o seu nome êle toma nota num pedaço de papel. É o grande herói de tôdas as tentações e quem impele a grei humana para todos os vícios.

Todo sujeito amarelo vira lobisomem. Nas noites de quinta para sexta-feira, veste a roupa pelo avêsso, espoja-se muito tempo no espojadouro dos burros e cavalos, por sôbre o estrume, e depois sai a correr, com grandes orelhas esvoaçantes, roncando. Triste de quem o encontrar! Não há cacête que lhe faça mossa, nem bala que lhe rompa o couro; só se pode lutar com êle armado com uma faquinha curta e dura.

Uma pobre mulher era casada com um sujeito amarelo, "come-longe", contou-me um vaqueiro. Ia uma tarde com o marido pelas várzeas. De repente, êle deixou-a, internou-se no mato, prometendo voltar logo. Demorou algum tempo. E um monstro enfurecido e horrendo saiu das moitas, atirando-se à apavorada mulher. Ela conseguiu trepar numa grande árvore, mas ainda assim o monstro lhe arrancou dos ombros o chale de lã encarnada e estraçalhou-o com as patas e os dentes. Arremeteu por fim para o mato e desapareceu. Passados alguns momentos o marido voltou. Ela contou-lhe tudo. Riu-se e fêz que não acreditava.

No outro dia, em casa, ao acordar, a mulher olhou para o marido que ressonava de bôca aberta. Nos dentes, enganchados, avermelhavam fiapos do chale. O lobisomem era o marido. Durante muitos anos, ela viveu com êle; e tôdas as noites de quinta para sexta-feira o pobre saía para o triste fado.

Quando uma mulher foi amante de um padre, aparece depois de morta sob a forma de uma mula sem

cabeça que vaga em doidas correrias pelos matos e que só se desencanta ao topar no caminho uma cruz de ramos bentos. De noite, muitas vêzes, um barulho qualquer de animal a galope, bufando, desperta o sertanejo medroso de assombramentos. Êle encolhe-se na rêde e reza. É a burra-de-padre que vai passando...

O sertanejo ainda guarda certas recordações das velhas lendas sôbre a influência e o poder maléfico ou benéfico dos astros, lendas que são de tôda a humanidade.

Sempre que corre uma estrêla no céu êle rosna apreensivo:

— "Deus te guie, Zelação!"

Quem aponta com o dedo para as estrêlas cria verrugas.

As mães mostram os filhinhos logo depois que nascem à face redonda e pálida da clara lua do sertão, pedindo-lhe que sempre seja amiga do seu filho, desejando que a estrada de sua vida seja tão branca como a luz do astro poético.

O indígena forneceu um contingente notável de lendas ao folclore do Norte.

O fogo-fátuo é tido pelo sertanejo como um espírito errante, vagabundo, por vêzes mau. Chama-lhe "batatão". Batatão é o equivalente ao boi-tatá do Sul e ambas as palavras vêm do indígena: *boi* ou *mboy* — cobra, *tatá* — fogo, cobra de fogo, segundo uns; *mbaê* — cousa, *tatá* — fogo, cousa de fogo, segundo outros.

Em Sergipe o batatão tem um nome especial e muito interessante — "jan-de-la-foice".

Porém as mais belas e mais conhecidas fábulas do índio são a da mãe-d'água, — a iara, e a do caipora.

Nas noites de luar, a mãe-d'água senta-se cantando nas fôlhas de agua-pé e vai boiando docemente pela face lisa das lagoas, com os seus longos cabelos verdes como o limo, leves como as algas, desnastrados, cobrindo-lhe as espáduas redondas, emoldurando-lhe o rosto lindo, onde luzem os olhos tentadores e úmidos que atraem para a morte — a morte suave de um abraço divino, e ardente, e sensual dentro da água gelada!

O caipora, pequenino e esperto, é o gênio da floresta, o defensor das matas, por onde passeia montado num porco selvagem; é o senhor das caças.

Não há bala que o mate, ferro pontudo que o fira. Governa a caça a seu bel-prazer, negando-a aos caçadores que lhe não trazem no patuá o presente singelo e por êle desejado de um bom pedaço de fumo. Não há caçador que se arrisque pelo mato sem fumo. Pode encontrar o caboclinho e decerto lhe acontecerá qualquer desgraça.

Alguns sertanejos contam de um gigante chamado Gorjala que habita as serras penhascosas, e, quando encontra um indivíduo, mete-o debaixo do braço e vai comendo-o às dentadas. Parece esta lenda ser de origem européia; mas quem o poderá afirmar? Pode também ser do índio ou mesmo até do negro.

Há lendas genuìnamente sertanejas, porém com reminiscências indígenas, africanas ou portuguêsas, criadas mesmo no sertão, tendo personagens do próprio meio e da própria religião católica, conforme o sertanejo a compreende e pratica. É exemplo disto a lenda em verso do pai que quis casar com a filha, lenda que recorda em certos pontos o conto de Pele de Burro:

— "Estava ela chorando,
Viu S. José chegar...
Maria, minha afilhada
O que foi isto por cá?
É meu pai, meu padrinho,
Que quer comigo casar."

— "Maria, tu diz a êle
Que estrada aberta é caminho.
Pede-lhe que compre um vestido,
Das árvores com as folhinhas."

Assim, pedindo vestidos extraordinários, ela foi iludindo o velho e ganhando tempo, até que, não se acalmando a sua paixão, S. José veio buscá-la, enquanto o diabo carregava o pai apaixonado para as fogueiras do inferno.

É dêste modo, assumindo formas sertanejas, que as velhas histórias fantásticas da Europa se vão identificando com o meio que as recebe e se integralizando na rudeza do povo que as transmite.

Lendas e contos há em que a mistura das três raças é quase completa. Contam no sertão dumas moças perseguidas por gigantes horríveis, de três olhos, de dois

olhos, de um ôlho só; elas fugiam e cantavam para os afugentar trovas com palavras africanas e indígenas:

— "Que eu, cama-cama
Que eu catolé...
Ó Zarizê
Cum Zarizê..."
— "Cachori-choli-cholê
Ó cum manga, cum mangueira,
Pois manuê cum manuê."

As moças trepam em árvores e os gigantes querem derrubá-las, cantando com grossa e horrenda voz:

— "Ó Zariguê cum zariguê
Pau... pau... pau... pau..."

Um pássaro de rica plumagem salvou as moças, levando-as da árvore pelos ares e depois casou com a mais moça e mais bonita delas...

O matuto acredita em almas penadas, visagens que aparecem pelos caminhos desfreqüentados, nas taperas, sob os arvoredos sombrios, alta noite. Crê que elas vêm pedir orações e missas ou indicar o lugar onde enterraram dinheiro, quando eram vivas. O indivíduo que tem coragem de falar com uma alma, que é sempre um alto e esguio vulto, fanhoso, com as costas em fogo, jorrando labaredas, e desenterra o dinheiro do defunto, não deve entupir o buraco da escavação. Se o entupir, morrerá.

As velhas contadoras de histórias, os cantadores rústicos, são os principais agentes de transmissão de

tôdas essas lendas, nas quais se chocam e emaranham as crendices de três raças opostas, que viveram durante séculos em contato, que se vão fundindo uma nas outras e se misturando de tal modo até formarem dentro em pouco um tipo étnico, que será a resultante de tôda essa ancestralidade e enfeixará tôdas as suas inclinações, sendo o tipo exato do brasileiro do Norte...

...Mas, nesse tempo, quando o Brasil rico e poderoso, marchar na vanguarda das nações, ocupando o lugar que lhe compete entre os países mais fortes e mais progressistas, perdida já será a memória dêste livro que não é mais do que a narração verídica dos usos, dos costumes, dos sentimentos e das tradições do Ceará e suas zonas limítrofes, da Terra de Sol; que não é — e nem pretende ser mais do que o depoimento de um nortista...

ÍNDICE

Terra de Sol — 50 Anos .... Pág. 7

O MEIO

I — Sêca e Inverno (A Terra) .... " 17
II — A Entrega (A Pecuária) .... " 44
III — O Roçado (A Agricultura) .... " 52

OS ANIMAIS

I — O Cachorro .... " 63
II — O Cavalo .... " 76
III — O Gado .... " 82
IV — As Avoantes .... " 85

O HOMEM

I — Tipos Desaparecidos (Passadores de Gado) " 91
II — Tipos Anormais (Cangaceiros e Curandeiros) " 98
III — Tipos Normais (Sertanejos, Fazendeiros e Vaqueiros) .... " 134

A ARTE

I — A Fazenda (Arquitetura) .... " 153
II — Os Ferros (Desenhos) .... " 156
III — As Côres .... " 162
IV — Os Divertimentos (Música e Dança) ...... " 166
V — A Poesia .... " 176

A LENDA

I — Lendas Relativas ao Mundo Natural ..... " 211
II — Lendas Relativas ao Mundo Sobrenatural . " 215

PERGAMUM
BCH-UFC

O presente trabalho foi composto e impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Universitária do Ceará Av. Visc. de Cauípe, 2932 - Fortaleza